

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CORA CORALINA - SEDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM GEOGRAFIA**

JHONATAN SOARES CAMPOS

**PRÁTICA DO TURISMO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NO
CERRADO: POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES DA
SERRA DOURADA (2021-2023)**

Goias/GO
2023

JHONATAN SOARES CAMPOS

**PRÁTICA DO TURISMO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NO
CERRADO: POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES DA
SERRA DOURADA (2021-2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO/UEG), como pré-requisito para o título de Mestre em Geografia.

Linha de pesquisa: Dinâmica Territorial do Cerrado

Orientador: Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza

Goiás/GO

2023

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA
BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

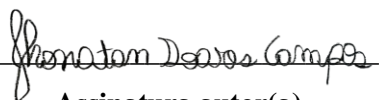
Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do (a) autor(a).

Dados do autor (a)Nome completo Jhonatan Soares CamposEmail jhonatamsoares2013@gmail.com**Dados do trabalho**Título PRÁTICA DO TURISMO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NO CERRADO:
POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES DA SERRA DOURADA (2021-2023)

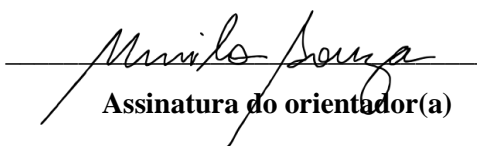
Tipo:

 Tese DissertaçãoCurso/Programa Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás PPGEO
UEG

Concorda com a liberação documento

 SIM NÃO¹Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.Goiás-GO, 06 de fevereiro de 2024

Assinatura autor(a)



Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

C198p	<p>Campos, Jhonatan Soares.</p> <p>Prática do turismo e conservação ambiental no Cerrado : possibilidades e potencialidades da Serra Dourada (2021-2023) [manuscrito] / Jhonatan Soares Campos. – Goiás, GO, 2023.</p> <p>154 f. ; il.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023.</p> <p>1. Turismo ambiental. 1.1. Serra Dourada – Goiás, GO. 1.2. Território. 1.3. Meio ambiente. 1.4. Preservação. 1.5. Ecoturismo. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.</p> <p>CDU: 379.85:504(817.3)</p>
-------	--

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
(Criada pela lei nº 13.456 de abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu
UEG CÂMPUS CORA CORALINA
Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000
Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 10/2023

Aos quinze dias do mês de setembro de dois mil e vinte e três às dezesseis horas, realizou-se o Exame de Defesa de dissertação do(a) mestrando(a) **Jhonatan Soares Campos**, intitulado: “**PRÁTICA DO TURISMO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NO CERRADO: POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES DA SERRA DOURADA (2021-2023)**”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores doutores: Murilo Mendonça Oliveira de Souza (Presidente - PPGEO/UEG), Carlos de Melo e Silva Neto (IFG) e Ricardo Júnior Assis Fernandes Gonçalves (PPGEO/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo mestrando e seu(sua) orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o presidente da banca examinadora, Prof.(a) Dr.(a) Murilo Mendonça Oliveira de Souza proclamou que a dissertação encontra-se aprovada (X) ou não aprovada () ou aprovada com ressalva () e com as seguintes exigências (se houver):

Cumpridas as formalidades de pauta, às 18:30 horas a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 15/09/2023.

Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza (Presidente)

Prof. Dr. Carlos de Melo e Silva Neto (IFG)

Prof. Dr. Ricardo Júnior Assis Fernandes Gonçalves (PPGEO/UEG)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que acreditaram na minha caminhada. A todos os integrantes da **Universidade Estadual de Goiás**, no **Campus Cora Coralina**, cidade de Goiás. Lugar que com muito orgulho considero um lar. Lá me formei, hoje sigo repassando e aplicando os ensinamentos que tive dentro e fora da sala de aula.

Agradeço à minha companheira de trilhas, aventuras e de vida **Vanessa de Almeida Fernandes**, por ser a base da nossa família e a pessoa que mais me faz feliz nesse mundo, é minha confidente e minha sustentação. Gratidão por me presentear com nossa maior riqueza, nossa filha **Aurora Almeida Campos**, hoje com 2 anos, vivendo conosco todo o processo do antes, durante e depois da pesquisa.

À minha avó **Tereza de Fátima Pereira Soares**, que descansou em 2016 e me deu tudo que o dinheiro não pode comprar. Ao avô **Dimas Adolfo Carvalhaes**, que me tornou, através de uma vida dura e digna, o homem que sou hoje. À minha irmã **Jheneffer Soares Campos**, que sempre esteve ao meu lado na infância e em parte da vida adulta, e, nos dias atuais nos presenteou com a minha sobrinha **Liz Soares Santos**. À minha tia **Alessandra Soares da Silva**, que vive em prol do melhor para mim e minha irmã. À minha mãe, **Raquel Lilian Soares da Silva**, que esteve pouco tempo comigo, mas me ensinou que o amor sempre tem que prevalecer.

Aos parceiros do curso superior de **Turismo**: **Diego Mendonça**, **Amanda Borges**, **Jade Magalhães** e vários outros que me estimularam a ser sempre melhor. Aos parceiros do **Gwatá**: **Murilo**, **Robson**, **Eduardo**, **Dedel**, **Gleida** e muitos outros que me ajudaram a aprimorar meu senso crítico, compreendendo melhor o mundo e suas particularidades.

Aos professores do **Programa de Pós-Graduação em Geografia**, que muito me ensinaram em cada disciplina ministrada: **Thatiana Salgado**, **Vera Lúcia Pessôa**, **Auristela Costa**, **Edson Silva**, **Jean Santos**, **José Carlos Souza**, **Júlio Borges**, **Ricardo Gonçalves** e **Vinícius Druciaki**. Aos colegas do PPGEQ que acolheram um turismólogo no mundo dos geógrafos e sempre me deram apoio prontamente em todas as dificuldades, muito obrigado. Deixo meu sincero agradecimento a **Murilo**

Mendonça Oliveira de Souza, que foi meu orientador para além do ambiente acadêmico.

Aos parceiros e amigos do **Turismo**, **Rodrigo Santana**, **Orlei de Souza** que me apresentaram a **Serra Dourada** e os lugares que frequentam nela há mais de 30 anos. Aos amigos caminhantes e ciclistas, **Teruó**, **Heitor**, **Thiago**, **Murilo** e **Diego** que me acompanharam em diversas expedições exploratórias por ali, obrigado!

O agora é fruto do antes, sofrido, melhorado e amadurecido. Antes contei com tanta gente que olhando para trás me vem a gratidão, sentimento que aflora com a certeza de que a universidade pública muda vidas. Aqui é o início de um novo ciclo, onde a ciência, a pesquisa e o entendimento da complexidade das coisas tornam as pessoas e conseqüentemente, o mundo melhor.

Concluo, afirmando o compromisso de continuar lutando pela igualdade, pelo cerrado, por uma vida digna, proveitosa e feliz para quem está aqui e para quem ainda está por vir.

*Aqui na sutil matéria em que piso,
algures foi sertão bonito
de incógnita inocência
das brutezas que repiso.*

*Tudo tem um limite sábio.
Não ser. E ser:
desvãos que corroem toda memória.*

*Às vezes, se os cajueiros novos
florescem,
é mais útil morrer pelos inocentes
do que cambaleiar pernas inúteis.*

*Uma vez sonhei tudo isto.
Será que, em belo dia,
terei inventado o Cerrado?*

*Não, não, não. Ele, ó inclemente
Cerrado,
Inventou-me.*

Paulo Bertran

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Desmatamento no bioma Cerrado (km ²) nos últimos 20 anos	27
Gráfico 02 - Visitação à Reserva Biológica da UFG e ao PESD, 2019.	97
Gráfico 03 - Visitação à Reserva Biológica da UFG e ao PESD, 2020.	98
Gráfico 04 - Visitação à Reserva Biológica da UFG e ao PESD, 2020.	99

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Formação Serra Dourada.....	38
Mapa 02 - Mapa das bacias hidrográficas no contexto da Serra Dourada.	48
Mapa 03 - Rede de drenagem no território da Serra Dourada.	49
Mapa 04 - Córregos, Ribeirões e Rios que nascem na Serra Dourada.	50
Mapa 05 - Divisão das Microrregiões hidrográficas Alto Araguaia e Alto Tocantins na Serra Dourada.	52
Mapas 06 a 11 - Mapas de uso e ocupação do Solo na região da Serra Dourada.....	66
Mapa 12 - Assentamentos Rurais no território da Serra Dourada.	72
Mapa 13 - Áreas dos assentamentos Bom Sucesso e o Buriti Queimado no Município de Goiás e Área do Parque Estadual da Serra Dourada.....	77
Mapa 14 - Proposta de nova delimitação do Parque Estadual da Serra Dourada (PESD).	79
Mapa 15 - Trilha percorrida no trabalho de campo - Principal acesso a Reserva Biológica Prof. José Ângelo Rizzo e ao Parque Estadual da Serra Dourada.	96
Mapa 16 - Trilha percorrida no trabalho de campo, Cânions da Serra Dourada.	104
Mapa 17 - Trilha percorrida no trabalho de campo, Travessia da fazenda Quinta ...	105
Mapa 18 - Trilha percorrida no trabalho de campo Travessia da Casinha.	108
Mapa 19 - Trilha percorrida no trabalho de campo, Trilha da Juventude	110
Mapa 20 - Trilha percorrida no trabalho de campo, Trilha das Nascentes.	111
Mapa 21 - Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada em 2019, -1ª rota.	113
Mapa 22 - Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada 2021, 2ª rota. 1º dia...	114
Mapa 23 - Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada 2021, 2ª rota. 2º dia ...	116
Mapa 24 - Trajeto Caminho de Cora Coralina.	130
Mapa 25 - Caminho do Pai.	134
Mapa 26 - Turismo na Serra Dourada.	135

LISTA DE FOTOS

Foto 01 - Front da Serra Dourada	39
Foto 02 - Reverso da Serra Dourada ,.....	40
Foto 03 - Mirantes do Areal – Formação rochosa no topo da Serra Dourada.....	44
Foto 04 - Cidade de Pedra – formação rochosa no topo da Serra Dourada	45
Foto 05 - Caminho da Pedra Goiana – formação rochosa no topo da Serra D.....	46
Foto 06 - Cidade de Pedra – formação rochosa no topo da Serra Dourada.....	47
Foto 07 - Córrego Cafundó e Unidade de Captação de Água de Mossâmedes.	53
Foto 08 - Cerrado no Front e Reverso da Serra Dourada.....	54

Foto 09 - Fitofisionomias de Cerrado na trilha principal da Serra Dourada.	56
Foto 10 - Principais frutos encontrados na Serra Dourada	57
Foto 11 - <i>Tibouchina papyrus</i> (pau-papel) no cerrado rupestre.	59
Foto 12 - Gavião de Penacho em Gonçalves Alves	60
Foto 13 - Acampamento dos garimpeiros e garimpo na Serra Dourada.	80
Foto 14 - Serra Dourada - Serra do Gigante/Cachoeira do Gigante	81
Foto 15 - Gruta da Coruja - Serra Dourada	93
Foto 16 - Cidade de Pedra - Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo.....	94
Foto 17 - Mosaico de imagens - Cânions da Serra Dourada - PESD.	103
Foto 18 - Mosaico de Imagens - Travessia da Casinha Serra Dourada PESD.	107
Foto 19 - Mosaico de Imagens. Poço da Juventude – PESD.	109
Foto 20 - Mosaico de Imagens. Sorriso da Serra Dourada – PESD.	115
Foto 21 - Mosaico de Imagens. Parque Natural Municipal da Estrada Imperial - Parque da Carioca - APA. Dr. Sullivan Silvestre.	120
Foto 22 - Mosaico de Imagens. Balneário R. S. Ant. Paredão - Buriti de Goiás.	124
Foto 23 - Mosaico de Imagens. APA Serra do Gigante - Cachoeira do Gigante. Itaporanga	127

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Cortes geográficos da Serra Dourada	41
Figura 02 - Esquema Morfológico da Serra Dourada.....	43
Figura 03 - Drenagens da Serra Dourada apresentado por Walter Casseti. 1990.....	50
Figura 04 - Fitofisionomias do Cerrado.	55
Figura 05 - Comentário público no Google Maps. Parque Estadual da Serra Dourada	100
Figura 06 - Perfil Público do Mel Vale da Serra na rede social instagram.	101
Figura 07 - Comentário público no Google Maps. Balneário e Clube Sto. Antônio	118
Figura 08 - Comentário público no Google Maps sobre o Mirante de Goiás.	122
Figura 09 - Sinalização do Caminho de Cora Coralina.....	129
Figura 10 - Comentário público no Google Maps. Caminho de Cora Coralina.....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Sequência Litológica da Serra Dourada	42
Quadro 02 - Unidades de Conservação (UC)	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A QUESTÃO AMBIENTAL NO CERRADO: algumas reflexões preliminares. ...	16
1.1 Alguns elementos conceituais sobre a natureza e a questão ambiental.	16
1.2 A natureza do Cerrado: características ambientais e ameaças.	24
1.3 Por uma leitura territorial da questão ambiental no Cerrado.	29
2 A SERRA DOURADA.	36
2.1 A Serra Dourada em sua perspectiva de formação natural... ..	37
2.2 Ocupação humana e avanço colonizador no território da Serra Dourada.	61
2.3 Uso e ocupação do solo no território da Serra Dourada: entre a degradação e a conservação do Cerrado.	65
3 O TURISMO E A CONSERVAÇÃO DO CERRADO NA SERRA DOURADA.	84
3.1 Conceituando Turismo	84
3.2 Desenhando um território turístico da Serra Dourada.	88
3.3 Turismo na Reserva Biológica Prof. José Ângelo Rizzo, Parque Estadual da Serra Dourada e Área de Proteção Ambiental Dr. Sullivan Silvestre.	92
3.4 Trilha do Paredão em Buriti de Goiás e a Relação com o Turismo.	122
3.5 Trilha da Serra do Gigante em Itapuranga-GO e sua relação com o Turismo. ..	125
3.6 Caminho de Cora Coralina e Sua relação com a Serra Dourada.	128
3.7 Caminho do Pai como uma possibilidade de conexão.	133
3.8 O Turismo e sua relação com a Serra Dourada.	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	143

RESUMO

A relação entre sociedade e natureza assumiu, historicamente, diferentes perspectivas práticas e entendimentos teóricos, atendendo a diversos interesses. O advento do capitalismo contribuiu na consolidação de uma separação rígida da humanidade com o ambiente natural, quando se passa a visualizar os bens naturais enquanto recursos a serem utilizados ilimitadamente para satisfazer as demandas humanas. A partir da segunda metade do século XX, no entanto, a preocupação com o esgotamento irreversível dos recursos naturais origina um movimento global de debate sobre a questão ambiental. Juntamente com tal debate surgiram cientificamente ou não diversas abordagens e ações direcionadas à conservação ambiental. O Cerrado é inserido nesse contexto, por suas características naturais, como território de segunda classe, sendo visualizado como espaço a ser ocupado produtivamente a despeito de qualquer dano ambiental que possa ser causado. Na esteira das estratégias de conservação ambiental do Cerrado, destacamos aqui as práticas turísticas enquanto potencial instrumento para conscientização e articulação em defesa do Cerrado. Nesse sentido, temos como objetivo geral compreender se as práticas de turismo contribuem para a conservação do Cerrado no contexto territorial da Serra Dourada, no Estado de Goiás. Metodologicamente, além do levantamento e sistematização referencial, foram realizadas imersões em campo para conhecer as diferentes paisagens e conflitos existentes na Serra Dourada. As informações levantadas nas atividades de campo foram registradas em caderno de campo, fotos, mapas, observação, levantamento de dados da reserva de pesquisa da UFG, sendo utilizadas de acordo com a demanda da pesquisa. Outros instrumentos foram acessados para contribuir na análise pretendida, como levantamento de informações sobre as experiências turísticas a partir das redes sociais. Os resultados nos indicam, de forma geral, uma diversidade de pontos turísticos ou potencialmente turísticos situados na Serra Dourada e em seu território de entorno imediato, que são estratégicos no sentido da promoção de processos educativos em meio ambiente. Por outro lado, indicam também que o movimento turístico não tem ser revertido, de forma direta, na conservação do Cerrado na Serra Dourada, o que é devido em especial ao não envolvimento efetivo das pessoas que vivem nesse território. O estudo realizado, muito mais do que apresentar resultados fechados, abre uma diversidade de linhas por onde deve-se avançar no estudo do turismo enquanto ferramenta para a conservação ambiental do Cerrado.

Palavras-chave: Turismo. Serra Dourada. Território. Natureza.

ABSTRACT

ABSTRACT

The relationship between society and nature has historically taken on different practical perspectives and theoretical understandings, serving different interests. The advent of capitalism contributed to the consolidation of a rigid separation between humanity and the natural environment, when natural goods began to be seen as resources to be used unlimitedly to satisfy human demands. From the second half of the 20th century, however, concern about the irreversible depletion of natural resources gave rise to a global movement to debate the environmental issue. Alongside this debate, various approaches and actions aimed at environmental conservation have emerged, both scientifically and otherwise. Due to its natural characteristics, the Cerrado is placed in this context as a second-class territory, seen as a space to be occupied productively despite any environmental damage that may be caused. In the wake of the Cerrado's environmental conservation strategies, we would like to highlight tourism practices as a potential tool for raising awareness and organizing in defense of the Cerrado. In this sense, our general objective is to understand whether tourism practices contribute to the conservation of the Cerrado in the territorial context of Serra Dourada, in the state of Goiás. Methodologically, in addition to the referential survey and systematization, field immersions were carried out to get to know the different landscapes and conflicts in the Serra Dourada. The information collected in the field activities was recorded in a field notebook, photos, maps, observation, data collection from the UFG research reserve, being used according to the research demand. Other tools were used to contribute to the analysis, such as gathering information on tourist experiences through social networks. The results indicate, in general, a diversity of tourist or potentially tourist sites located in the Serra Dourada and its immediate surroundings, which are strategic in terms of promoting educational processes in the environment. On the other hand, they also indicate that the tourist movement has not been directly reverted to the conservation of the Cerrado in the Serra Dourada, which is due in particular to the lack of effective involvement of the people who live in this territory. The study carried out, much more than presenting closed results, opens up a variety of lines of progress in the study of tourism as a tool for environmental conservation in the Cerrado.

Keywords: Tourism. Serra Dourada. Territory. Nature.

INTRODUÇÃO

A Serra Dourada, situada no noroeste goiano, estabeleceu uma relação orgânica simbólica com o processo histórico pós-colonial de formação de Goiás. Esta relação é evidente na paisagem do município de Goiás, a primeira capital do Estado, fundada em 1727. Ao longo da história, a Serra Dourada foi objeto de diversos usos e representações, resultando em diferentes definições e recortes espaciais. Esses recortes foram moldados por diferentes interesses e perspectivas, abrangendo desde elementos do processo histórico de uso e ocupação, como as trilhas formadas e apropriadas pelo turismo, até recortes jurídicos, representados pela Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo, o Parque Estadual da Serra Dourada (PESD), a Área de Preservação Ambiental (APA) Dr. Sullivan Silvestre, a APA Serra Do Gigante e o Parque Municipal da Estrada Imperial.

As diferentes delimitações da Serra Dourada permitem diversos desenhos e amplitudes no recorte, podendo abranger um território maior ou menor, com um número maior ou menor de elementos socioambientais e municípios envolvidos. Assim, a Serra Dourada pode ser considerada a partir do município de Goiás, que tem uma conexão histórica e simbólica com a Serra Dourada e é abrangido pela Área de Preservação Ambiental Dr. Sullivan Silvestre. Também pode ser considerada a partir dos municípios de Mossâmedes e Buriti de Goiás, que contêm a delimitação do Parque Estadual da Serra Dourada/PESD. Ou ainda, pode-se ampliar o recorte a partir de uma perspectiva geológica/geomorfológica, incluindo um maior número de municípios, como: Goiás, Mossâmedes, Buriti de Goiás, Córrego do Ouro, Heitorai e Itapuranga.

Nessas diferentes possibilidades de recortes espaciais, é possível identificar diversas características ambientais, ao mesmo tempo em que se estabelecem várias formas de uso e ocupação da terra e apropriação do território. Além disso, são efetivadas práticas turísticas e de educação ambiental diversificadas. Diante desses elementos gerais, surgem algumas questões para uma aproximação com o problema desta pesquisa: Qual o melhor recorte espacial/territorial que permite uma reflexão socioambiental que inclua a Serra Dourada como objeto de análise principal? Quais as atividades/práticas turísticas têm sido realizadas no contexto amplo da Serra Dourada e quais seus efeitos sobre a natureza e a sociedade no contexto do Cerrado? Quais as principais modalidades turísticas existentes e categorias de turistas que

desenvolvem atividades na Serra Dourada? Considerando o Cerrado enquanto bioma e território, quais as potencialidades do turismo enquanto promotor da conservação ambiental na Serra Dourada?

Esta pesquisa tem como objetivo principal compreender se o turismo contribui para a conservação do Cerrado e da Serra Dourada. Especificamente, objetiva-se: caracterizar a Serra Dourada enquanto território turístico no Cerrado; analisar elementos conceituais sobre a natureza e a questão ambiental em sua perspectiva educacional; analisar o fenômeno turístico na Serra Dourada; levantar e sistematizar elementos que indiquem caminhos e desafios da Serra Dourada enquanto potencial para a conservação do Cerrado. Nesta perspectiva, busca-se compreender quais elementos existentes na Serra Dourada, como seus bens naturais, sua fauna e flora, sua biodiversidade e seus diversos usos, influenciam no processo de consolidação da prática turística. Além disso, pretende-se indicar como esses elementos podem servir para uma discussão pedagógica a partir da relação Turismo e Cerrado.

Metodologicamente, partimos de um olhar do território como categoria de análise geográfica, com intenção de refletir sobre o surgimento da Serra Dourada e de suas áreas protegidas por legislação, e sobre as relações existentes atualmente. Para o debate sobre território utilizaremos, entre outras referências, Ratzel (1982), Raffestin (1993), Haesbaert (2004) e Souza (2009). De forma geral, portanto, entendemos o território na perspectiva apresentada por Souza (2009, p. 107): “O território é sem sombra de dúvidas a primeira maneira de dar significado às relações de poder, ou seja, o território é um primeiro campo, no seio do qual, o poder se articula”. Em sua aproximação com turismo, partimos de Cruz (2001), Fratucci (2008; 2014) e Knafou (2001).

Buscamos uma compreensão do processo de relações que constituem os territórios formados no contexto da Serra Dourada, bem como compreender suas transformações a partir do fenômeno turístico. Para isto, estabelecemos uma abordagem qualitativa de pesquisa. Como instrumentos para o trabalho, utilizamos a pesquisa documental e o levantamento teórico-referencial.

Com relação à pesquisa documental de fontes primárias, nos fundamentamos na visão de Lakatos e Marconi (2022, p. 185) que identifica como fontes de informações: [...] “dados históricos, bibliográficos e estatísticos; informações, pesquisas e material cartográfico; arquivos oficiais e particulares; registros em geral; documentação pessoal (diários, memórias, autobiografias); correspondência pública

ou privada etc.” As fontes secundárias, obtidas através da imprensa em geral e obras literárias, blogs, sites, motores de busca na internet e informações públicas disponibilizadas em redes sociais também são utilizadas. (LAKATOS; MARCONI, 2022).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram investigados documentos da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA); Agência Nacional de Mineração (ANM); Ministério do Meio Ambiente (MMA); Ministério do Turismo (MTUR); Nações Unidas (ONU); Secretaria de Meio Ambiente do Estado de Goiás (SEMAD); Secretaria de Turismo do Estado de Goiás (Goiás Turismo); Instituto Mauro Borges (IMB); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA); Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Estadual de Goiás (UEG). Também foram dentre outros não citados acima, porém de fundamental importância na construção da pesquisa.

Utilizamos dados e informações obtidas e sistematizadas no município de Goiás e outros municípios envolvidos com atividades turísticas na Serra Dourada. Essas informações serão validadas a partir de uma pesquisa exploratória.

A pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos. Em geral, envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão (PRODANOV, 2013, p. 52).

Na metodologia, as informações levantadas nas atividades de campo foram registradas em caderno de campo, fotos, mapas, observação, levantamento de dados da reserva biológica da UFG, através do relatório produzido pela professora Vera Lúcia Gomes Klein. Gestora da UFG responsável pela Reserva Biológica e outros projetos como o Herbário e o Bosque Auguste Saint Hílaire. Os dados foram utilizados conforme o desenvolver da pesquisa. Desde o levantamento de características gerais até o levantamento de espécies vegetais e animais foram identificadas e registradas em cadernos de campo. Isso contribuirá com a organização geral do trabalho.

As pesquisas de campo exploratórias foram idealizadas e executadas a partir da vivência do pesquisador enquanto guia de turismo local e conhecedor dos locais turísticos em Goiás. A preparação para as visitas exploratórias foi feita através de análises de trilhas percorridas e registradas por outras pessoas ao longo do tempo no

aplicativo para smartphones, Wikiloc. Durante os trabalhos de campo, o pesquisador utilizou o diário de campo para anotações pertinentes a pesquisa, a máquina fotográfica e o smartphone com mapeamento GPS no Wikiloc. Assim, foram feitas em diferentes lugares que estão no contexto territorial formado a partir da formação geológica compreendida por Serra Dourada. Algumas pesquisas de campo foram feitas por trilhas e outras em locais específicos onde o turismo ocorre na serra. Aqui, buscou-se a delimitação de um território turístico na Serra Dourada.

O autor desta pesquisa iniciou sua trajetória no turismo no ano de 2015. Neste ano, ingressou no curso superior de Gestão de Turismo na Universidade Estadual de Goiás, campus Cora Coralina. Nesse mesmo ano, teve a oportunidade de conhecer o Parque Estadual da Serra Dourada em uma atividade de extensão acadêmica, experiência que ficou marcada em sua memória. A partir daí, se envolveu com o núcleo de agroecologia e educação do campo GWATÁ e começou a desenvolver pesquisas ligadas aos povos do campo, ao cerrado e às unidades de conservação ambiental. Após concluir o curso de turismo no ano de 2017, o pesquisador fez um curso técnico de Guia de Turismo Mercosul, Nacional e Regional Goiás pelo SENAC, o que o habilitou a trabalhar com uma agência de turismo e também como guia de turismo na cidade de Goiás. Desde então, o pesquisador atua cotidianamente apresentando o cerrado no Parque Estadual da Serra Dourada e em outras trilhas na Serra Dourada, que, em sua percepção, têm grande potencial turístico.

Com suas diversas visitas à Serra Dourada, o pesquisador em questão começou a criar um vínculo afetivo com o local. Assim, quando ingressou no programa de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás PPGEU UEG, não teve dúvidas de qual seria o seu objeto de estudo. As trilhas apresentadas nos trabalhos de campo são os diversos locais percorridos pelo autor em suas vivências na Serra Dourada, e suas percepções sobre esses locais serão apresentadas nos resultados da pesquisa.

Ressalta-se que o pesquisador é guia de turismo e possui o Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur), do Ministério do Turismo. Que é o cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor turístico da cidade de Goiás, portanto escolheu analisar a serra a partir de sua relação com o turismo, buscando atingir os objetivos da pesquisa.

Inicialmente, através da pesquisa documental em fontes primárias e secundárias, buscou-se compreender o recorte espacial da pesquisa, evidenciando o

turismo que ocorre nas diferentes áreas protegidas da Serra Dourada, sendo elas: Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo; Parque Estadual da Serra Dourada, Área de Preservação Ambiental Dr. Sullivan Silvestre. Neste recorte, analisou-se o turismo nas trilhas, já demarcadas a anos na Serra Dourada:

1. Trilha da Reserva Biológica e PESD, visitado várias vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, porém, dá-se destaque ao trabalho de campo realizado no dia 26 de fevereiro de 2022, a pé, por uma trilha de 13 km, totalizando 7 horas de atividade;
2. Trilha dos Cânions da Serra Dourada, visitada algumas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo realizado no dia 13 de março de 2022, a pé, por uma trilha de 6 km, totalizando 7 horas de atividade;
3. Travessia da fazenda Quinta, visitada poucas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo realizado em novembro de 2021, a pé, por uma trilha de 6 km, totalizando 7 horas de atividade;
4. Travessia da Casinha, visitada poucas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo realizado em janeiro de 2023, a pé, por uma trilha de 13 km, totalizando 6 horas de atividade;
5. Trilha da Juventude, visitada poucas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo realizado em março de 2023, de bicicleta, por uma trilha de 20 km, totalizando 6 horas de atividade;
6. Trilha das Nascentes visitada poucas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo realizado em 26 de fevereiro de 2022, a pé, por uma trilha de 14 km, totalizando 7 horas de atividade;
7. Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada. Visitada apenas 3 vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque aos trabalhos de campo realizados em dois momentos. A primeira visita foi em Maio de 2019, a pé, por uma trilha de 16 km, totalizando quase 11 horas de atividade. O segundo trabalho de campo

ocorreu em maio de 2021, a pé, por uma trilha de 17 km, em dois dias com pernoite na Serra com 8 horas de caminhada, no segundo dia, foram mais 4 horas de atividade, totalizando quase 12 horas de caminhada.

Dentro do contexto das três áreas de preservação ambiental ainda foram evidenciados locais que têm relação com o turismo, e empreendimentos turísticos, como o Santuário Ecológico Poço do Sucuri e o Clube e Balneário Santo Antônio. Além destes locais, evidenciou-se nos limites da APA Dr. Sullivan Silvestre o Parque Municipal Natural da Estrada Imperial em Goiás que abrange o Parque da Carioca, além do Mirante de Goiás, localizado no povoado de Davinópolis, a 10 km da cidade de Goiás.

Além destas três áreas que se integram, também foi evidenciada a ocorrência do turismo no Paredão, em Buriti de Goiás, na Área de Proteção Ambiental Serra do Gigante, em Itapuranga. Estes dois pontos foram evidenciados na visita técnica feita em 28/03/2023 pelo pesquisador e seu orientador. Também são evidenciadas as trilhas de longo curso que estão presentes no contexto da Serra Dourada, sendo o Caminho de Cora Coralina, que cruza a Serra em seu 13º trecho, além do Caminho do Pai, que passa por ela em seu 1º trecho.

Para o mapeamento dos trabalhos de campo foi utilizado o aplicativo de GPS Wikiloc, que fornece dados precisos como registro da rota percorrida, altimetria e tempo de atividade no smartphone. Como pesquisa documental em fontes secundárias, buscou-se identificar na Serra Dourada os principais locais apropriados pelo turismo, assim foram coletadas informações da ferramenta virtual Google Maps, como localização, avaliações públicas disponibilizadas por pessoas que visitaram os locais apresentados e classificação do grau de satisfação com relação aos locais visitados, buscando assim, chegar ao entendimento que caracteriza a conclusão da pesquisa.

O encaminhamento metodológico desta pesquisa tem a abordagem qualitativa, assim serão privilegiadas as informações a respeito do processo de territorialização do Turismo em diferentes pontos da Serra Dourada. Nesse contexto evidencia-se como problemática da pesquisa o processo de uso e ocupação da Serra Dourada neste recorte, resultando nos impactos negativos ao cerrado. Portanto, propõe-se o turismo enquanto ferramenta que aliada a educação ambiental pode ser capaz de

conservar o cerrado nos territórios ocupados pelo turismo e no recorte espacial da pesquisa, que caracteriza toda a Serra Dourada. Assim, é proposto um processo investigatório que se consolida em visitas do pesquisador a Serra Dourada, podendo estabelecer maior contato com a realidade estudada.

A pesquisa está organizada em 3 (três) capítulos. O primeiro capítulo tem como objetivo estudar as relações entre o turismo e a questão ambiental, procurando estabelecer conexões entre as duas temáticas que indiquem possibilidades de educação e/ou conscientização ambiental a partir do Cerrado e da Serra Dourada especificamente.

No capítulo 2, apresentar/caracterizar de forma geral a Serra Dourada, dispondo os principais elementos físicos e socioeconômicos (passando, paralelamente, por perspectivas de caráter cultural, social, econômico, ambiental, político, etc.), construindo um entendimento amplo/aberto sobre a Serra Dourada e sua área de influência, buscando delimitar um para análise.

No terceiro e último capítulo, buscamos levantar e sistematizar as potencialidades e possíveis elementos da relação do Turismo com a Serra Dourada, fazendo uma inventariação de onde o turismo ocorre, em quais modalidades e com que intensidade, debatendo sobre os impactos gerados pela atividade, analisando em fontes secundárias públicas e disponibilizadas por terceiros, o grau de satisfação das pessoas que se dispuseram a visitar o local e as percepções que tiveram ao se relacionar com o cerrado naquela região, chegando a um mapeamento destes locais, visando o início de um debate a respeito do turismo como uma ferramenta para a formação ambiental crítica da população de forma geral, construindo um processo de conservação do Cerrado. Também são relatados todos os trabalhos de Campo realizados a pé, e de bicicleta, apresentando a percepção do pesquisador a partir de seu envolvimento com o objeto de estudo.

Esperamos contribuir com reflexões em torno da Serra Dourada e da prática turística enquanto potencial para a educação ambiental e a conscientização geral sobre a necessidade de conservação do Cerrado.

1 A QUESTÃO AMBIENTAL NO CERRADO: algumas reflexões preliminares

A questão ambiental vem assumindo, nas últimas décadas, uma maior amplitude, abrangendo desde os debates informais no cotidiano social, passando

pelos espaços acadêmico-científicos e atingindo as estruturas de formulação de políticas públicas. Têm sido construídas, no entanto, leituras teóricas e políticas diferenciadas sobre a natureza e a questão ambiental que, por sua vez, beneficiam ou afetam diferentes grupos sociais. O domínio sobre a diversidade interpretativa, mas também, uma definição de base teórico-conceitual e político-ideológica sólida é fundamental para qualquer análise envolvendo a relação sociedade e natureza. No caso específico deste estudo, também é basilar o entendimento da diversidade socioambiental representada pelo Cerrado, não somente enquanto Bioma, mas, destacadamente, enquanto território. Assim, este capítulo inicial tem como objetivo apresentar um recorte conceitual que dê suporte ao debate das práticas de turismo e da conservação ambiental do Cerrado a partir do território da Serra Dourada.

1.1 Alguns elementos conceituais sobre a natureza e a questão ambiental

O advento do modo de produção capitalista e, mais recentemente, o avanço da globalização, permitiram um intenso desenvolvimento tecnológico capaz de dominar e utilizar a natureza em favor dos seres humanos e, no mesmo passo, situou os bens naturais como algo permanentemente disponível. De acordo com Ingold (1994), em determinado momento da história, o ser humano se percebe como superior ao todo, deixando de visualizar a natureza como parte de si, para então percebê-la como uma fonte de recursos, que poderia ser manipulada e comercializada.

Embora a base natural tenha sido historicamente importante para o desenvolvimento humano, o uso intensivo e, geralmente, acima da necessidade básica de reprodução da população mundial e monopolizado por alguns poucos grupos, vêm ocasionando a degradação acelerada dos bens naturais. Tal questão nos remete a reflexões sobre as relações estabelecidas entre sociedade e natureza, assim como sobre a estruturação da questão ambiental nas últimas décadas.

Os seres humanos se desenvolveram, gradativamente, a partir de uma relação de pertencimento à natureza. No entanto, essa relação foi progressivamente sendo rompida, processo que teve seu auge com a consolidação do modo de produção capitalista. Tal rompimento não aconteceu isento de qualquer entendimento sobre o conceito de natureza, pois estes e suas representações na realidade concreta foram sendo dialeticamente construídos e apropriados, refletindo normalmente os desejos e demandas das classes dominantes.

Toda sociedade inventa e aplica suas ideias do que seja a natureza. Assim, “[...] o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares através do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, a sua cultura” (Porto-Gonçalves, 2006, p. 23). O autor nos provoca a refletir de que modo a sociedade em que estamos inseridos concebe aquilo que denominamos natureza.

Alguns marcos históricos são importantes para a composição da relação sociedade e natureza. A consolidação da agricultura, no período Neolítico, quando a parte significativa da humanidade passou a cultivar seus alimentos, estabelecendo territórios e vivendo de forma sedentária, representa momento essencial na concepção de domínio da sociedade sobre a natureza. Tal processo possibilitou o estabelecimento dos berços de civilizações como Egito, Mesopotâmia, entre outras (Porto-Gonçalves, 2006; Barbosa, 2021). É estabelecida aí, ao mesmo tempo, uma relação de dominação não somente do ser humano sobre a natureza, mas também do ser humano sobre os próprios seres humanos.

Porto-Gonçalves (2006) faz um levantamento do conceito de natureza no ocidente, iniciando pela matriz filosófica da Grécia e Roma clássicas. Aqui o autor chega ao conceito de *Physis* trazido pelos filósofos da era pré-socrática, em especial o filósofo Gerd Bornheim. Nessa linha de pensamento, a *Physis* seria a “[...] totalidade de tudo o que é. Ela pode ser apreendida em tudo o que acontece: na aurora, no crescimento das plantas, no nascimento de animais e homens”. Incluindo, portanto, o ser humano como parte orgânica da natureza.

Platão e Aristóteles, por sua vez, dão início à valorização da ideia e do homem com a evolução do pensamento filosófico, deixando a natureza em segundo plano. O conceito de *Physis* se modifica e cria-se a concepção de natureza desumanizada ou natureza não humana, movimentando a problemática ecológica entre a ciência, a filosofia e a política. Porém, foi a influência judaico-cristã a maior responsável por se opor à relação humanidade-natureza, dispondo a concepção de que os seres humanos teriam sido criados à imagem de Deus, tornando-os superiores a natureza. Assim o ser humano passou a confiar a Deus o controle de suas vidas (Porto-Gonçalves, 2006).

Na modernidade, a filosofia Cartesiana se coloca como um marco expressando oposição homem-natureza, espírito-matéria, sujeito-objeto. René Descartes defendeu que poderíamos conhecer a força e a essência de todos os corpos que nos cercam

aplicando o método específico para cada um deles. Essa ideia traz a percepção de que a humanidade é superior, assim, possuidora da natureza. A pragmática filosofia Cartesiana trabalha a ideia do antropocentrismo e faz com que a humanidade passe a perceber a natureza como um recurso disponível para suprir apenas suas necessidades básicas (Porto-Gonçalves, 2006).

O antropocentrismo consagrará a capacidade humana de dominar a natureza. Esta, dessacralizada já que não mais povoada por deuses, pode ser tornada objeto e, já que não tem alma, pode ser dividida, tal como o corpo já o tinha sido na Idade Média. É uma natureza-morta, por isso pode ser esquartejada [...] (Porto-Gonçalves, 2006, p. 34).

No século XVII, o pensamento iluminista e a implantação do capitalismo como modo de produção, estabelece a física como justificativa para a compreensão do mundo contemporâneo, pensamento reforçado com a Revolução Industrial. No século XIX, a ciência e a técnica nos fornecem uma perspectiva pragmática de se compreender o mundo. As formas de se pensar a relação da humanidade da natureza de forma integrada são cada vez mais ofuscadas, tornando iminente a sua separação. Porto-Gonçalves (2006, p. 34) assevera: “A natureza, cada vez mais um objeto a ser possuído e dominado, é agora subdividida em física, química, biologia. O homem em economia, sociologia, antropologia, história, psicologia etc. [...] Este modelo trabalha com a ideia de natureza exterior ao homem e de homem ‘civilizado e não natural’, fora da natureza”.

Concluimos, portanto, que não existe uma forma única ou natural de conceituarmos a natureza. A natureza seria formada a partir das concepções criadas culturalmente por cada organização social do que seria o estado natural de suas civilizações, apresentando-se de modo divergente para cada uma delas. Para além, contudo, de como a relação sociedade e natureza foi historicamente constituída e conceituada, é essencial entendermos como o debate acadêmico-científico e político-ideológico foi desenhado a partir do estabelecimento da questão ambiental, debate que nas últimas décadas tem se fortalecido e influenciado diferentes perspectivas na relação sociedade-natureza.

Com a prevalência do pensamento ocidental disseminado pelo mundo, a partir do século XX, a humanidade começa a notar de modo mais claro as contradições causadas pela relação do modo de desenvolvimento econômico imposto pelo capitalismo sobre o meio natural que estão inseridos. Assim, as sociedades civilizadas

começam a enfrentar problemas ambientais causados pelo modelo de desenvolvimento estabelecido (Porto-Gonçalves, 1995), suscitando um debate em torno da questão ambiental. Esse debate caminha por diferentes entendimentos e interesses, desde a defesa de intocabilidade da natureza até uma visão de conservação para garantir a sobrevivência humana nas próximas gerações.

Em 1900, a coroa inglesa, visando conservar os recursos naturais existentes em seus domínios de colônias no território africano, promove junto às potências europeias colonizadoras a “Convenção para a Preservação de Animais, Pássaros e Peixes da África”. Após este encontro, é implantado um calendário que controlaria a prática da caça nos países colonizados. Este evento não teve grande relevância ou retorno ambiental na época, por servir apenas aos interesses dos países colonizadores, mas foi base para que se propusessem novos encontros em nível global para discussões ligadas à questão ambiental no século XX (Beskow; Mattei, 2012; Dias, 2018).

Em 1972, a Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu a Conferência de Estocolmo, denominada “Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano”. Foi realizada na Suécia, simbolizando o marco inicial para o debate global a respeito da questão ambiental que acontecia durante a Guerra Fria (Nações Unidas, 1972; Beskow; Mattei, 2012; Dias, 2018). Na conferência foram tratadas questões pontuais como a preocupação com a escassez de recursos naturais, causada pelo padrão de consumo adotado pela humanidade, tendo como modelo o padrão norte-americano. A delegação brasileira foi destaque no evento, se posicionando contra as medidas de proteção ambiental, identificando-as como restritivas ao modelo de desenvolvimento econômico no Brasil. A delegação alegou que essas medidas eram estratégias dos países desenvolvidos industrializados para “limitar o desenvolvimento das nações de terceiro mundo” (Dias, 2018, p. 11).

Apenas 11 anos depois, em 1982, foi feita a Conferência de Nairóbi para um balanço das propostas feitas em Estocolmo. Após uma avaliação geral das condições ambientais a nível mundial, chega-se a um quadro pouco otimista sobre as medidas tomadas pelos países participantes (Beskow; Mattei, 2012; Dias, 2018).

Em 1992, no Brasil, outro encontro foi promovido, na cidade do Rio de Janeiro. Chamada Rio 92, a Conferência representou um momento para o balanço dos progressos constatados desde Estocolmo, com o apoio da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), através do seu relatório “Nosso Futuro

Comum”. Logo após, contou com a elaboração de uma série de intervenções voltadas para a melhoria de condições ambientais no planeta, aprovadas pelos participantes. Como resultado do evento, os principais documentos elaborados na conferência foram: A Declaração do Rio de Janeiro sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, contando com um conjunto de 27 princípios que nortearam a interação da humanidade com o planeta; A Convenção sobre Mudanças Climáticas; A Declaração de Princípios sobre Florestas; A Convenção sobre a Biodiversidade; E, por fim, a Agenda 21, contando com 40 capítulos (Beskow; Mattei, 2012; Dias, 2018).

O relatório apresentado pela CMMAD à Assembleia Geral da ONU, em 1987 e consolidado na Rio 92, chamado “Relatório Brundtland”, foi desenvolvido durante anos por diversos pesquisadores, políticos e ambientalistas. Baseado principalmente no relatório do Clube de Roma, criado na década anterior, o documento serviu como base para várias ONGs e órgãos de Estado, que defendia princípios semelhantes, esse documento também apresentou e divulgou mundialmente o conceito mais conhecido de desenvolvimento sustentável (Beskow; Mattei, 2012).

Dias (2018) apresenta que o uso da palavra “desenvolvimento sustentável” passou a ser institucionalizado e usado frequentemente em discursos governamentais e em projetos elaborados por ONGs e órgãos de Estado para obter financiamentos internacionais e nos círculos acadêmicos. Em razão de sua aplicação de maneira generalizada, alguns pesquisadores como os geógrafos Rodrigues (2006) e Porto-Gonçalves (1995) avaliam o conceito criticamente, o compreendendo como uma abordagem que tenta legitimar a continuidade de uma sociedade que se baseia desigualmente no aspecto social e contribui para a omissão das contradições que o modelo capitalista de produção impõe.

Nomeada Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), a Rio 92 contou com a participação de 178 países, sendo que 114 destes enviaram seus chefes de Estado, indicando uma diversidade de concepções, interesses, estratégias e articulações políticas formadas durante a conferência. A reunião foi sediada no Brasil após reivindicações de ambientalistas na Assembleia Geral da ONU em 1989, apontando problemas como a exploração da Amazônia e o assassinato de Chico Mendes, que ocorreu em 1988 (Ribeiro, 2001; CNUMAD, 2001; Dias, 2018). A Agenda 21 foi considerada o documento de maior importância resultante da Rio 92, sendo formada para orientar o debate internacional entre governos, instituições governamentais, organizações não governamentais

(ONGs), movimentos sociais, universidades e partidos políticos em busca do estabelecimento de um pacto social para reorientar o padrão de desenvolvimento em curso pelas diversas nações participantes.

Em 2002 ocorreu a “Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Sustentável” Rio+10, em Johannesburgo, na África do Sul, sob coordenação da ONU. No encontro foi feito um balanço a respeito dos objetivos propostos na Agenda 21, onde se identificou uma grande divergência entre o repasse dos recursos sugeridos pelas Nações Unidas e o volume de capital drenado dos países subdesenvolvidos, encontrando-se diversas limitações, especialmente na diminuição da pobreza. Isso contradizia o acordo do encontro de 1992, que teve grande notoriedade, principalmente pelo reconhecimento de uma “fatura ecológica” que deveria ser paga pelos países desenvolvidos que se beneficiaram da destruição dos recursos não renováveis e renováveis de alto custo, existente na base do estilo de vida de sua população. Na Rio+10, temas considerados essenciais como o financiamento de transferência de tecnologia para o desenvolvimento sustentável foram deixados de lado, se agravando e aumentando as tensões entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos economicamente (Furtado, 1998 apud Dias, 2018; Ricupero, 2005; Camargo; Capobianco; Oliveira, 2004).

No ano de 2012, a ONU promove a “Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável” Rio+20, sediada novamente na cidade do Rio de Janeiro, 20 anos após a Rio 92. A conferência teve como documento base a “Minuta Zero”, dentre seus principais objetivos, destaca-se a renovação de compromissos com o desenvolvimento sustentável, assumidos nos eventos anteriores pelos representantes de governos dos mais de 188 Estados-membros. Além disso, os documentos oficiais do evento apresentavam metas ambiciosas como a escassez da pobreza no mundo com apoio aos países em desenvolvimento e a proposta de ações para acabar com a destruição do meio ambiente com a consolidação de uma “Economia Verde” (Dias, 2018).

Neste período, os países mais desenvolvidos como Estados Unidos e Europa Ocidental passavam por uma grande crise econômica. O termo “Economia Verde” apresenta uma novidade no evento, porém é visto como uma estratégia de marketing que busca apenas substituir o termo “desenvolvimento sustentável”. Além de apresentar uma fragilidade conceitual e de viabilidade concreta, é considerado por ambientalistas como um termo imprudente, com equívoco científico e filosófico,

buscando procurar soluções no mercado, sendo um modelo que tem como resultado mais desigualdade. Na resolução final deste evento, nomeada “O futuro que queremos”, a ONU reconhece que os avanços das metas estabelecidas nos encontros anteriores têm sido desiguais, necessitando-se um cumprimento dos compromissos assumidos pelas nações participantes nos eventos anteriores. Avaliando estas informações, entende-se que os países mais desenvolvidos nunca tomaram como prioridade as questões socioambientais enfrentadas pelo restante do mundo (Nações Unidas, 2012; Porto-Gonçalves, 2012 *apud* Dias, 2018).

Como um dos resultados desta conferência foi a agenda intitulada “Transformando Nosso Mundo: Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável”, que consiste na declaração dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) com 169 metas para os próximos 15 anos, exigindo a participação de todos os países pobres, ricos e de renda média buscando o fim de todas as formas de pobreza no mundo, abrangendo questões como desigualdade, infraestrutura, energia, consumo, biodiversidade, oceanos e industrialização. Essa agenda se baseou no resultado da Conferência sobre Financiamento para o Desenvolvimento, em Adis Abeba-Etiópia, ocorrida em julho de 2015 e foi base para o Acordo sobre Mudanças Climáticas em Paris (COP21), realizado em dezembro (Nações Unidas, 2022).

Em julho de 2022, comemorando 50 anos desde a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano de 1972, promovida pela ONU em Estocolmo na Suécia, foi realizada a “Estocolmo+50: um planeta saudável para a prosperidade de todos - nossa responsabilidade, nossa oportunidade (Estocolmo+50)”. O evento foi realizado com a intenção de reforçar os princípios de 1972, gerando ações urgentes para um planeta saudável e para a prosperidade de todos. Também objetivou reunir os Chefes de Estados internacionais para a reflexão e tratativas a respeito de questões importantes como a relação da humanidade com o meio ambiente e a erradicação da pobreza proposta nas agendas anteriores, contando também com a adoção de “planos verdes” de desenvolvimento (Nações Unidas, 2022).

Ao analisar todos estes eventos, que marcaram a história institucional do debate ambiental, mas que pautaram de certa forma os movimentos sociais e/ou ecológicos, podemos perceber que desde o processo de consolidação do capitalismo como modo de produção hegemônico, a humanidade se afasta gradativamente de seu pertencimento à natureza, deixando de percebê-la como aliada e passando a identificá-la como fonte inesgotável de exploração dos bens naturais.

Ressalta-se uma preocupação a respeito dos objetivos dos países mais desenvolvidos. Com mais de 50 anos após a primeira conferência, acredita-se que os objetivos estipulados pelos Estados participantes junto à ONU no decorrer das conferências, só não foram atingidos de forma satisfatória por uma recorrente falta de compromisso dos países mais desenvolvidos economicamente com o restante da humanidade. Beskow e Mattei (2012) corroboram com esta questão, fazendo a seguinte afirmação:

[...] nota-se o pouco destaque dado pelos documentos oficiais sobre as causas da fome e da pobreza no mundo; da crise energética; das mudanças climáticas, etc. São todos elementos que poderiam dar maior consistência ao desenvolvimento sustentável, sendo o seu eixo catalisador o combate incessante às desigualdades, tanto entre nações como internamente as mesmas. E isto só seria possível quando se tem clareza das causas geradoras desse processo de desigualdades (Beskow; Mattei, 2012, p.12).

Nas discussões, foram abertas possibilidades de erradicar a fome e a pobreza no mundo, porém sem a cooperação dos países que controlam grande parte dos poderes globais, esses objetivos podem não ser atingidos até a data final da última agenda proposta. “A contradição explícita está na tentativa de superação dos problemas de ordem ambiental sem apontar para uma radical revisão da atual composição societária, reservando-se, quando muito, a reivindicar apenas “correções de rumos” nos projetos econômicos” (Dias, 2018, p. 30).

O entendimento do conceito e da relação material com a natureza, assim como o estudo do processo de consolidação da questão ambiental globalmente e, especialmente no Brasil, são elementos essenciais para debatermos a importância da conservação ambiental a partir de suas diferentes abordagens. É o nosso entendimento da relação entre sociedade e natureza que irá, em última instância, determinar os caminhos a serem trilhados na conservação ambiental. Até o momento, como indicado aqui, as determinações encaminhadas globalmente pelos Estados, a partir das organizações multilaterais, está mantido o conceito de natureza como fonte inesgotável de recursos, localizando a humanidade no lugar de domínio sobre a natureza.

Esse entendimento parte da garantia de reservas intocadas de recursos naturais, como um tipo de poupança para utilização em outros momentos, priorizando, por exemplo, territórios como a Amazônia, que tem potencial político-ideológico maior

que outros recortes, como o Cerrado, foco de estudo nesse trabalho. Como o Cerrado é inserido na esteira do debate ambiental como espaço prioritário de preservação? Na última metade de século, o Cerrado foi pensado e transformado pelo avanço do capital como território prioritário para produção de alimentos (ou, mais precisamente, *commodities*), sendo ignorado enquanto Sistema Biogeográfico ou enquanto Território. Esta postura ocasionou a sua degradação acelerada, incluindo aí a expropriação das populações tradicionais que, historicamente, garantiram a sua preservação.

1.2 A natureza do Cerrado: características ambientais e ameaças

O Cerrado é um dos sete grandes domínios morfoclimáticos e fitogeográficos existentes no Brasil (Ab'Saber, 1977), portanto, abriga uma vasta quantidade de vida em suas áreas. Compreendido como um Sistema Biogeográfico, o Cerrado ocorre principalmente no planalto central do Brasil, região composta por diversas serras e chapadões. Além de ser considerado berço das águas, é responsável pelo abastecimento das nascentes dos rios Araguaia, São Francisco, Tocantins e Paraná (Barbosa, 1995; Barbosa, 2021).

As populações pré-históricas indígenas que se instalaram nas regiões de Cerrado tiveram importantes sistemas desenvolvidos para sua subsistência e organização socioespacial. Sistemas estes, baseados na caça e coleta, além da agricultura promovida em regiões com solo de boa fertilidade. Estas atividades constituíam parte significativa de sua economia. Cenário que muda a partir do século XVII com o início da colonização no interior do Brasil em busca de minerais preciosos e escravos indígenas (Barbosa, 1995).

Sendo o segundo maior bioma brasileiro, o Cerrado ocupa área de 2.036.448 km², cerca de 22% do território nacional. Ocorre nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal, além de estar presente no Amapá, Roraima e Amazonas. O Cerrado também abriga as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul, Amazônica/Tocantins, São Francisco e Prata, o que resulta em um elevado potencial aquífero que contribui com sua biodiversidade (Eiten, 1977; Ribeiro et al., 1981; Klink; Machado, 2005; Sawyer, 2002; Roquette, 2018; MMA, 2021).

Com duas estações bem definidas, sendo o período de seca de abril a setembro, e o período chuvoso de outubro a março, o Cerrado conta com uma precipitação média anual de aproximadamente 1500mm, com temperaturas que variam entre 22° e 40° em algumas regiões segundo dados registrados pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) (Klink; Machado, 2005).

Considerada a mais diversificada Savana Tropical do mundo, o Cerrado conta com uma grande diversidade de habitats e espécies, composto de diferentes formações savânicas e florestais, localizado entre a Floresta Amazônica, a Caatinga, a Mata Atlântica e o Pantanal. Um inventário florístico revelou em 2003, conforme coloca Ratter (2003) que de 914 espécies de árvores e arbustos registradas em 315 localidades no Cerrado, somente 300 espécies foram encontradas em mais de 8 localidades, já as outras 614 espécies compartilhavam apenas uma localidade.

O Cerrado abriga aproximadamente 5% da biodiversidade mundial. Na região Centro-Oeste brasileira encontram-se 206 famílias de angiospermas distribuídas em 1.815 gêneros e 10.163 espécies. Existem também as gimnospermas, samambaias e licófitas, somando juntas 38 famílias distribuídas em 111 gêneros e 480 espécies, conforme dados da Flora do Brasil em 2021 (Ramidoff, 2022).

Porém as transformações ocorridas no Cerrado trouxeram graves danos ambientais. As queimadas, por exemplo, utilizadas na rebrota de pastagem para abertura de áreas agrícolas, causam danos irreversíveis como perda de nutrientes, compactação e erosão dos solos, além do plantio de gramíneas exóticas para a pecuária que geram diversos outros prejuízos como o impedimento da rebrota da vegetação nativa (Klink; Machado, 2005; Sawyer, 2002; Berardi, 1994; MMA, 2022).

O plantio de algumas gramíneas exóticas como o capim-gordura, podem provocar incêndios que chegam a alcançar o dossel das árvores. É evidente que o cerrado ocupa a maior área de queimadas no território brasileiro que, segundo Tansey (2004), atingiu neste ano cerca de 67%. No período seco essas queimadas são constantes, além de liberar uma grande quantidade de dióxido de carbono.

A perda do habitat do Cerrado causa o desaparecimento de diversas espécies de fauna e flora no Brasil, sendo que quase todas as espécies de animais que ocorrem no Cerrado estão ameaçadas de extinção. Entre as principais ameaças à biodiversidade do Cerrado, destaca-se a degradação do solo e dos ecossistemas nativos, além da dispersão das espécies exóticas. E exemplos como o plantio de soja

a perda da camada superficial do solo chega em média a 25 toneladas por hectare ao ano (Klink; Machado, 2005; Sawyer, 2002).

O fogo que ocorre de modo natural, beneficia o Cerrado com a eliminação do acúmulo de biomassa vegetal seca, porém libera dióxido de carbono (CO₂) e outros gases, que afetam de forma muito prejudicial às populações habitantes do Cerrado quando ocorrem queimadas, pelas suas altas temperaturas e pelos efeitos que causam no ar, resultando em fortes mudanças climáticas. Para Krug (2002) contribui também para o efeito estufa (Klink; Machado, 2005; Sawyer, 2002; MMA 2022).

Em solos antigos, intemperizados e ácidos, os remanescentes do Cerrado carecem de nutrientes, os solos contam com grandes concentrações de alumínio, o que permite que muitas espécies de arbustos e árvores nativas acumulem alumínio em suas folhas conforme coloca Haridasan (1982). Buscando tornar este solo produtivo para fins agrícolas, são aplicados diversos fertilizantes e agrotóxicos, além de calcário, tornando os solos propícios para a cultura dos grãos, principais itens de exportação do Brasil (Klink; Machado, 2005; MMA, 2021).

Além desses problemas, o uso intensivo de agrotóxicos e calcário poluem de forma irreversível os córregos e rios. Considerado uma floresta invertida, a maior parte da biomassa do Cerrado está no subsolo, chegando até 70% dependendo da vegetação dominante, como destacam Castro e Kauffmann (1988). Sua substituição por áreas de plantio de pastagem, podem aumentar de forma drástica as descargas dos rios, pois as gramíneas africanas conseguem atingir apenas alguns centímetros do subsolo (Klink; Machado, 2005; Sawyer, 2002).

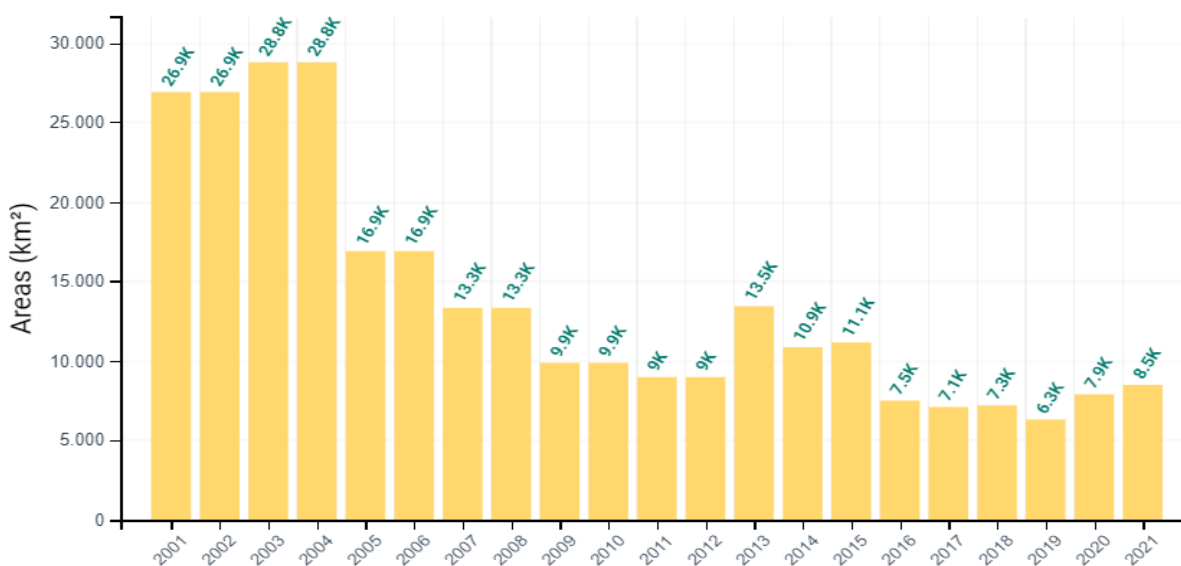
Em 2002 cerca de metade do território abrangido pelo Cerrado já tinha sido transformado em pastagens, agricultura e outros tipos de usos. As pastagens ocupando mais de 500.000 km², monoculturas ocupando mais de 100.000 km², com predominância do cultivo da soja. A área total destinada à conservação era de apenas 33.000 km². Em 2002, através de estudos em imagens feitas pelo satélite MODIS, concluiu-se um desmatamento em 55% do Cerrado, equivalente a 880.000 km², que é aproximadamente três vezes a área desmatada na Amazônia Brasileira na mesma época, conforme aponta Machado (2004).

O desmatamento também é mais elevado no Cerrado. Entre 1970 e 1975 o desmatamento médio anual foi de 40.000 km² por ano, sendo 1,8 vezes a taxa de desmatamento da Amazônia entre 1978 e 1988, como coloca Klink e Moreira (2002). Essas taxas de desmatamento são bem superiores às da Amazônia e essa diferença

foi causada pela forma que o Código Florestal vigente trata os biomas Brasileiros, como no caso da Reserva Legal (RL) em áreas privadas, onde se exige uma taxa de 20% de preservação de área dos estabelecimentos agrícolas no Cerrado, enquanto nas áreas de floresta tropical da Amazônia o percentual é de 80% (Klink; Machado, 2005; Sawyer, 2002; EMBRAPA, 2023).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que entre 2002 e 2018 os Biomas brasileiros perderam cerca de 500.000 km² da sua cobertura natural. Esses foram apontados como os maiores quantitativos de redução de áreas naturais da história estão concentrados na Amazônia (269.801km^{*}) e no cerrado (152.706 km²). (Hebner Gonçalves; Meneguzzo; Moro, 2019; MMA, 2019). O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) apresenta o avanço do desmatamento em 20 anos no Cerrado, como pode ser observado no Gráfico 01.

Gráfico 01 - Desmatamento no bioma Cerrado (km²) nos últimos 20 anos.



Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2019).

O processo de reversão do desmatamento entre outros danos ao Cerrado, sua conservação de forma geral, tem sido um desafio. Nesse contexto, os movimentos sociais vêm representando papel importante na conservação do Cerrado, como formação de redes locais, regionais e nacionais compostas por pesquisadores e Organizações Não Governamentais (ONG's). Em alguns casos com a participação do

Estado, visando promover localmente práticas de uso sustentável dos recursos naturais, além da implantação de políticas públicas que garantam a sua permanência.

Importante destacar, nesse sentido, a criação da Rede Cerrado que, em 2004, propôs ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) a tomada de medidas urgentes para a conservação do Cerrado. No mesmo ano, o MMA definiu um grupo de trabalho e propôs o Programa Cerrado Sustentável, com encaminhamento de ações de conservação do Cerrado, principalmente nas regiões onde avançou mais a agropecuária (Klink; Machado, 2005).

Algumas das mais importantes organizações ambientais do Brasil, como a Conservação Internacional (CI-Brasil), a The Nature Conservancy (TNC) e a WWF-Brasil, criaram programas voltados para a conservação do Cerrado. a CI-Brasil trabalhou com os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul além de ONGs locais, universidades e representantes do setor privado para o estabelecimento de corredores de biodiversidade. Participaram também da implantação de Unidades de Conservação estaduais e federais na região do Jalapão/TO. A reserva da biosfera na região do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros foi implantada em 1994 com a colaboração da WWF-Brasil. Em 2004 a TCN participou da ampliação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, localizado a noroeste de Minas Gerais, abrangendo também boa parte do estado da Bahia. Com incentivo de ONGs locais, a promoção de atividades econômicas alternativas como ecoturismo e o uso sustentável de produtos do Cerrado com apoio de um zoneamento ecológico-econômico proposto pelo Banco Mundial na época (Klink; Machado, 2005; Sawyer, 2002).

Dados do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), apontam que o Cerrado possui apenas 8,21% de seu território legalmente protegido por unidade de conservação e apenas 2,8 por 5% desse total é constituído por unidade de proteção integral, os outros 5,33% são unidade de conservação de uso sustentável, incluindo as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) que representa um 0,07% (Hebner Gonçalves; Meneguzzo; Moro, 2019). A criação de maior número de Unidades de Conservação, mas também a garantia de sua gestão são essências para que seja possível conservar o Cerrado.

Da mesma forma, outras ações, em nível de Estado, devem ser propostas para garantir a conservação do Cerrado. Está em andamento o Projeto de Emenda Constitucional - do Cerrado (PEC 115/1995, apensada à PEC 504/2010), que altera o artigo 225 da Constituição Federal para incluir o bioma Cerrado como patrimônio

nacional, ao lado da Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Pantanal e Zona Costeira, já prevista na Carta Magna (Hebner Gonçalves; Meneguzzo; Moro, 2019). A PEC 115/1995, apensada à PEC 504/2010 é fundamental:

Para a definição de políticas e legislação para uso do Cerrado, além de questões como a proteção da biodiversidade, existe a necessidade de caracterização das diversas formas de apresentação da vegetação e a necessidade de proteção da população local e de adoção de políticas que incentivem a diversificação das atividades econômicas, valorizando frutos e produtos do Cerrado, além dos serviços ambientais prestados pelo bioma (Agência Senado, 2018).

Assim, compreende-se que a implantação de políticas públicas é fundamental para que se garanta a conservação do cerrado, além do incentivo ao desenvolvimento de atividades que valorizem o cerrado e sua relação com a humanidade, buscando sempre a proximidade da humanidade com a natureza. Para que isso seja possível é essencial que consigamos pensar e agir a partir de uma abordagem territorial da questão ambiental no Cerrado, buscando realizar uma análise sistêmica e integrada deste território, como discutimos a seguir.

1.3 Por uma leitura territorial da questão ambiental no Cerrado

O avanço colonizador sobre o interior do território brasileiro não ocorreu de imediato. Porém, a partir da busca por metais preciosos, a entrada foi gradativamente acontecendo, com a destruição de territórios indígenas e criação de cidades, utilizando principalmente o trabalho escravo. Esse processo teve, além da mineração, também a pequena agricultura e a pecuária como bases.

As mudanças mais significativas ocorrem, contudo, com o avanço da fronteira agrícola, a partir de meados do século XX, com a Marcha para Oeste, inicialmente, e com a efetivação da Revolução Verde em segundo momento. Esses processos representaram impactos socioambientais amplos para o Cerrado, desde que trouxeram efeitos negativos tanto para a biodiversidade deste bioma quanto para as diversas populações aí territorializadas (Stédile, 2006).

Chaveiro (2021) aponta que, nas últimas décadas, o Cerrado se tornou um objeto de pesquisa, propagando-se no meio acadêmico, político e social e sendo fonte

de diferenciadas representações. Vários discursos a respeito de sua importância são feitos por instituições e setores do estado além do setor privado, exaltando o Cerrado como importante local de produção no país. Porém, quando se considera o território do Cerrado como economia de expansão, o resultado é a destruição do bioma. Assim afirmar o Cerrado como território gera sua negação enquanto bioma. Ao se transformar o Cerrado em fronteira agrícola, aberto à economia mundial, ocorre sua fragmentação, além do confinamento e redução das terras de povos indígenas e camponeses.

Cerca de 17,9% da população brasileira ocupavam os municípios de áreas nucleares no Cerrado em 1996. Neste mesmo ano nota-se uma densidade populacional de 11,4 habitantes por quilômetro quadrado na área urbana enquanto na área rural o percentual era de 2,7 habitantes por km², mostrando uma desigualdade na distribuição espacial. Os índices de ocupação são relativamente baixos na maior parte da região do Cerrado, apresentando uma concentração da população nas áreas urbanas. Porém o principal fator de pressão sobre os recursos naturais e o meio ambiente no Cerrado é proveniente de lavouras e da pecuária extensiva em seu território (Sawyer, 2002).

Após 1970 a população do Cerrado goiano se urbanizou de forma acelerada e dispersa, gerando uma urbanização muito concentrada e desigual, contando com mobilidades diferentes. Chaveiro (2020) chama a atenção para o contexto local destas mobilidades.

[...] num efeito sanfona camponeses foram expropriados de suas terras e mudaram para Goiânia; trabalhadores do norte e do nordeste afluíram-se para Goiânia e para as chamadas cidades do agronegócio; pessoas de cidades pequenas do norte e do norte de Goiás migraram para Goiânia; trabalhadores de Goiânia migraram para os Estados Unidos da América e para países da Europa. E ainda pode ser visto que à medida que o Cerrado goiano inseriu-se na economia-mundo houve maior intercedência na diferenciação regional interna (Chaveiro, 2020, p. 3).

Assim, analisando a relação da sociedade com a natureza no contexto local, enfatizando o Cerrado goiano como centro da análise, é possível se perceber sua singularidade a partir de suas características, densidade histórica e formação sociocultural. Para fazer esta análise, utiliza-se a categoria território, explicitando os processos de dominação, apropriação e formação de ideologias do Cerrado. Analisa-se as relações de poder que controlam as fitofisionomias, a água, o solo, o relevo, os

minérios, além de se refletir sobre os fatores que levaram o Cerrado a ser utilizado de forma intensiva para a produção de monoculturas no Brasil, às custas da degradação de sua biodiversidade e da desigualdade social evidente (Chaveiro, 2020).

Pesquisadores como o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, avaliam a grande diversidade de conteúdos sociais, etnias, linguagens, ambientes, além da gigantesca plataforma de saberes constituída pela memória coletiva e as artes de vida dos povos e comunidades do cerrado, chegando a chamar de “Mundo do Cerrado” essa grande diversidade de saberes. Seguindo essa análise, considera-se que a cultura do agronegócio, a concentração e aglomeração desordenada nos centros urbanos, a desigualdade social e econômica evidente, apresentam um mundo totalmente diferente (Chaveiro, 2020; Ramidoff, 2022).

No ano de 2007, instala-se a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), sob o decreto nº 6.040, reconhecendo os povos e comunidades tradicionais como atores sociais que necessitam de garantir seus direitos sociais, ambientais, econômicos, territoriais e culturais (Ramidoff, 2022).

Assim, nos incisos I e II do Art. 3º da PNPCT:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações; (BRASIL, 2007).

Este decreto é uma grande conquista, pois há séculos a elite agrária tenta desconstruir o conceito de povos e comunidades tradicionais os invisibilizando e marginalizando, negando os seus direitos e o acesso a suas terras e territórios. Portanto entendessemos povos e comunidades tradicionais como grupos que se alinham enquanto segmentos étnicos e sociais, como forma de resistência a extinção de Seus modos de vida tradicionais que são baseadas em sua relação com seu território e meio ambiente natural que é essencial. Aqui vale ressaltar que estes territórios se referem às relações sociais para além dos limites geográficos definidos (Ramidoff, 2022).

Nos últimos anos, foram formadas diversas perspectivas teóricas e políticas sobre o Cerrado, por pesquisadores, pelo poder público, pelo setor privado, por ONGs, por movimentos sociais, pelas suas comunidades tradicionais, colocando em disputa sua riqueza, seus bens naturais, sociais, culturais e suas representações ideológicas. A universidade que tem papel fundamental nesse processo, sofre com a ordem neoliberal imposta após a segunda guerra mundial, a sociedade capitalista buscando desenvolver diferentes modos de acumulação inicia possibilidades de estudo do Cerrado, incentivando o fortalecimento da pesquisa científica visando a mercantilização do alimento.

Percebe-se o Estado como articulador de estratégias de apropriação do Cerrado e de seus recursos naturais no estado de Goiás, articulando a implantação de políticas públicas, estrutura e financiamento da produção, favorecendo a expansão da atividade mineradora da pecuária e da agricultura. Contribuindo também com a violência contra as comunidades tradicionais e seus costumes. O Estado também foi canal para dominação de classes através da relação entre o capital e o trabalho. Garantindo aos latifundiários o direito à propriedade privada, aos meios de produção e à força de trabalho. O Estado age garantindo a proteção dos mecanismos de acumulação além da estabilização do sistema monetário, sendo considerado por Harvey (2005) um "instrumento de dominação de classes", organizando-se de modo que sustenta a relação entre o capital e o trabalho.

O Estado foi o grande responsável por inserir o Cerrado nas economias nacional e internacional, alavancando a expansão territorial dos projetos capitalistas. As forças dominantes utilizam um discurso repetido que tenta diminuir o valor das paisagens do Cerrado, atacando sua formação. O motivo é que tentam constantemente transformá-lo em um ambiente altamente produtivo baseado em uma economia agroexportadora, sendo uma das operações de sua apropriação.

A partir de 1930, o Cerrado é considerado um bioma pelas políticas territoriais brasileiras. No mesmo ano, edifica-se Goiânia, em meados de 1960 se funda Brasília, posteriormente Palmas, em 1980. Outro fator relevante é a construção da BR-153 e a expansão das rodovias complementares, posteriormente a construção da Ferrovia Norte-Sul através dos investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Todas estas ações ocorrem dentro do território do Cerrado, com o projeto de integrar as regiões norte, sul, leste e oeste do Brasil. Assim, percebe-se a participação

do Cerrado no processo de organização produtiva da economia Brasileira (Chaveiro, 2020).

O termo Cerrado ganhou força no século XX substituindo o termo Formações Savânicas e Sertão. O território do Cerrado se evidencia em disputa pelo estado, pelas corporações transnacionais, pelas cooperativas e associações, pelos acampamentos de trabalhadores Sem-Terra, assentamentos rurais, usineiros, pecuaristas Quilombolas e povos indígenas. Disputa que revela a complexidade dos sentidos de sua apropriação, para alguns fonte de vida e para outras fontes de lucro (CHAVEIRO, 2020).

Chaveiro (2020) afirma que já no século XIX houve diversas tentativas de diminuição dos valores ambientais do Cerrado, provocadas por viajantes europeus por criticarem a formação paisagística do Cerrado além de trazer o nome “Sertão” de uma forma pejorativa. O setor agrícola e o estado utilizam como argumento para implantar uma série de políticas públicas viabilizando o uso de áreas de cerrado para diversas ações de exploração territorial

Neste sentido, Chaveiro (2020) destaca algumas destas ações:

[...] a criação da Fundação Brasil Central que projetou o plano Marcha para o Oeste, assim como construção de estradas de ferro, a composição do projeto de Colônia Agrícola Nacional de Goiás – CANG, a construção de Goiânia e posteriormente de Brasília. Pontuam-se ainda o desenvolvimento de iniciativas como a criação da ACAR - Associação de Crédito e Assistência Rural, em 1948; do IPEA - Instituto de Pesquisas Agrícolas, em 1960; Sudeco - Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste, em 1967; Embrapa, em 1973; Padap - Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba, em 1973. Todas essas políticas demonstram que as ações do poder estatal na reordenação do território do Cerrado foram fomentadas com o II Plano Nacional de Desenvolvimento – II PND (1974-1979), implementado durante o Governo Geisel (1974-1979). Com o II PND, alguns programas foram elaborados com foco estratégico específico para o Cerrado do Centro Oeste brasileira, compreendida como região aberta ao planejamento estatal. Destacaram-se, ainda, programas como Prodegran - Programa Especial da Região da Grande Dourados, o Polocentro e o Programa Especial da Região Geoeconômica de Brasília (Chaveiro, 2020, p. 3)

O papel do Estado neste processo é atuar como agente facilitador da expansão da fronteira agrícola viabilizando uma intensa expansão capitalista no país, apoiada por incentivos fiscais e crédito subsidiado. O Estado também tem o papel de convencer as oligarquias locais sobre a inevitabilidade de mudanças no território do Cerrado. Assim, manteve-se o latifúndio, as diferenças de classes, o autoritarismo, intensificando-se as desigualdades sociais e a exploração do trabalho.

Através dos pensamentos filosófico e geográfico, objetiva-se uma diminuição das desigualdades e das diferenças no Cerrado. Chaveiro (2020, p 14), afirma que: “a leitura geográfica do Cerrado teria que afundar os olhos – e a mente no modo se deu a inserção do Cerrado na economia-mundo. Foi essa inserção que o afirmou como um território desigual, gerando a negação do bioma e de sua diversidade.”

Dados do Instituto Mauro Borges (IMB, 2017), revelam que Goiás ocupa a 4ª posição na produção de grãos. Sendo que a agropecuária goiana gera 12,3% da renda do estado, sendo que 7,8% são da agricultura. Entre os anos de 2000 e 2015 a produção Goiana de grãos teve um salto de 8,7 para 19,5 milhões de toneladas, devido ao crescimento dos setores baseados na exportação. Boa parte da renda de Goiás decorre da pecuária, da produção de ovos, da avicultura, da criação de bovinos de corte, dentre outras produções, que dependem do uso intensivo dos serviços ambientais e da implementação de tecnologias e destinadas principalmente à exportação.

Um setor econômico altamente destrutivo crescente no Cerrado em Goiás é a exploração das jazidas minerais. O estado já chegou a ser responsável por 100% da produção de amianto no país, 85% do níquel, 32,4% da Rocha fosfato Tica, 12,9% do Nióbio e 13,2% do Ouro, ocupando o 3º lugar na produção mineral do Brasil de acordo com a Agência Nacional de Mineração (AMN, 2017). (Chaveiro, 2020).

Chaveiro (2020), aponta que as taxas de exportação do Cerrado são baseadas em três complexos que respondem por 72,91% da receita proveniente das exportações goianas em 2015 conforme dados do IMB. Esses três vetores econômicos são baseados no setor primário com grãos, minérios e carnes, apontando que o Cerrado cumpre um significativo papel econômico regional e internacionalmente.

Aqui percebe-se um pacto de poder entre o estado e os setores econômicos capitalistas que visavam o controle corporativo dos territórios do Cerrado, formando monopólios de produção, de terras e de uma grande concentração do capital. Como resultados destes processos percebe-se a intoxicação do solo, das águas, extinção das espécies, desmatamento, exploração dos camponeses, e a expansão das periferias proletárias nas metrópoles Goiânia e Brasília.

Tendo em vista que a expansão agrícola no Cerrado é inegável, percebe-se a necessidade de se tomar medidas de uso mais sustentável do solo e de sua biodiversidade, pois afeta diretamente todos os outros ecossistemas Brasileiros. Além

disso, é importante ressaltar a revisão e aplicação efetiva das políticas para conservação de áreas remanescentes do Cerrado como também o estímulo ao desenvolvimento de práticas socioeconômicas sustentáveis. Neste sentido, entende-se que um caminho pode ser construído através da prática de atividades extrativistas de frutos, castanhas, plantas medicinais, apicultura, artesanato e diversas outras (Klink; Machado, 2005; Sawyer, 2002; Rodrigues; Pelá, 2011).

Permitindo uma relação de harmonia entre os diversos sujeitos e organizações sociais que vivem no cerrado. Tais objetivos só podem ser alcançados com a valorização dos povos que dependem do cerrado para viver, como: Os povos indígenas, extrativistas, quilombolas, ribeirinhos, cantadeiras de coco babaçu, camponeses, em resumo os Povos Cerradeiros, vítimas do modelo em que o Cerrado Goiano se inseriu na economia mundial.

Para nós, Povos Cerradeiros se referem aos sujeitos sociais trabalhadores/produtores que historicamente viveram nas áreas de Cerrado e constituíram formas de uso da terra a partir das diferenciações naturais-sociais experienciando formas materiais e imateriais de trabalho, que denotam relações sociais de produção muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas práticas socioculturais (Rodrigues; Pelá, 2011, p. 04).

Acredita-se que através da organização coletiva política dos Povos Cerradeiros e organizações sociais que são contra este modelo de desenvolvimento territorial do Cerrado, seja possível defender modos de desenvolvimento socioeconômico mais sustentáveis, buscando o fim da extinção dos povos, saberes, plantas e costumes do Cerrado.

Para isso é necessário que se compreenda a transdisciplinaridade além da fragmentação entre o físico e humano, a natureza e a sociedade. Para (Rodrigues, 2011) essa perspectiva é chamada “visão integrada do Cerrado”. Este olhar integrado, permite a conexão entre o local e o global, contradições, regras e vidas. Seria a força das resistências, que se relacionam assegurando práticas socioculturais expressões e constituem novos saberes e fazeres desses povos Cerradeiros. Para esses sujeitos que compartilham da perspectiva integrada, a natureza está unida à vida, a separação entre o material e o material não existe, pois o diálogo e a construção que asseguram a vida são permanentes (Rodrigues; Pelá, 2011).

Uma ferramenta que pode fomentar estes novos saberes e fazeres dos Povos Cerratenses e também dos sujeitos que vivem no entorno da Serra Dourada é o Turismo, que além da valorização da cultura local, pode proporcionar experiências interativas com o Cerrado, apresentando aos visitantes toda sua biodiversidade através da prática de experiências, esportes, vivências e visitas pedagógicas a regiões com a biodiversidade ainda conservada (Klink; Machado, 2005; Sawyer, 2002).

Buscando elementos para a compreensão de como pode-se garantir a permanência do Cerrado e do território Serra Dourada com a contribuição do turismo, é preciso antes de tudo compreender este fenômeno que ocorre na serra a décadas, caracterizá-lo de modo geral, além de compreender quais modalidades dessa atividade se adequam a ideia de utilizá-lo como instrumento de conservação e valorização por um viés de conscientização ambiental.

No capítulo seguinte, o autor busca apresentar a Serra Dourada em sua caracterização geral. A intenção é apresentar a serra em sua perspectiva de formação natural e também fornecer um recorte histórico sobre a ocupação humana e o avanço da colonização. Além disso, discute-se o uso e a ocupação do solo no território da Serra Dourada.

Com isso, concluímos a discussão atual e nos preparamos para o próximo capítulo. Nele, exploraremos a Serra Dourada em sua formação natural, a história da ocupação humana e o avanço da colonização. Além disso, abordaremos o uso e a ocupação do solo, um aspecto crucial para entender a dinâmica atual da região. Portanto, o próximo capítulo promete uma análise aprofundada e abrangente da Serra Dourada, lançando luz sobre seu passado, presente e potencial futuro.

2 A SERRA DOURADA

A Serra Dourada está imersa no cotidiano e no imaginário da população goiana. Já inspirou e disponibilizou materiais para artistas de diferentes áreas, assim como estimulou o desejo de riqueza de muitas pessoas, considerando seu potencial minerário. Mas também já foi território de vida para povos indígenas e tem representado uma importante possibilidade de conservação do Cerrado na sua área de abrangência. Não é tarefa simples, portanto, estabelecer uma conceituação ou recorte unitário que englobe a diversidade histórica, socioeconômica e ambiental da

Serra Dourada, sendo que qualquer conceituação ou classificação será parcial. Esse capítulo, nesse contexto, tem como objetivo estabelecer um exercício de proposição de um recorte territorial que forneça elementos para uma análise sobre as práticas turísticas e de conservação ambiental do Cerrado relacionadas à Serra Dourada. Para isto, partimos da apresentação geral das características naturais da Serra Dourada (geologia, hidrografia, vegetação, fauna), passando pelo processo de formação territorial, para então, situarmos um recorte territorial a partir da aproximação dos elementos naturais com a dinâmica de ocupação do território.

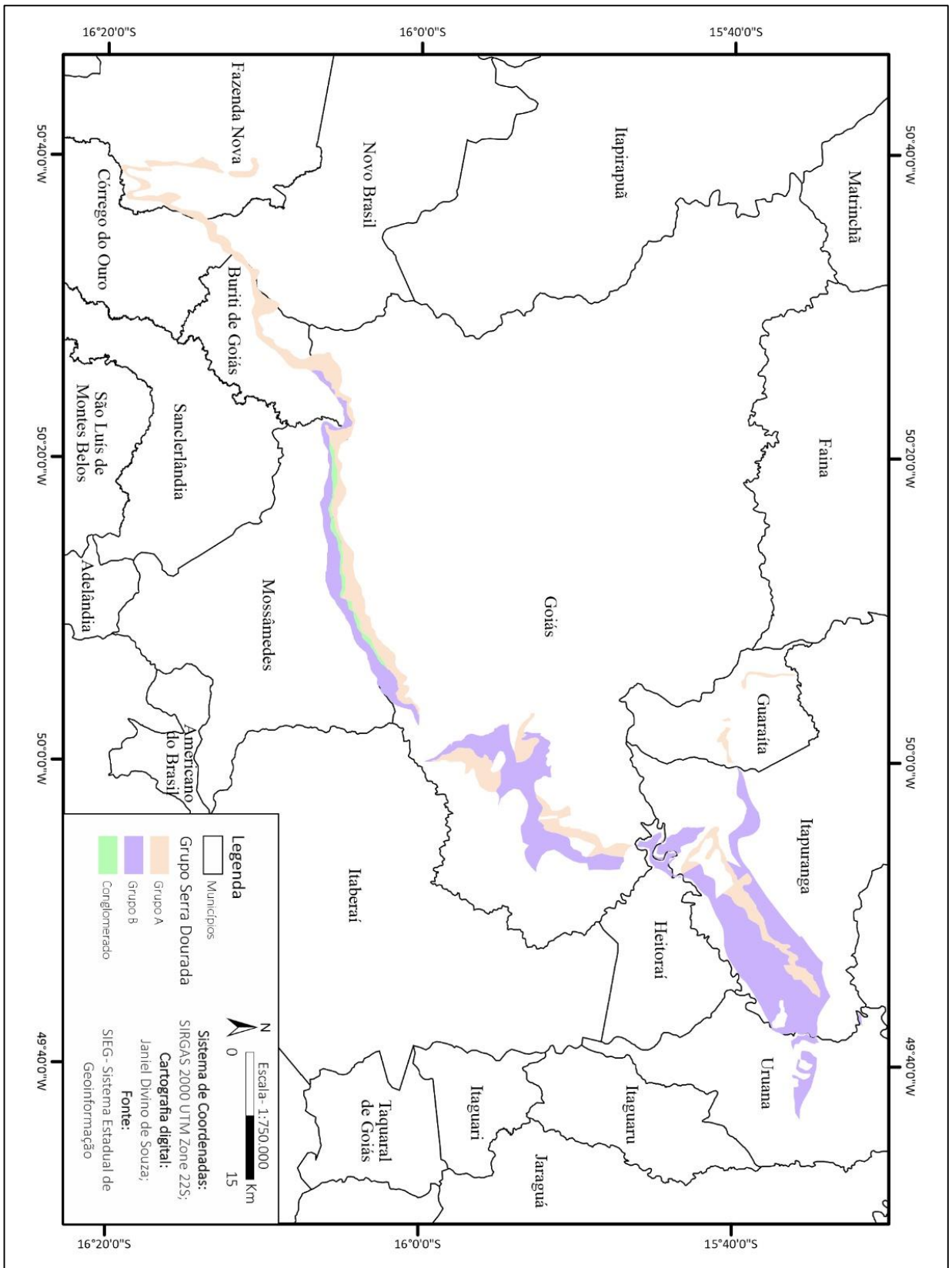
2.1 A Serra Dourada em sua perspectiva de formação natural

A Serra Dourada, considerando a formação geológica como base, está situada na região noroeste do Estado de Goiás, abrangendo os municípios de Goiás, Guaraíta, Itapuranga, Uruana, Heitorai, Mossamedes, Buriti de Goiás, Córrego do Ouro, Fazenda Nova e Novo Brasil (Mapa 01), compondo a paisagem regional a partir dos elementos naturais do Cerrado.

Com objetivo de construir um recorte, tendo a Serra Dourada como foco, que possa contribuir para a reflexão sobre as práticas do turismo e a conservação ambiental do Cerrado, iniciamos aqui trazendo algumas informações referentes à geologia/geomorfologia, à hidrografia e à biodiversidade desta formação. Nesse sentido, de acordo com Danni et. al (1973 *apud* Leinz; Leonardos, 1936) a Serra Dourada se apresenta como um extenso *Hog-Back* sustentado por camadas de quartzitos micáceos (itacolomitos) e outros xistos cristalinos, do período Pré-Cambriano, destacando que o front da Serra é voltado para o Norte e o reverso para o Sul, com altitude variando entre 800m e 850m.

A Serra Dourada foi formada quando “[...] o magma encontrou alguma falha geológica, entrou e soergueu todo o material, formando um batólito de granito que sustenta toda a formação da Serra Dourada”, caracterizando um processo geológico conhecido como epirogênese positiva (Mendonça; Santos; Carneiro, 2020, p. 28). A característica Morfológica-Estrutural da Serra Dourada é definida, assim, por um relevo cuestiforme do tipo *Hog-Back*. Este tipo de relevo é vinculado a fenômenos tectônicos e são resultantes de efeitos deposicionais, apresentando características similares às das Cuestas, com estruturas monoclinais que têm mergulhos acima dos 30° (Casseti, 1990).

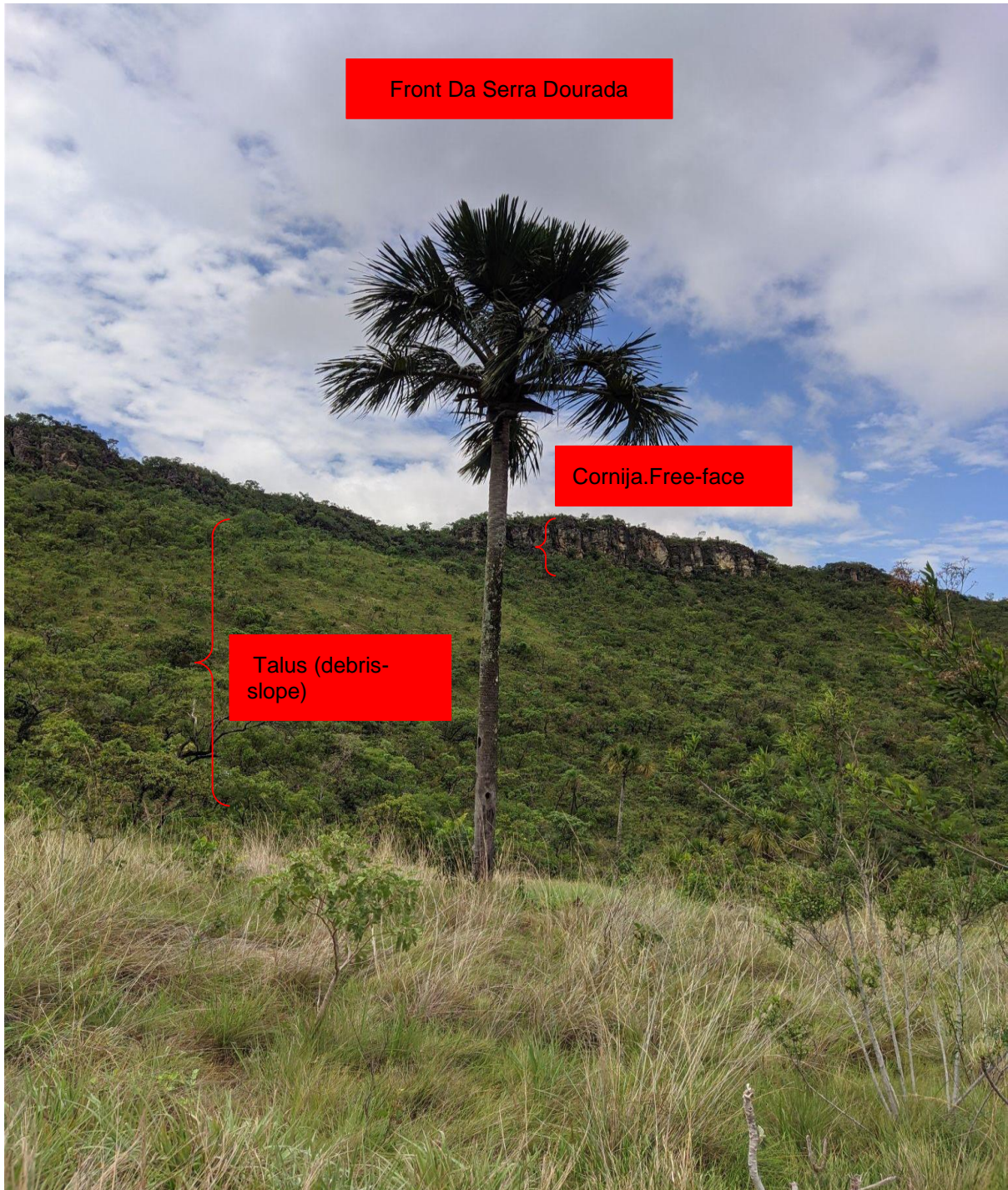
Mapa 01 – Formação Serra Dourada



Fonte: SIEG

A Serra tem seu *front* voltado para o Norte, apresentando *cornija* estrutural de extrema verticalidade (*Free-face*), chegando a 10 metros de exposição. Logo abaixo, colúvios pedrogenizados estão recobrimdo níveis de pedimentação conhecido como *talus (debris-slope)* (Casseti, 1990), como podemos observar na foto 01.

Foto 01 - *Front* da Serra Dourada.



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2023.

Na foto 01 também estão evidenciadas diversas transições na fitofisionomia do Cerrado. Nota-se o campo limpo fazendo uma transição para o campo sujo que é evidenciado no *debris-slope*. Nesta transição, nota-se uma palmeira compondo o Veredal que está sobreposto nesta transição. Ao alto da Serra, evidencia-se acima do *free-face* o cerrado rupestre.

O reverso da Serra Dourada (Foto 02) é composto por clorita-quartzo xisto, filitos quartzosos e sericíticos, apresentando bancadas escalonadas e camadas com mergulho entre 30° e 40° SSE ou SW (Casseti, 1990).

Foto 02 - Reverso da Serra Dourada.



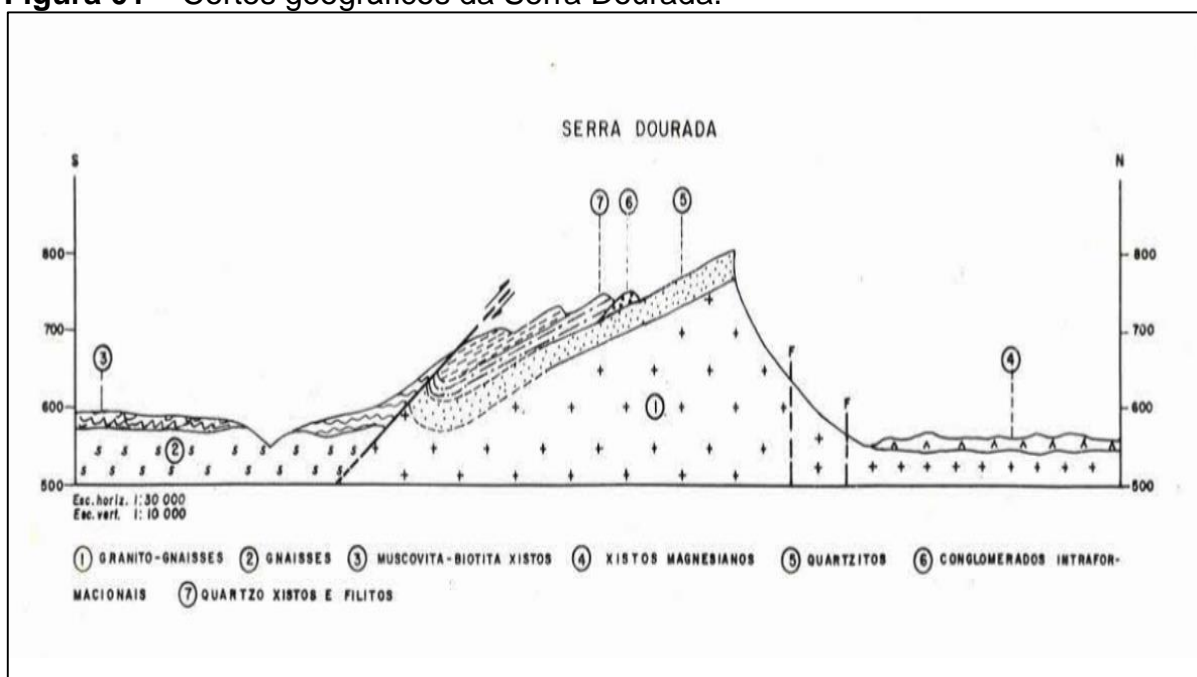
Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Danni et. al (1973, p. 162) caracterizam morfologicamente a Serra Dourada como um extenso *Hog-Back* “[...] de rumo oés-sudoeste — lés-nordeste”, que é

sustentada por camadas de quartzito. Possui um “[...] *front* alcantilado e abrupto voltado para o Norte”. O reverso acompanha o mergulho das camadas rochosas. É inclinado, com 15-20° para o sul, sendo perceptível uma sucessão de *Hog-Backs* menos salientes, suportados por xistos “[...] até morrer no típico relevo ondulado de xistos e gnaisses”. Também é evidenciada uma antiga superfície de aplainamento cortando o topo da Serra Dourada na porção mais elevada. O platô é “[...] sustentado por crosta de laterita concessionária espessa, de 1-2 m” ao norte de Mossâmedes. O referido *front* é o que caracteriza a famosa tonalidade dourada da Serra quando a avistamos da cidade de Goiás ao pôr do sol. Dessa região, basicamente em qualquer lugar que se vai, a Serra Dourada está presente na paisagem. Seu reverso é voltado para a região de Mossâmedes.

Considerando vários estudos realizados há décadas sobre a geologia da Serra Dourada, Danni et. al (1973) a caracterizam com a seguinte estrutura litológica, da base para o topo da Serra, conforme apresentado na figura 01 e no quadro 01.

Figura 01 – Cortes geográficos da Serra Dourada.



Fonte: Danni et. al (1973)

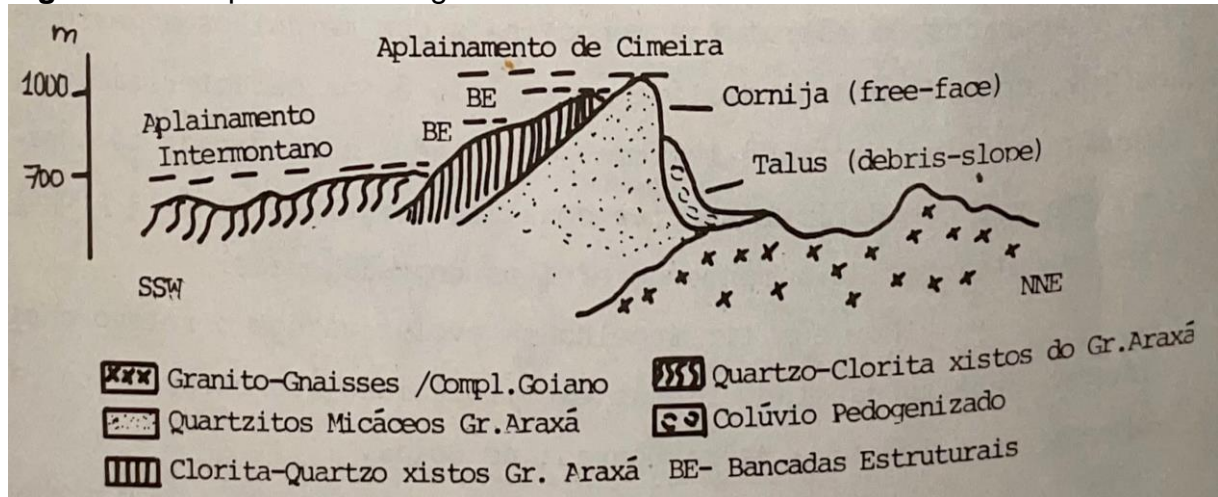
Quadro 1 - Sequência Litológica da Serra Dourada

<p>1 - Complexo Granito Gnáissico. Ocorre ao norte da Serra Dourada. Nele se encontram muscovitas-quartzo xistos grosseiros e metabasitos e clorita-talco xistos intensamente dobrados, representando a primeira geração de intrusões básicas na região.</p>
<p>2 - Gnaisses típicos, aparecem ao sul da Serra separados em: muscovita-biotita gnaisses; Granada-biotita-muscovita gnaisses; hornblenda-biotita gnaisses; cordierita-hornblenda gnaisses.</p>
<p>3 - Mica xistos sobrepõe-se transicionalmente aos gnaisses. Ocorrem biotita xistos calcíferos, granada-biotita-muscovita xistos, granada-muscovita xistos e estauroilita-granada-muscovita xistos. Quartzitos hermáticos. Ao topo da sequência, são localizadas lentes de mármore nas tonalidades cinza e branco.</p>
<p>4 - Magmatismo básico e ultrabásico apresentado em duas formas:</p> <p>a) Talco-clorita xistos e metabasitos, podem corresponder a derrames de lavas, diques e corpos intrusivos metamorfizados. Ocorrem ao norte da Serra Dourada, com espessura de 15 a 20 m. Sua correlação com lavas básicas se dá pela presença de relictos de olivina e piroxênio, pequenos corpos ultrabásicos ligados às principais ocorrências de talco da região.</p> <p>b) Corpos intrusivos de rochas básicas e ultrabásicas que afloram ao sul da Serra São João em Mangabal. Complexos intrusivos em gnaisses e mica xistos alinhados rumo leste-oeste da serra, constituídos de gabros, noritos, troctólitos, piroxenitos e peridotitos.</p>
<p>5 - Início de um novo ciclo sedimentar, com camada descontínua espessa composta por 5 m de turmalina-clorita xisto, assentada sobre o complexo granito-gnáissico, ao norte da área.</p>
<p>6 - Quartzitos maciços, geralmente muscovíticos que constituem o hogback da Serra. com 40 a 50 m de espessura sentido oeste da serra.</p>
<p>7 - Nível conglomerático descontínuo nos últimos metros do pacote quartzítico. As lentes conglomeráticas podem atingir 15 m de espessura, e várias centenas de metros em comprimento, compostas por seixos bem arredondados estirados em elipsóides alongados, resultado dos esforços tectônicos. A matriz arenosa é rica em muscovita.</p>
<p>8 - Banco de quartzito de 2 a 3 m de espessura, com característica estratificação cruzada. Camada que marca o início de uma alternância de bancos quartzitos, com quartzo xistos ricos em clorita, muscovita e turmalina. Essa sequência apresenta uma espessura estimada em 250 metros. Sobreposta a ela existe uma unidade onde predominam os filitos sericíticos e clorotosos com níveis grafitosos em sua parte superior. Conjunto encontrado no sentido Oeste da área.</p>
<p>9 - Lateritas encontradas sobre a superfície de aplainamento que ocorreu nos tempos terciários.</p>
<p>10 - Solos Arenosos e pouco espessos, aluviões e coluviões. Últimos produtos sedimentares de um passado recente.</p>

Fonte: Danni et. al (1973).

Apresentando outro esquema explicativo da morfologia da Serra Dourada, Casseti (1990, p. 82) afirma que esta região, a Serra é sustentada por Quartzitos Muscovíticos. É composta por: Quartzitos Micáceos, Gr. Araxá; Clorita-Quartzo Xistos, Gr Araxá; Quartzo-Clorita xistos, Gr. Araxá; Granito-Gnaisses/Compl. Goiano; Colúvio Pedofenizado, conforme mostrado na figura 02.

Figura 02 - Esquema Morfológico da Serra Dourada



Fonte: Casseti, 1990.

Na parte superior da Serra, dentro da área da Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo, da qual falaremos mais adiante, existem lugares conhecidos pelas pessoas ao longo dos anos. Como a Cidade de Pedras, ponto onde é encontrada a Pedra Goiana. Danni et. al (1973, p. 173) caracterizam a formação rochosa do topo da Serra Dourada, da qual a cidade de pedras pode fazer parte, como Quartzitos muscovíticos sub-horizontais, sendo “[...] posto que apresentem intenso fraturamento, fácil desagregação em placas e atitude sub-horizontal, nos altos da serra, a erosão desenvolveu campos de pedras pedestais, conferindo a região uma paisagem ruiforme”.

As fotos 03 a 06 apresentam algumas imagens, registradas durante atividades de campo, referentes à formação rochosa predominante na parte superior da Serra Dourada, seguindo perspectiva apresentada por Danni et. al (1973). Tais imagens ilustras as características e a importância da formação rochosa geral da Serra Dourada.

Foto 03 – Mirantes do Areal – Formação rochosa no topo da Serra Dourada.



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Também é evidenciada por Danni et. al (1973, p. 179) a ocorrência de diamantes na Serra Dourada, em uma região a noroeste de Mossâmedes, próxima ao Flanco sul da Serra. “Ali ocorrem depósitos aluviais e coluviais, provenientes da desagregação das lentes de conglomerados garimpados para diamante”. Os pesquisadores ainda afirmam que a maior ocorrência de diamantes está nos aluviões do Rio Fartura e que o maior diamante encontrado possuía 15 quilates.

Foto 04 – Cidade de Pedra – formação rochosa no topo da Serra Dourada.



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Com essas informações, compreende-se que a Serra Dourada começou a se formar no período Pré-Cambriano, a aproximadamente 4,6 bilhões de anos atrás (Danni et. al, 1973).

Foto 05 – Caminho da Pedra Goiana – formação rochosa no topo da Serra Dourada.



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

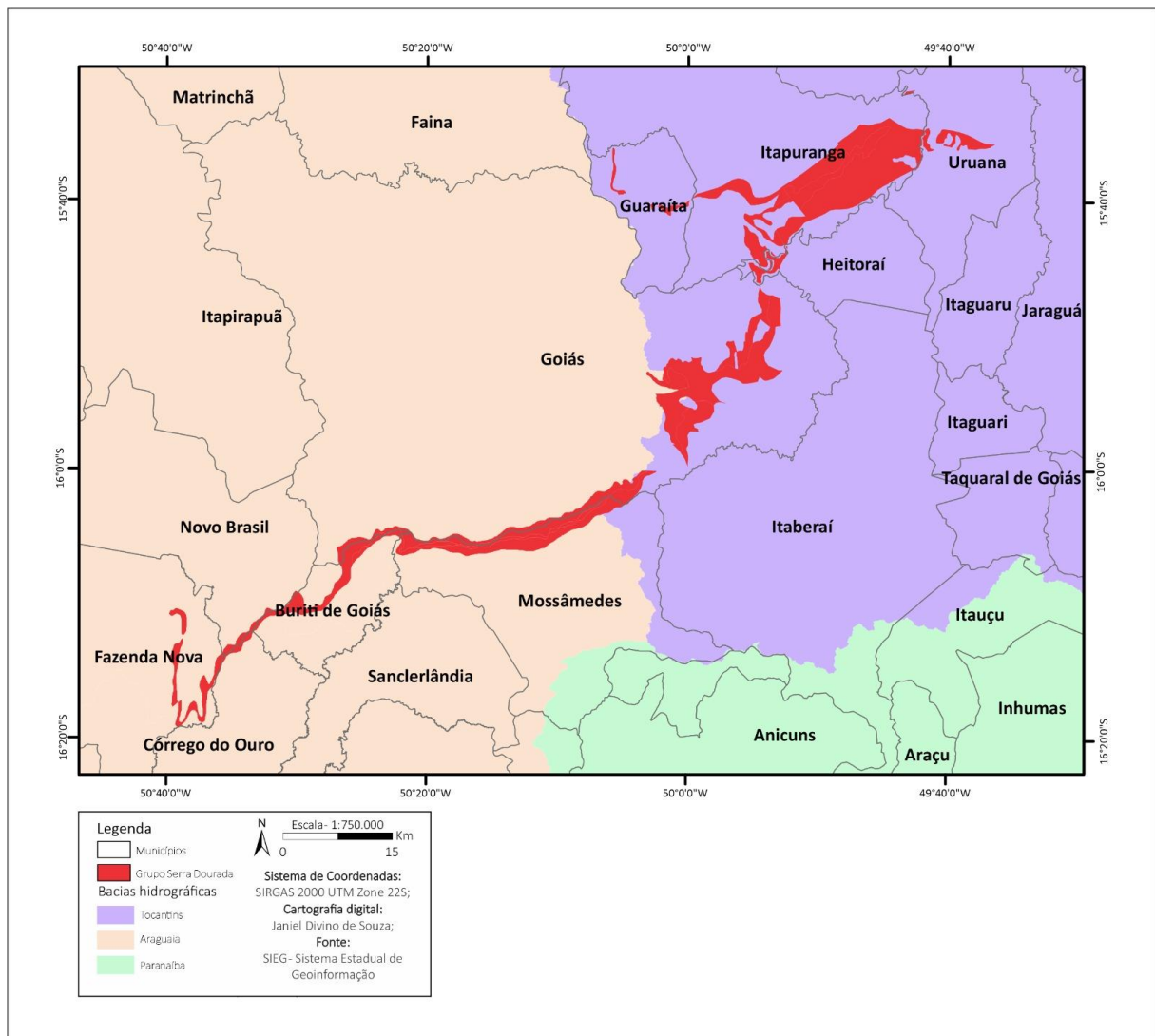
Foto 06 – Cidade de Pedra – formação rochosa no topo da Serra Dourada.



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

O processo de formação geológica da Serra Dourada, por sua vez, está conectado com a disposição do sistema hidrográfico regional, conformando uma elevada capacidade hídrica, sendo responsável por armazenar e distribuir água para um amplo território. Compreendida como um importante divisor de bacias hidrográficas, Danni et. al (1973) afirmam que as nascentes formadas na Serra Dourada são drenadas pela bacia do Araguaia, sendo que ao norte correm os rios Índio e Vermelho, já ao Sul, os ribeirões Conceição e Fartura. A região leste seria drenada por nascentes que formam o rio Uru que é um afluente do rio das Almas, estando na bacia do Tocantins. No mapa 02 é possível visualizar a Serra Dourada inserida no contexto das Bacias Hidrográficas do Araguaia, Tocantins e Paranaíba.

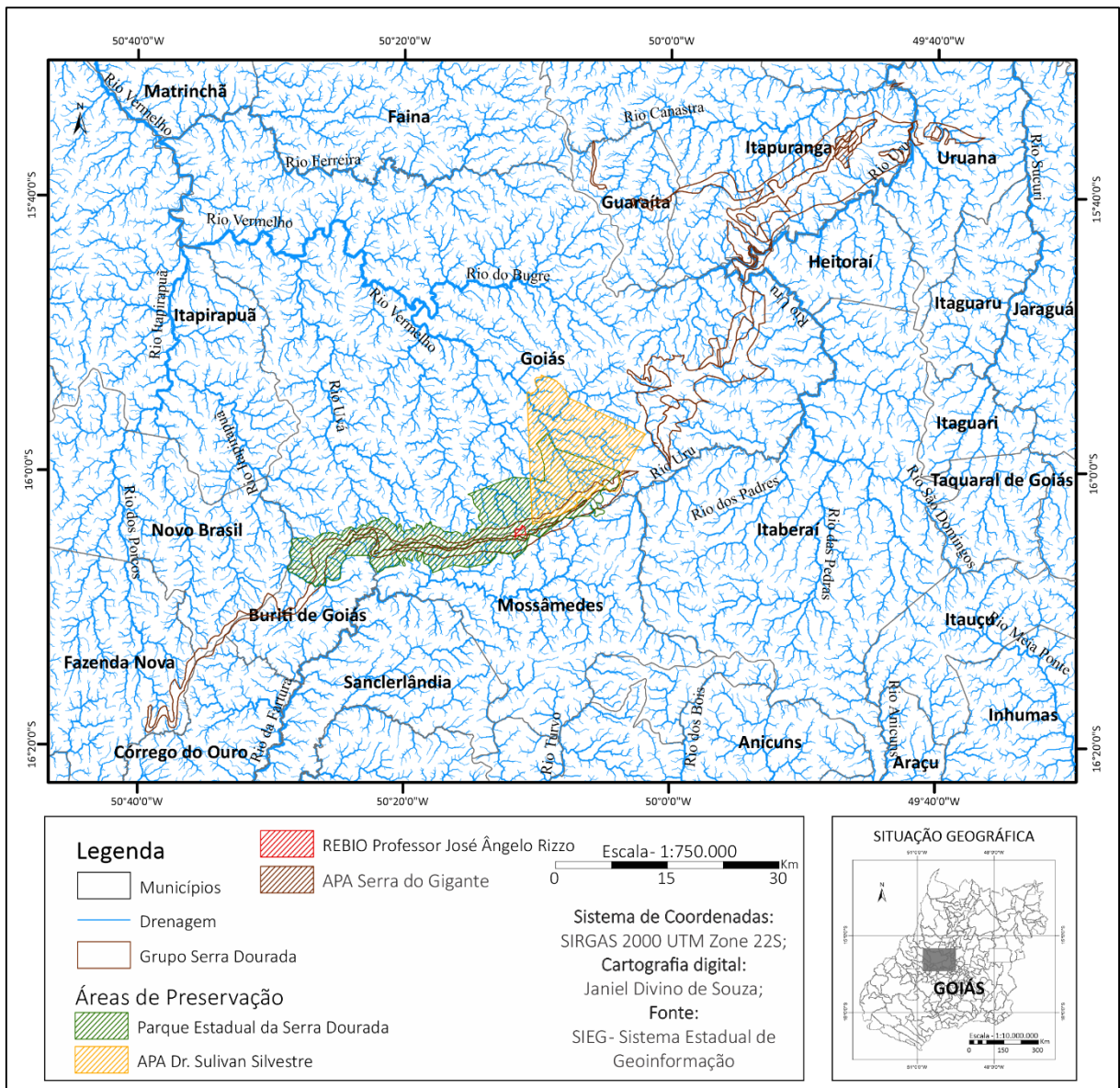
Mapa 02 – Mapa das bacias hidrográficas no contexto da Serra Dourada.



Fonte: SIEG, 2023.

No front da Serra Dourada ocorrem erosões remontantes de cursos anaclinais, dando origem aos córregos Ágape, Pedra de Amolar e Santo Antônio, que deságuam no Rio Vermelho. No reverso da serra, os falhamentos transversais favorecem o entalhamento dos cursos cataclinais, formando "cluses" que dão origem às nascentes que abastecem os córregos Cafundó, Conceição e Fundo (Casseti, 1990). No mapa 03, apresenta-se a rede de drenagem da Serra Dourada através do Sistema Estadual de Geoinformação (SIEG).

Mapa 03 – Rede de drenagem no território da Serra Dourada.



Fonte: SIEG, 2023.

Cassetti (1990, p. 81) afirma que os cursos d'água que se formam no reverso (região do município de Mossamedes), estariam ligados à bacia Platina, formada pela bacia do Paranaíba. Já no front da serra, os cursos d'água que se formam estariam ligados a bacia Amazônica, formando a bacia do Araguaia, conforme apresentado na figura 03.

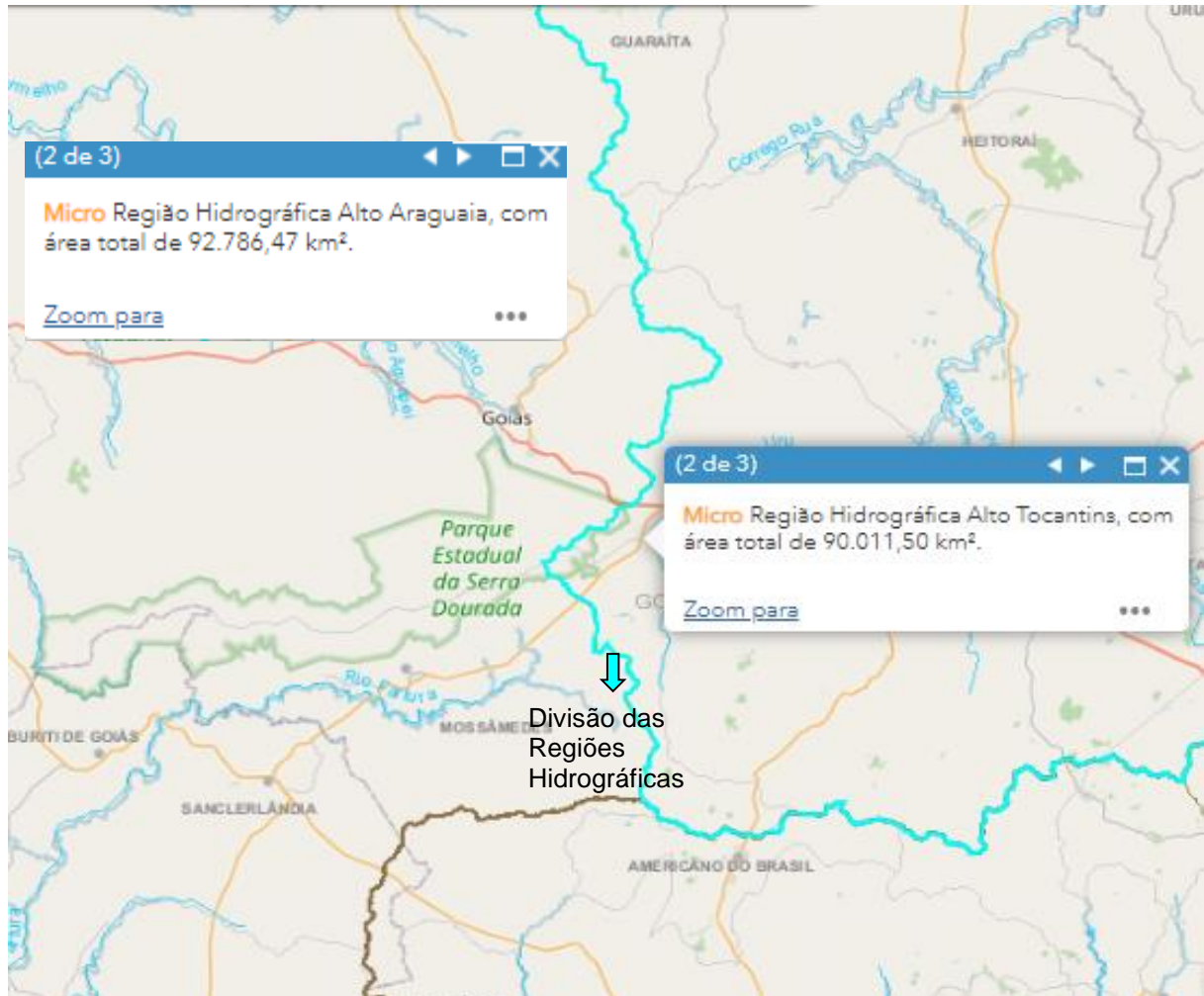
Neste sentido, em sua região norte (front), a Serra Dourada dá origem aos: Rio Bagagem, Córrego Aguapei, Córrego Santo Antônio, Córrego Caxambu, Córrego Grande, Rio Uvá, Córrego Buriti Queimado, Córrego do Índiozinho e Córrego Índio. Já em sua região sul (reverso), a Serra Dourada dá origem aos: Córrego da Serrinha, Córrego do Índio Grande, Córrego do Índio, Córrego Santo Antônio, Córrego Fundo, Córrego Cafundó, Ribeirão do Piçarrão e Rio Fatura.

Conforme dados apresentados no aplicativo de Divisão Hidrográfica Nacional (IBGE - ANA) do Sistema Nacional de Informações sobre Recursos Hídricos (SNIRH), entende-se que a Microrregião hidrográfica do Alto Araguaia, com área de 92.706,47 km², está compreendida na Meso Região Hidrográfica Araguaia, com área total de 384.227,86 km². Já a Microrregião Hidrográfica Alto Tocantins, com área de 90.011,50 km², está na Mesorregião Hidrográfica Alto Tocantins, com área total de 306.206,80 km². Ambas as regiões Hidrográficas, estão na Macrorregião Hidrográfica TOCANTINS-ARAGUAIA, com área total de 938.112,43 km².

Analisando os dados da plataforma, percebe-se que a Serra Dourada está entre as Microrregiões hidrográficas do Alto Araguaia com área total de 92.786,47 km², e Alto Tocantins com 90.011,50 km², e as Mesorregiões Araguaia, com área de 384.227,86 km², e Alto Tocantins, com 306.206,80 km². Esta divisão de bacias, ocorre em sua região leste, entre as GO-070 e GO-164, conforme apresentado no mapa 05.

Observa-se que a bacia do Parnaíba não se encontra na Serra Dourada, como afirmado por Casseti (1999 p.84) em sua pesquisa. Portanto, a Mesorregião do Parnaíba está próxima ao município de Mossâmedes, porém não faz divisão com a bacia do Araguaia na Serra Dourada.

Mapa 05 - Divisão das Microrregiões hidrográficas Alto Araguaia e Alto Tocantins na Serra Dourada.



Fonte: IBGE/ANA,

Como vemos, as bacias hidrográficas relacionadas, de alguma forma, com a Serra Dourada, possuem importância significativa para a conservação do Cerrado e para o abastecimento humano regionalmente. Na foto 07, evidencia-se a unidade de tratamento e distribuição das águas do Córrego Cafundó, um dos vários canais hídricos que nascem na Serra Dourada. Suas águas são captadas e sem nenhum tratamento (por não ser necessário), são enviadas à cidade de Mossâmedes. Estas águas abastecem toda população da cidade, estimada em 4.120 pessoas (IBGE, 2021).

Foto 07 - Córrego Cafundó e Unidade de Captação de Água de Mossâmedes.



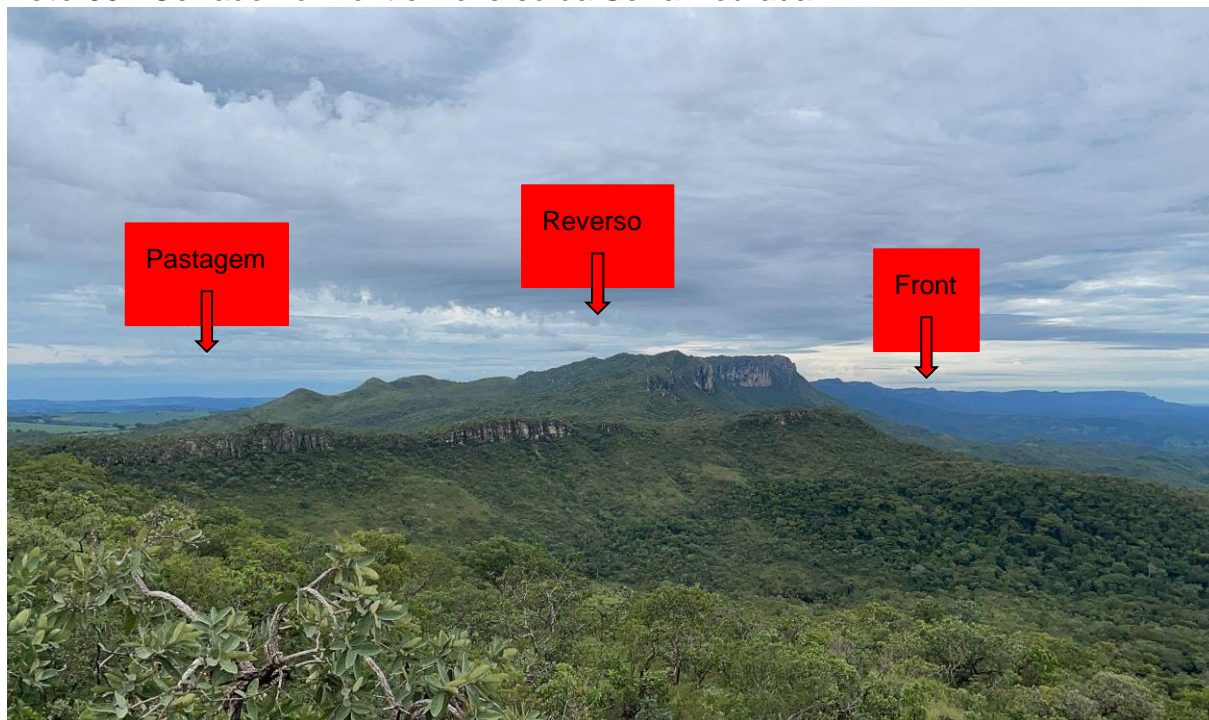
Autor: Jhonatan Soares Campos, 2023.

Após essa análise, entende-se que a Serra Dourada e o Cerrado que predomina em sua formação são responsáveis pelo abastecimento hídrico dos três municípios que estão em seu entorno, que se beneficiam diretamente dos afluentes que dela nascem. Portanto, para garantir a permanência destas águas e de seu uso

por todas as populações que residem aqui, compreende-se a importância de se conservar este território.

Compondo o conjunto ambiental da Serra Dourada, é essencial destacarmos também, a vegetação predominante de Cerrado, com diferentes fitofisionomias aos extremos sul, região de Mossâmedes e ao norte, região do município de Goiás. Diante do *front*, ao norte, uma formação ondulada de gnaisses coberto por matas densas de cerrado. Ao Sul, no reverso da serra, evidenciam-se amplas colinas, formadas por rochas básicas e ultrabásicas. Deste lado da serra, os solos são férteis e contam com uma vegetação mais abundante (Foto 08).

Foto 08 - Cerrado no Front e Reverso da Serra Dourada



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2023.

A região Leste da área da Serra é coberta por cerrado denso, suportada por laterita, é caracterizada como uma região plana. Consequentemente, estas regiões foram exploradas pelas pastagens e agricultura. (Danni et. al, 1973). Possuindo relações ecológicas e fisionômicas com outras Savanas da América Tropical, da África, do Sudeste Asiático e da Austrália, o Cerrado inclui diferentes fisionomias que são determinadas pela ação do fogo ou pelos tipos de solo. Também podem ser determinadas pela combinação da ação dos fatores clima, solo, disponibilidade de água e nutrientes, geomorfologia e topografia, atitudes, pastejo e impacto das

atividades humanas. Neste sentido, compreende-se que para classificar o cerrado seja necessário considerar sua composição florística, sua fisionomia e sua estrutura, assim para evidenciar suas diferentes categorias é utilizado o termo Fitofisionomia (Castro, 2010; Ribeiro; Walter, 1998).

Assim, o Cerrado é caracterizado, em 14 fitofisionomias, sendo: Formações Florestais: Mata Ciliar, Mata de Galeria, Mata Seca e Cerradão; Formações Savânicas: Cerrado Denso, Cerrado Típico, Cerrado Ralo, Parque de Cerrado, Palmeiral, Vereda e Cerrado Rupestre; Formações campestres: Campo Rupestre, Campo Sujo e Campo Limpo (Ribeiro; Walter, 1998). As diferentes fitofisionomias do cerrado são classificadas conforme a figura 04, apresentada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

Figura 04 - Fitofisionomias do Cerrado.



Fonte: EMBRAPA

Machado (2013, p. 7) afirma que a Serra Dourada na região abrangida pelo Parque Estadual da Serra Dourada (PESD) são evidenciadas diversas fitofisionomias do Cerrado, portanto “[...] apresenta mata de galeria, mata seca, campo sujo, campo rupestre, cerrado sentido restrito e cerrado rupestre”.

Em seu acesso principal pelo extremo sul, região de Mossâmedes, ao chegar na Serra Dourada encontra-se o cruzamento do córrego Cafundó e ribeirão do Piçarrão. Suas águas estão cobertas por Mata de Galeria, que se estende pela subida da serra com uma forte inclinação. Conforme a subida, percebe-se que a fisionomia do Cerrado começa a mudar, as espécies de frutíferas e herbáceos se alternam e a Mata Seca se apresenta. Nota-se que as copas das árvores vão ficando mais próximas e que sua espessura também vai diminuindo. Seus troncos e galhos cada vez mais tortuosos e suas folhas, mais grossas e resistentes, evidenciam novas

transições. Ali, a Mata Seca se alterna para Cerrado Denso, Cerrado Típico, Cerrado Ralo, Campo Sujo, Campo Limpo, chegando ao Cerrado Rupestre (Foto 09).

Foto 09 - Fitofisionomias de Cerrado na trilha principal da Serra Dourada.



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2023.

Evidencia-se também, uma grande diversidade de frutos do Cerrado em várias regiões da Serra Dourada. Os mais vistos nas regiões visitadas nos trabalhos de campo foram o Pequi (*caryocar brasiliense*), mangaba (*hancornia speciosa*), curriola (*pouteria ramiflora*), jatobá (*hymenaea stigonocarpa*), cajuzinho (*anacardium humile*), araçá (*psidium guineense*) (Foto 10).

Foto 10 - Principais frutos encontrados na Serra Dourada



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Conforme vamos subindo, ao atingir uma altitude superior a 850m, a Serra se apresenta nas fisionomias predominantes em seu Cume, Campo Sujo e Cerrado Rupestre. Assim, percebe-se a importância da Serra Dourada e sua grande biodiversidade, pois abriga diversas espécies da flora existentes no Cerrado.

Machado (2013, p. 1) destaca a importância da Serra na “[...] conservação da flora de Melastomataceae por apresentar o segundo maior número de espécies da família dentre os parques de Goiás”. A Melastomataceae é uma família botânica com mais de 4.500 espécies e 170 gêneros de plantas. Sua distribuição é subtropical e tropical, seu gênero mais encontrado é o *Tibouchina*. Seus botões são simples ou duplos com pétalas brancas, róseas, violáceas, roxas, púrpura ou magenta, raramente encontram-se vermelhas, amarelas ou bicolors (Martins, 2009).

Melastomataceae está representada no Parque Estadual da Serra Dourada por 43 espécies e 13 gêneros. As espécies apresentam hábitos variados, sendo mais frequente o hábito subarbustivo a arbustivo, característico de 32 espécies (*Acisanthera variabilis*, *Cambessedesia espora* subsp. *espora*, *Clidemia hirta*, *C. octona*, *Desmoscelis villosa*, *Macairea radula*, *Miconia albicans*, *M. alborufescens*, *M. calvescens*, *M. fallax*, *M. heliotropoides*, *M. holosericea*, *M. lanata*, *M. leucocarpa*, *M. macrothyrsa*, *M. minutiflora*, *M. nervosa*, *M. rubiginosa*, *M. stenostachya*, *Microlicia helvola*, *M. insignis*, *M. ordinata*, *Rhynchanthera hispida*, *Tibouchina aegopogon*, *T. barbiger*, *T. crassiramis*, *T. johnwurdackiana*, *T. aff. nodosa*, *T. robusta*, *T. verticillaris*, *Tibouchina* sp. e *Trembleya neopyrenaica*). Pelo menos 14 espécies apresentam hábito arbóreo (*Miconia affinis*, *M. albicans*, *M. chamissois*, *M. ferruginata*, *M. holosericea*, *M. ibaguensis*, *M. macrothyrsa*, *M. minutiflora*, *M. nervosa*, *M. rubiginosa*, *M. tomentosa*, *Tibouchina papyrus*, *T. stenocarpa* e *Tococa guianensis*), enquanto que apenas *Pterolepis perpusilla* e *Siphanchera dawsonii* apresentam hábito herbáceo. (Machado, 2013, p.87).

Dentre todas as espécies encontradas na Serra Dourada, apenas a *Miconia tomentosa* e *Tibouchina Papyru* estavam incluídas na Lista Vermelha de Espécies ameaçadas em 2012 (Machado, 2013). O “Papyrus” ou “Pau Papel” (Foto 11) como é conhecido, é uma das mais belas espécies arbustivas da região, pois apresenta o desprendimento de camadas do ritidoma em películas finas, que se assemelha ao papel de seda. Foi descrito em 1951 pelo naturalista John Emanuel Paul como *Lasiandra papyrus*, porém no ano de 1952 Joaquim Franco de Toledo fez uma nova classificação da espécie, que passou a se chamar *Tibouchina Papyrus*. Esta é uma espécie endêmica do Cerrado e ocorre nas formações rupestres. A espécie é limitada à Serra Dourada, à Serra dos Pirineus em Pirenópolis e à Serra de Natividade em Tocantins (Castro, 2010).

Foto 11 - *Tibouchina papyrus* (pau-papel) no cerrado rupestre.

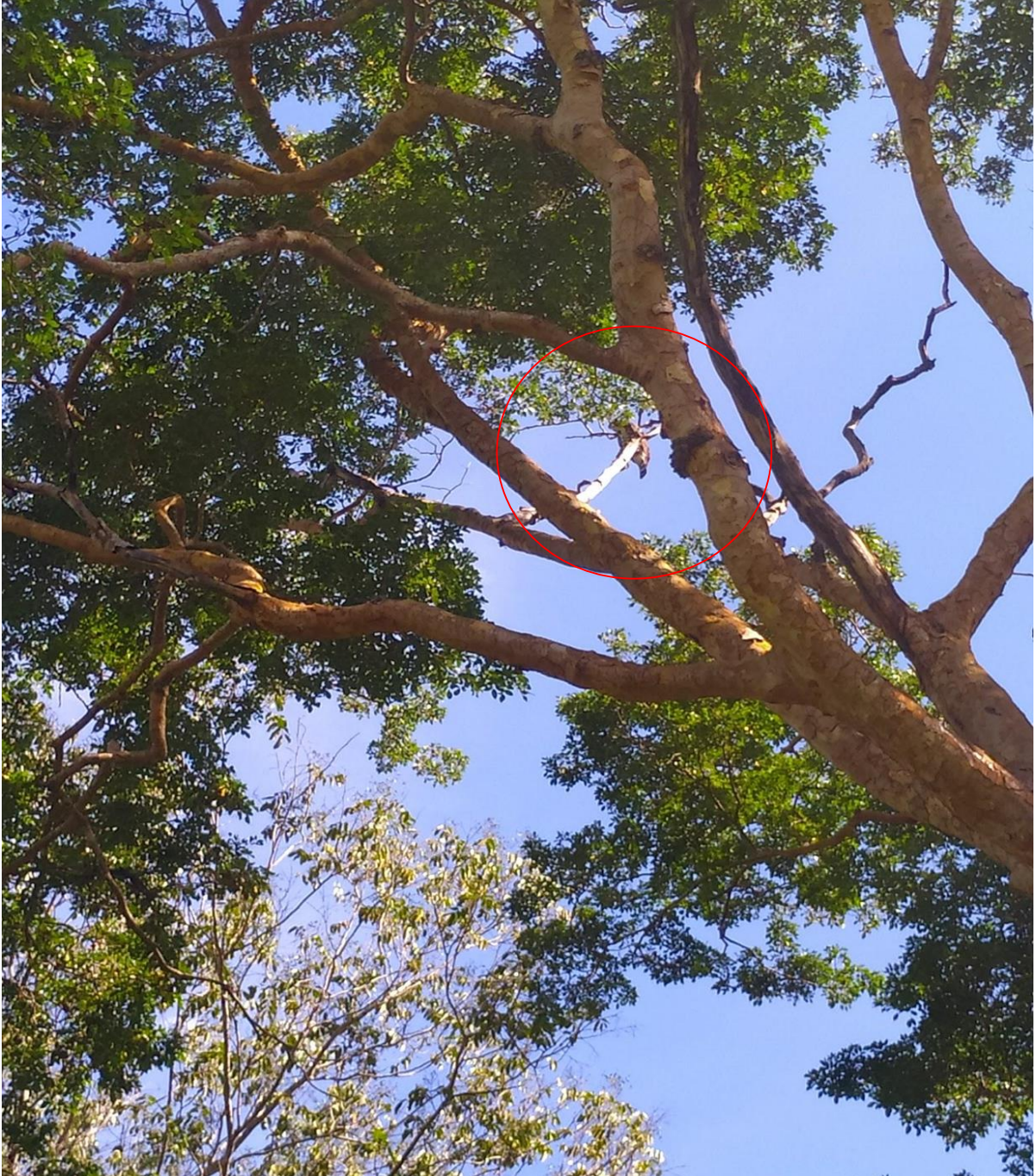


Autor: Jhonatan Soares Campos, 2023.

A fauna da Serra Dourada também tem grande relevância. Por sua altitude, é local de reprodução do Urubu-rei, nas áreas mais baixas, próximas ao rio Braz Mendes, também ocorre o Gavião de Penacho (Foto 12). O urubu rei é uma ave que tem a caça proibida no Brasil. A ave tem o papel de um agente de limpeza na natureza, por se alimentar de animais mortos, controle de epidemias além de eliminar resíduos orgânicos em decomposição (Lino, 2021, *apud* Lima, 2004).

Na serra encontram-se diversas espécies de mamíferos, como veados, antas e felinos. Evidencia-se também a presença do Lobo Guará e do Tamanduá Bandeira. O tamanduá bandeira e o lobo guará estão entre os animais em risco de extinção por ser facilmente atingidos por incêndios e atropelamentos, além de estarem ameaçados pela caça ilegal (Lino, 2021).

Foto 12 - Gavião de Penacho em Gonçalves Alves.



Autor: Jhonatan Soares Campos.

Na região Sudeste da Serra Dourada, evidencia-se a presença de uma ave de rapina, que se acredita ser o Gavião de Penacho (Foto 12). Com o nome científico *Spizaetus ornatus* (Daudin, 1800), tem grande porte (58-67 cm de comprimento, 1.000-1.450 g). Habita geralmente as florestas úmidas, suas bordas e as matas de galeria. No Brasil, a espécie ocorre em todos os Estados, mas pela perda de seu habitat, tornou-se rara e ameaçada de extinção. Assim, esta ave encontrou um habitat seguro e propício para sua reprodução próximo aos Cânions da Serra. A presença da ave e seu ninho foi evidenciada em um dos trabalhos de campo feitos em 2021, em um grande Gonçalo Alves, próximo a cachoeira conhecida localmente como Braz Mendes. (Carlos; Girão, 2006).

Além destas, existem várias outras espécies de animais que vivem da serra dourada, como antas, veados, onças e aves encontradas em diversas espécies ameaçadas de extinção. Aqui, evidencia-se a Serra Dourada como um território de preservação da biodiversidade e um abrigo para os animais que vem perdendo rapidamente seu espaço para a expansão desenfreada da agricultura e da pecuária. Porém, o território Serra Dourada vem sofrendo ao longo dos tempos com os conflitos e maus usos causados pela humanidade.

O conjunto de informações acessadas, sobre a formação geológica, a hidrografia e a biodiversidade do Cerrado na Serra Dourada, nos indica uma forte representatividade deste Bioma, estabelecendo uma forte relação com o conceito de Sistema Biogeográfico. Por outro lado, é também essencial a compreensão sólida de como o processo de ocupação humana ocorreu nesse território, utilizando para isso uma perspectiva de formação territorial, partindo de uma abordagem territorial do Cerrado.

2.2 Ocupação humana e avanço colonizador no território da Serra Dourada

A constituição do território brasileiro antecede o processo colonial, desde que uma diversidade de povos indígenas já vivia e convivia por aqui. Os povos que habitavam as Américas, entre 80 e 12 mil anos antes do presente, estavam isolados do restante da humanidade com o fechamento da passagem do estreito de Bering. Por isso, além de estarem imunes a patógenos e doenças existentes em outras partes do mundo (Pádua, 2004), constituíram territórios autônomos, contando com amplo

cabedal de conhecimentos construídos a partir de sua relação com ambientes naturais característicos.

O processo de colonização, a partir do século XVI, é constituído por um movimento rápido e violento de destruição dos territórios indígenas no Brasil. Iniciando-se no litoral, o movimento colonizador vai, gradativamente, avançando sobre as terras do interior até atingir o Cerrado. O avanço da ocupação para o planalto central do Brasil tomou força sob uma suposta ideia de um território intocado que poderia ser de grande valia econômica através da exploração de suas riquezas naturais e minerais, visto a escassez com o fim da economia do pau-brasil provocada com sua exploração desenfreada para sustentar o envio de divisas para a colônia.

Assim como ocorreu no litoral, os colonizadores irão encontrar no Cerrado povos ancestrais e originários, que passam a ser brutalmente capturados e escravizados, sendo utilizados como sustentação de trabalho na mineração. São obrigados a se concentrarem em locais estratégicos para a exploração (Barbosa, 1995). Percebe-se que os europeus desprezavam e ignoravam os saberes dos povos indígenas que habitavam essas regiões.

O território onde está localizada a Serra Dourada marca toda a história que se conhece sobre o início do processo de colonização das comunidades que já habitavam esta região. Compreende-se que a Serra Dourada, também conhecida pelos bandeirantes paulistas como “Serra dos Martírios”, já era cobiçada em meados de 1664, antes mesmo de chegarem a Goiás. Foi em busca da Serra dos Martírios, que em 1671 o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva se uniu à bandeira de Manuel de Campos Bicudo. A lenda conhecida pelos bandeirantes na época era que a serra era repleta de grandes e abundantes minas de ouro. A lenda dizia que no alto da serra existia uma grande pedra com as gravuras dos instrumentos do martírio de Cristo: a coroa de espinhos, os cravos e a lança (Passos, 2018 *apud* Michalany, 1995).

Com quatro anos de expedição, a serra lendária não é encontrada, porém encontram diversas amostras de Ouro em Goiás. Bartolomeu Bueno da Silva naquele momento se prepara para uma expedição que ocorreu em 1682 com a certeza que em seu retorno a Goiás encontraria a tão buscada serra. Ao chegar na região entre os Morros São Francisco e o Morro Canta Galo ao pôr do sol, sendo o momento que os raios solares refletem na formação rochosa de quartzito de uma serra próxima,

apresentando uma forte cor dourada. Ali os bandeirantes encontraram indígenas que utilizavam ouro como enfeites (Passos, 2018 *apud* Michalany, 1995).

Bartolomeu Bueno da Silva amedronta os nativos ateando fogo em aguardente dentro de uma “cuia”, assim diz que fará o mesmo com todos os rios da região caso não o levassem nas minas onde haviam extraído o ouro que usavam de enfeite. Portanto passa a ser conhecido pelos Indígenas da região como Anhanguera, que significa Diabo velho na língua tupi. O Anhanguera é levado ao pé de uma serra, ao fundo da mata onde se localizavam algumas nascentes de rios “com ouro em abundância em seus leitos” (Passos, 2018 *apud* Michalany, 1995).

A bandeira enviada para descobrir riquezas no interior de Goiás obteve sucesso. Todos os bandeirantes retornam a São Paulo com o máximo de Ouro que conseguem coletar nas águas do Rio Vermelho, nos morros de Goiás e na gigantesca Serra Dourada. O Anhanguera faleceu em 1700 sem revelar o local exato de sua descoberta. Algum tempo depois, em 1722, Bartolomeu Bueno da Silva Filho, que havia acompanhado o pai em sua primeira expedição com apenas 12 anos de idade, também bandeirante, reencontra o local onde obtiveram tantas riquezas. Porém com outro objetivo, desta vez a coroa buscava colonizar as comunidades de povos originários desta região. A igreja católica vem com um grande projeto de catequização e distribuição de terras. Inicia-se o conhecido período do Ciclo do Ouro em Goiás em 1725. Nesta época, a partir de 1726 são fundados o Arraial do Ferreiro, o Arraial de Ouro Fino, o Arraial da Barra e o Arraial de Sant’Ana (Passos, 2018).

Com relação aos povos indígenas que já habitavam esse território, existem diversos rumores, em especial, sobre os povos denominados “goyazes”, “goiases”, “guayazes”, “guoyá”, “goyá” ou “goiá”. Habitantes da região onde se fundou o arraial de Sant’Ana, atual cidade de Goiás, que utilizavam o ouro encontrado na região próxima a Serra Dourada como matéria decorativa em acessórios, colares, pulseiras, tornozeleiras, utensílios de uso doméstico e ferramentas de caça (Quintela, 2006).

Os povos que habitavam este território não se renderam às tentativas dos bandeirantes de escravizá-los. Muitas aldeias resistiram aos ataques colonizadores, como os Caiapós, Xavantes, Goiás, Crixás, Araés, Canoeiros, Apinajés, Capepuxis, Coroa-Mirim, Temeimbós, Xerentes, Tapirapés, Carajás, Graduais, Tessemibus, Amadus, Guaia, Guaçu, Acroás e os Xacriabás. Quase todos esses povos deixaram de existir dizimados pelos invasores, perdendo-se todo seu conhecimento e sua cultura. Estes povos habitavam a região do Centro-Oeste havia mais de 10 mil anos,

tendo seu território apropriado, onde se disseminou a cultura dos invasores luso-brasileiros (Lima, 2008).

O processo de avanço colonizador sobre esse território foi impulsionado também pelas mãos e corpos escravizados. E com a resistência dos povos indígenas a serem escravizados, os escravos negros, que representaram a maior parte do trabalho na construção da cidade de Goiás e, em especial, no garimpo. Estima-se que no período mais intenso da exploração de ouro em Goiás, aproximadamente 60% da população era negra. Reflexo dessa questão, são os quilombos formados nas zonas periféricas da cidade de Goiás pela população negra que praticamente ergueu todo o centro histórico e as ruas da cidade, já que naquela época o trabalho mecânico era considerado indigno pela branquitude, composta pelas elites europeias e luso-brasileiros que se estabeleceram em Goiás (Lima, 2008).

Evidencia-se o Quilombo Alto Santana, certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares pelo Processo nº 01420.005751/2017-91, Portaria nº 281/2017, de 25/10/2017. Ali, vivem famílias descendentes de grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida em Goiás.

Do outro lado da Serra Dourada, está localizada a cidade de Mossâmedes. O povoamento desta região se iniciou em meados de 1774, acredita-se que pela escassez do ouro, que já não se encontrava tão abundante em Goiás. Os povos nativos desta região, anteriormente expulsos para a Serra Dourada, foram mais uma vez explorados com o aldeamento dos índios Naundós, Akroás e Caiapós, que já habitavam esta região da Serra Dourada, resistindo às diversas tentativas de aproximação dos invasores. A Iniciativa foi tomada pelo Barão de Mossâmedes, governador da Capitania de Goiás entre 1770 e 1777 que buscou aliená-los através da religião (Assunção, 2016).

Este processo impactou diretamente na cultura e no modo de viver das comunidades indígenas ali existentes antes da chegada dos colonizadores. Mudou a forma de se relacionarem socialmente e influenciou no modo em que passaram a tratar a natureza. Após a escassez do ouro, iniciou-se a busca por novas atividades econômicas que garantissem a permanência da cultura exploratória implantada pelos portugueses neste território, agora composto por comunidades mistas de mineiros e garimpeiros, descendentes de escravos trazidos ou roubados das tribos locais. Em

regiões próximas à primeira capital do estado de Goiás, formaram povoados que sobreviviam da pecuária, agricultura e do escambo, como as cidades de Córrego do Ouro, Sanclerlândia, Itaberaí, Heitorai, Itapuranga, dentre outras (Lima, 2008; Pinheiro, 2003).

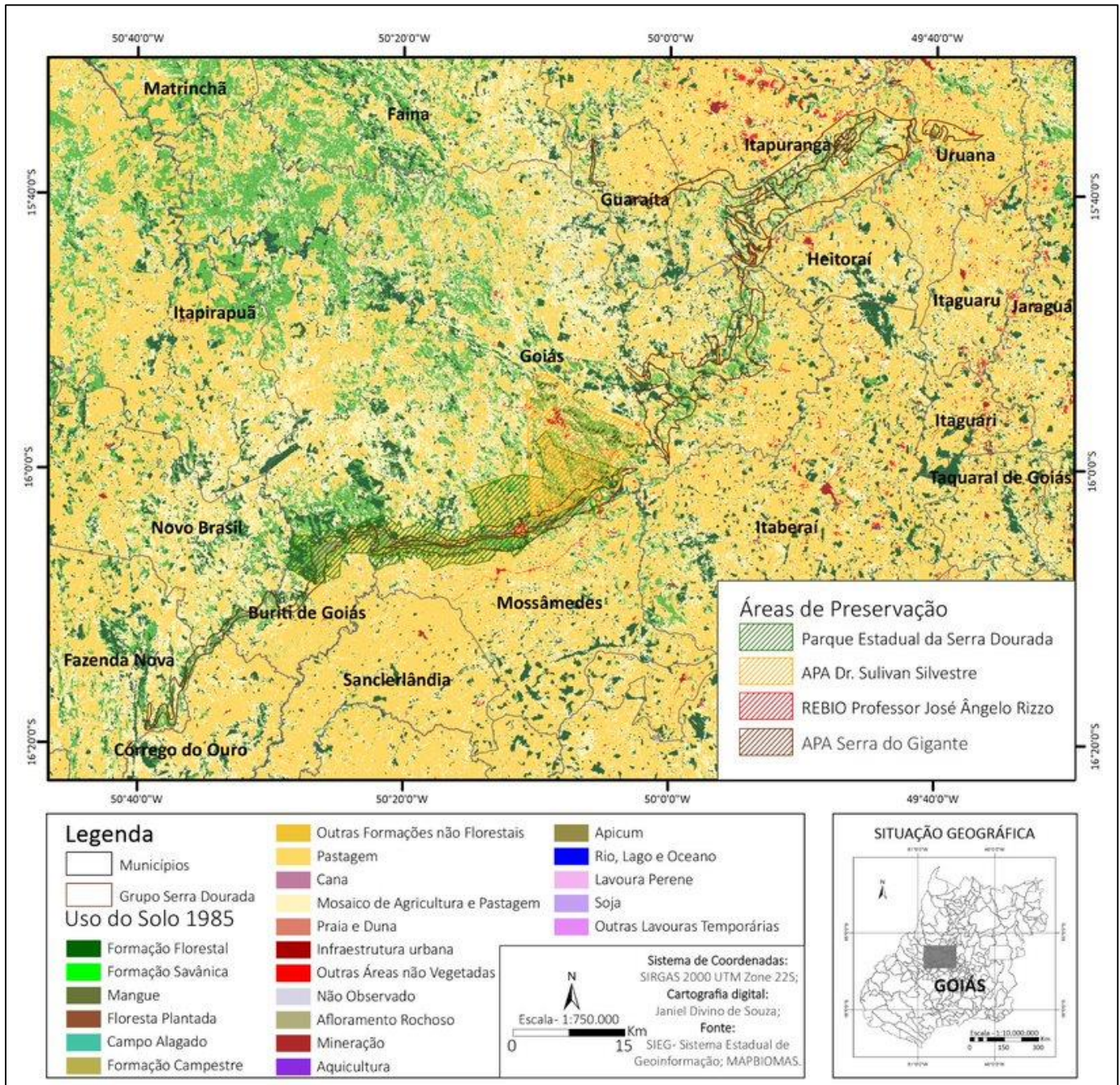
Nesse contexto, para compreendermos a questão ambiental no Cerrado que abrange objeto desta pesquisa, assim como as práticas de turismo na sua relação com a conservação ambiental, é essencial o entendimento a partir de uma abordagem territorial, ou seja, levando em consideração as relações de poder estabelecidas historicamente.

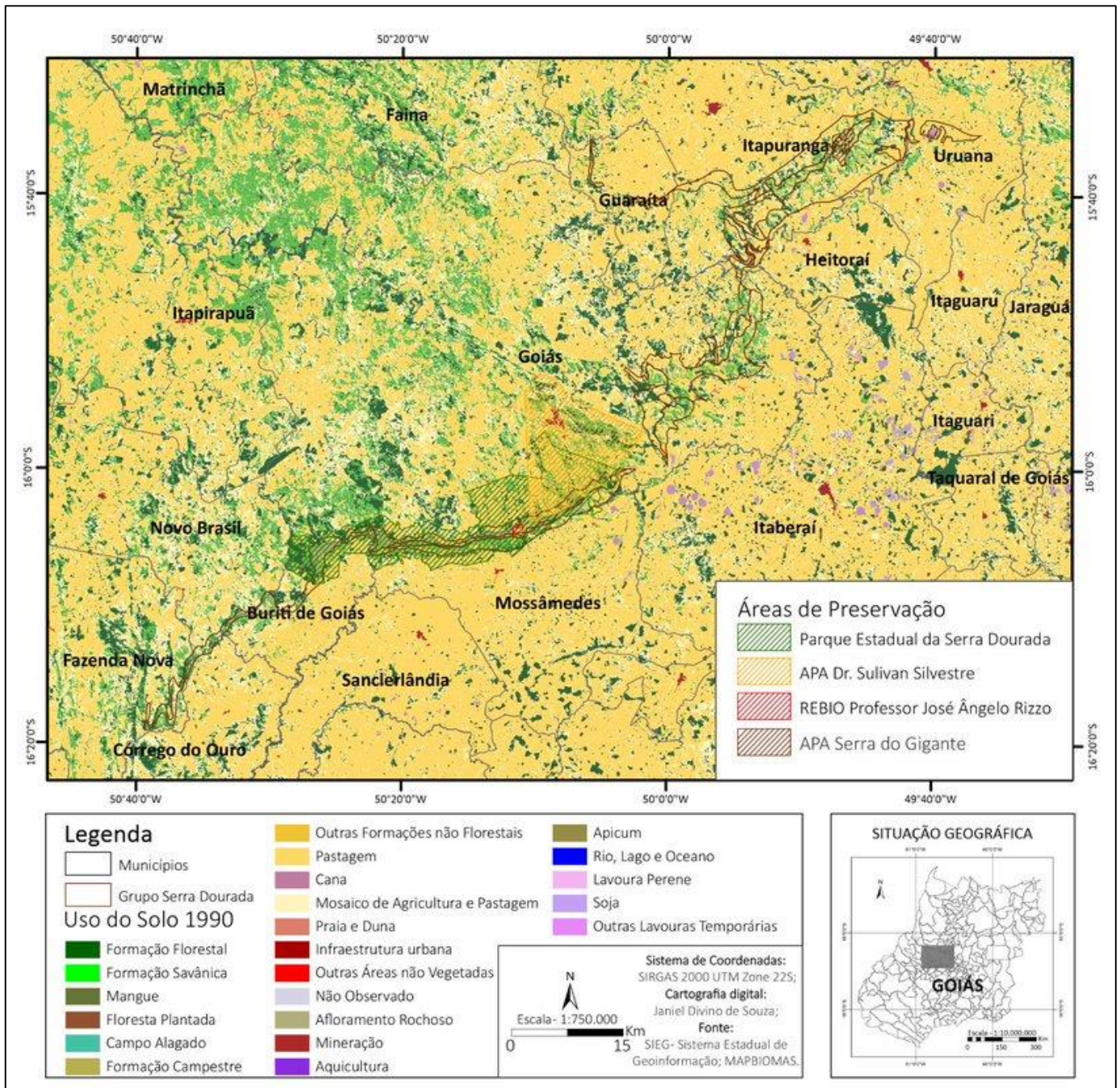
2.3 Uso e ocupação do solo no território da Serra Dourada: entre a degradação e a conservação do Cerrado

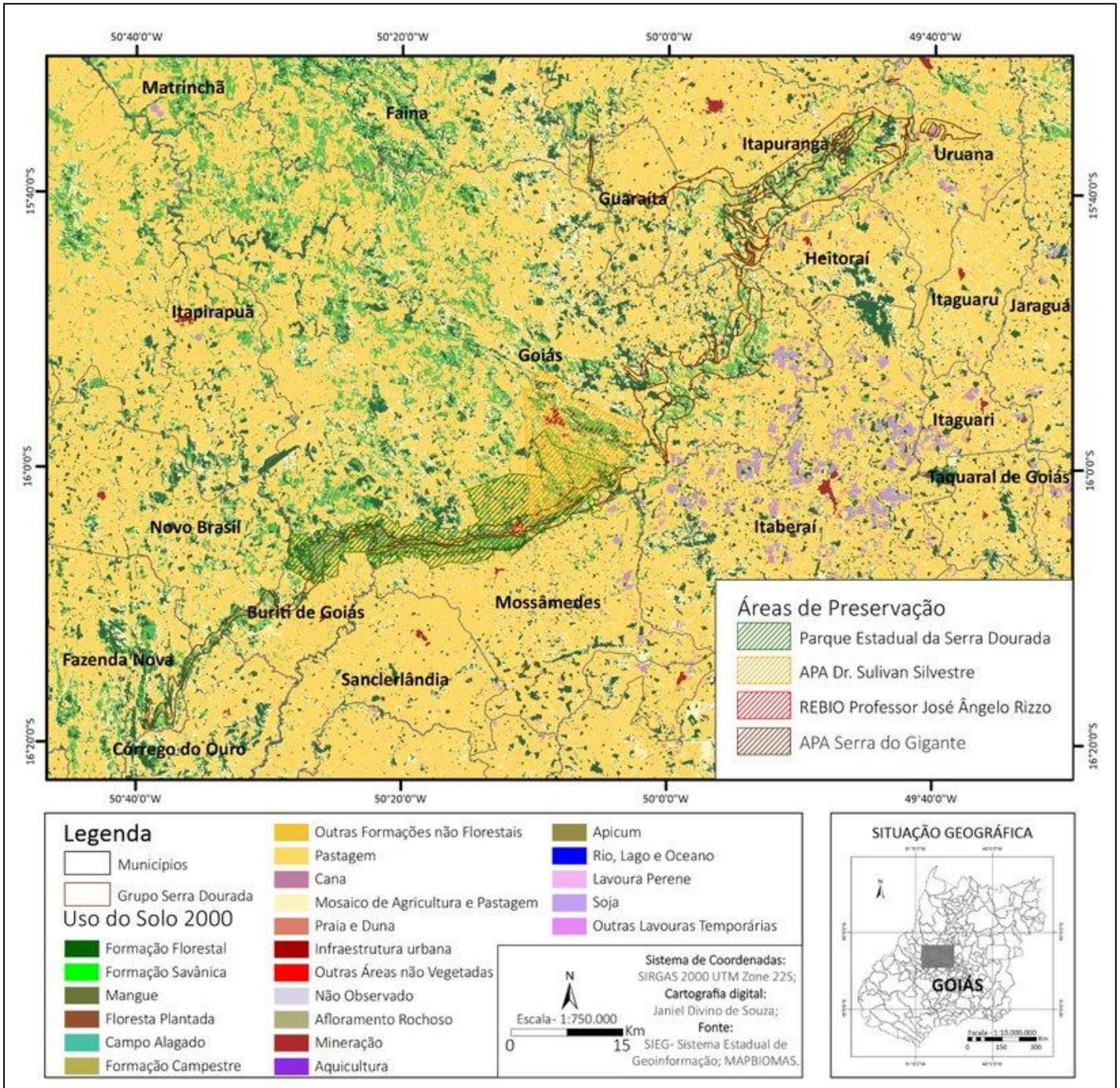
Na sequência do processo de formação territorial na região que congrega a Serra Dourada, avançou principalmente a criação de gado de forma extensiva, a partir de grandes latifúndios, em sua maior parte legalmente irregulares. O domínio dos grandes latifúndios com foco na atividade pecuária ainda se mantém atualmente, embora, o agronegócio, com produção de cana, soja, entre outras lavouras tenha avançado em algumas áreas no entorno da Serra Dourada.

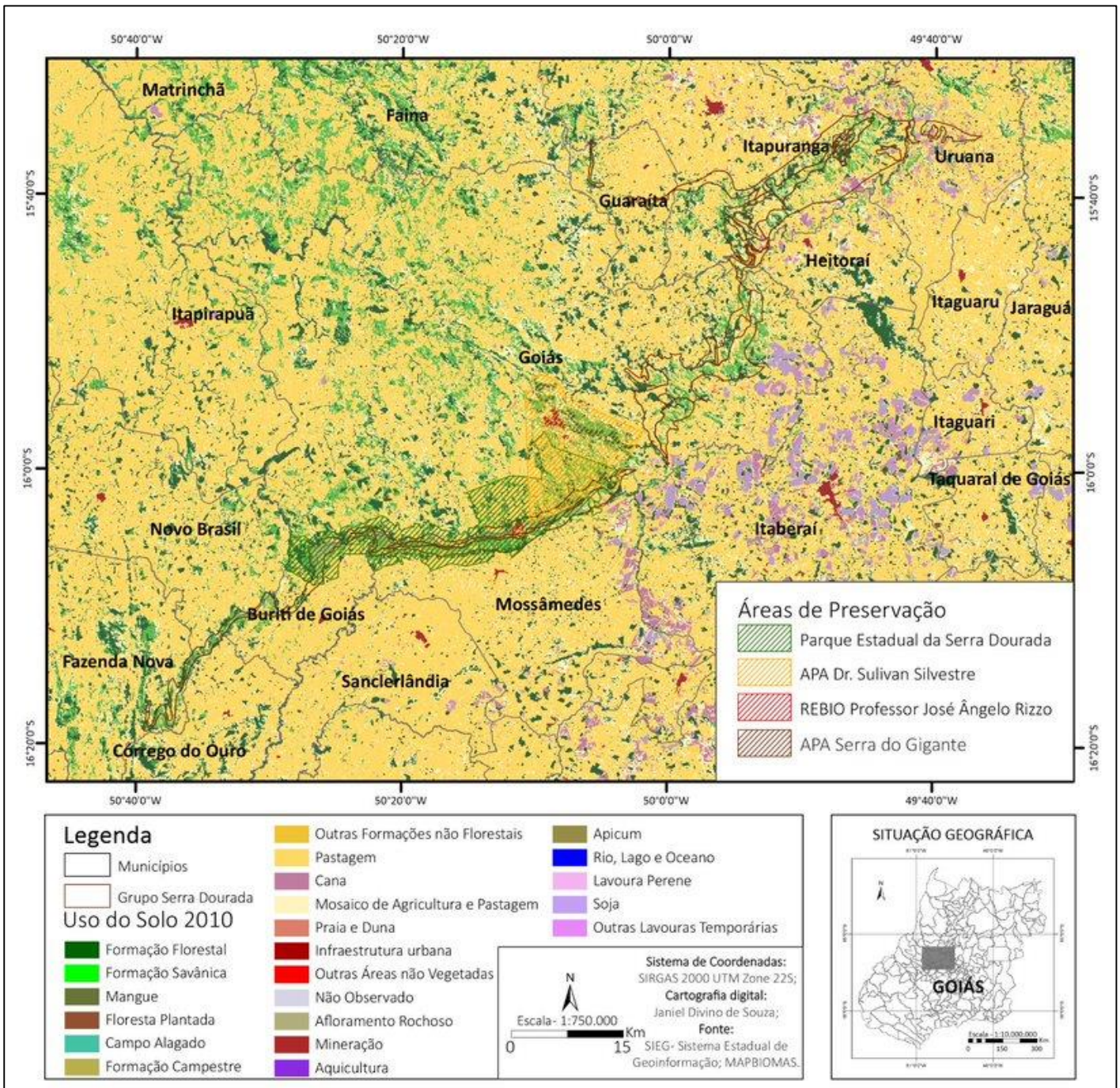
A sequência de mapas (06 a 11) elaborados no SIEG, apresentando o uso e ocupação do solo nos anos de 1985, 1990, 2000, 2010, 2020 e 2022, indicam o domínio da pastagem, desde a década de 1980, embora as áreas de pastagens plantadas tenham sido acrescidas também. Ao mesmo tempo, é possível identificar o crescimento nas últimas décadas do agronegócio, representado, em especial, pelo cultivo de soja (avançando sobre a parte leste da Serra Dourada) e Cana de Açúcar (que prenomina a leste e ao norte da área de formação geológica da Serra Dourada). A pressão sobre a base natural do Cerrado, nesta região, portanto, ocorre principalmente a partir dos grandes latifúndios produtores de gado de corte e, mais recentemente, pelo avanço do agronegócio com a produção de grãos e cana-de-açúcar.

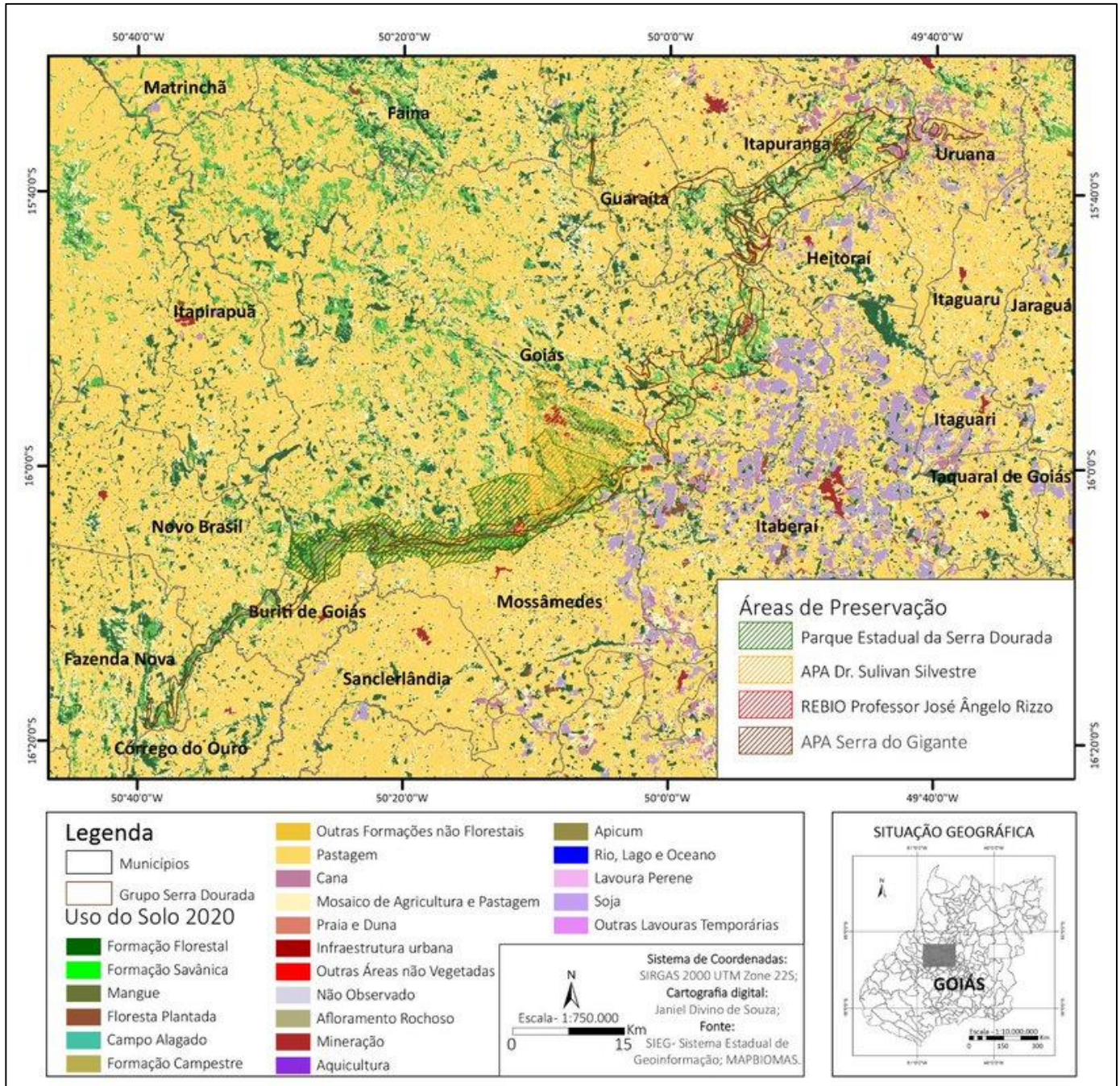
Mapas 06 a 11 – Mapas de uso e ocupação do Solo na região da Serra Dourada.

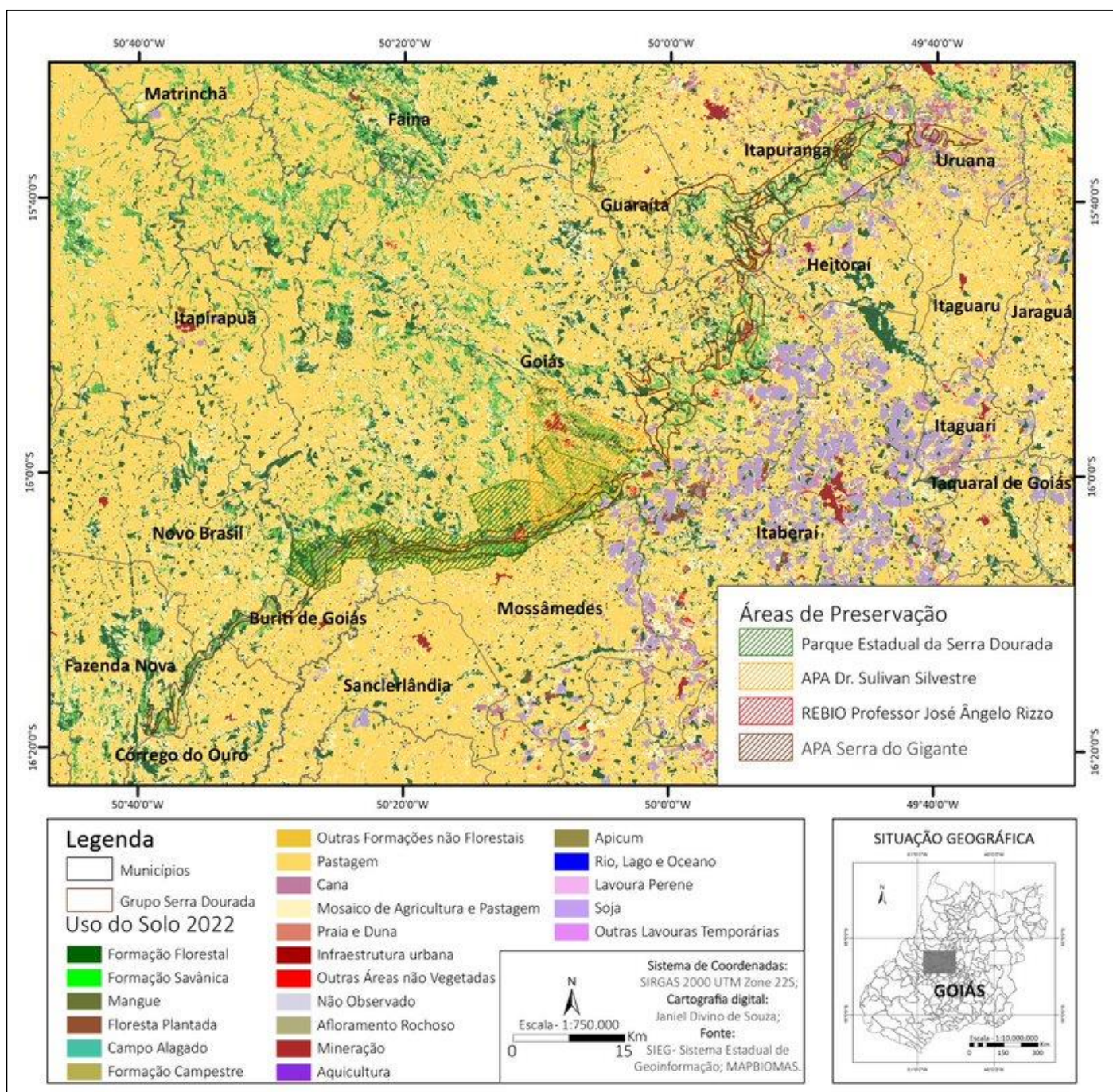








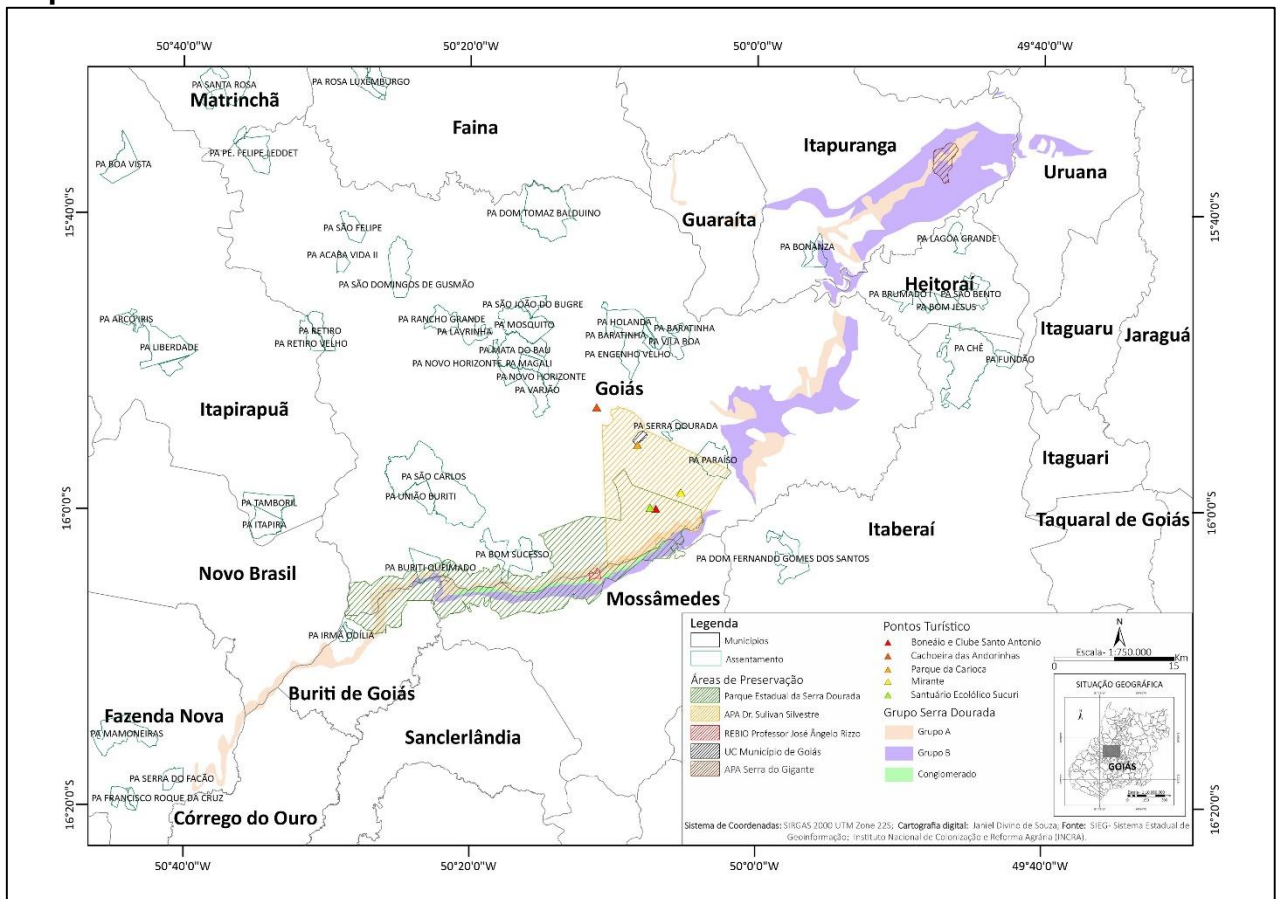




Fonte: SIEG.

Também desde meados dos anos 1980 um fator importante de registro e análise foi o processo de luta pela terra na região, que acabou por consolidar a criação de diversos assentamentos rurais, sendo o município de Goiás o que ocorreu a maior reestruturação fundiária, com a criação de 24 áreas de assentamento. Destes assentamentos (Mapa 12), alguns estão diretamente ligados à Serra Dourada, como é o caso dos assentamentos Buriti Queimado e Bom Sucesso que tem, inclusive, parte de seus lotes na área a ser delimitada como Parque Estadual da Serra Dourada (PESD).

Mapa 12 - Assentamentos Rurais no território da Serra Dourada.



Fonte: SIEG.

De forma geral, os impactos ambientais vêm avançando sobre as áreas de Cerrado. Para a Serra Dourada, o avanço da pastagem e das grandes lavouras (com elevado uso de insumos, em especial os agrotóxicos) vêm causando impactos muitas vezes irreversíveis. No sentido de garantir a conservação ambiental do Cerrado e, em

destaque, da Serra Dourada, é necessário delimitar e promover áreas protegidas. Destacamos aqui, desta forma, algumas Unidades de Conservação que estão inseridas no recorte aqui trabalhado da Serra Dourada.

Em 1966 foi fundada a primeira área Protegida com 144 *ha*, a Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo, gerida pela UFG. Algum tempo depois, o entorno da reserva, que também abrange o município de Goiás, passou a contar com uma Área de Proteção Ambiental (APA) instituída pelo Decreto nº 5.169, de 28 de janeiro de 2000, com 16.851,00 *ha*. No ano de 2003, passou a contar com uma unidade de proteção integral, o Parque Estadual da Serra Dourada (PESD) instituído pelo decreto nº 5.768, de 05 de junho de 2003. Com 33.000 *ha* em sua área, o parque abrange os municípios de Goiás, Mossâmedes e Buriti de Goiás (Galli, 2017; SEMAD, 2021).

Destaca-se, ainda, uma APA criada em 2017 no município de Itapuranga-GO, abrangendo uma serra conhecida regionalmente por Serra do Gigante, a formação rochosa lembra um gigante deitado, similar ao Morro da Índia em Goiás-GO. Além disso, a imagem do gigante ocorre em outros locais como na Cachoeira do Gigante. Conforme o decreto municipal nº 670/2017/GPDS, de Itapuranga-GO, no dia 25 de setembro de 2017, cria-se a Área de Proteção Ambiental Municipal - APA - SERRA DO GIGANTE, e dá outras providências. A seguir apresentamos um pouco de cada uma destas Unidades de Conservação.

Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo

Em uma área da Serra Dourada próxima ao município de Mossâmedes, a aproximadamente 144 km de Goiânia, existe um recorte de 144 hectares de Cerrado, na parte superior da Serra, cujo acesso se dá por uma estrada íngreme no seu reverso. Esta área pertencia ao governo de Goiás, gerido pelo Instituto de Desenvolvimento Agrário do Estado de Goiás (IDAGO). Em 1969 foi doada para a Universidade Federal de Goiás (UFG). Para compor a equipe responsável pelo seu tombamento foi criado um grupo de trabalho nomeado pela portaria 0047/1966. Este grupo de trabalho era liderado pelo Professor José Ângelo Rizzo (Galli, 2017).

Este Campo experimental é muito procurado pela comunidade científica, nacional e internacional, especialmente pelos estudantes de ciências biológicas. Contando com a estrutura física de acomodação e com um laboratório de 400 metros

quadrados para pesquisadores de vários setores, como na parte botânica da Serra, na audiologia com o estudo do canto dos pássaros e outros interesses científicos voltados à área natural. Outro fator interessante é que a reserva conta com vigilância em tempo integral. Assim, se consolidou como local fundamental para se fazer pesquisas sobre a manutenção e equilíbrio das condições ambientais. (Galli,2017).

No ano de 2014 o jornal O Popular fez uma matéria sobre a reserva biológica Professor José Ângelo Rizzo, considerada referência em conservação ambiental no estado. Fato que se deu pelos 144 hectares de mata de cerrado muito bem conservados no Alto da Serra Dourada. Além de todos esses fatores, esta área conta com beleza cênica ímpar, pelas suas formações rochosas, evidenciadas na cidade de pedra, local da famosa Pedra Goiânia. A reserva também se destacou por ser rica em biodiversidade, contando com diversas espécies endêmicas como o *Tibouchina papyrus*, conhecido regionalmente por Pau-Papel ou “Papiro”. (O POPULAR, 2014).

Contando com guardas 24 horas, para se entrar na reserva biológica pode ser feita uma solicitação via e-mail para a UFG. Atualmente é possível se acessar a reserva pagando para o guarda de plantão uma taxa estipulada pela UFG. Assim, o visitante deixa sua assinatura em um termo de ciência de riscos e em um livro de controle de acesso de visitantes, para que a universidade possa ter o controle de quem visita o local (O POPULAR, 2014).

A reserva também tem grande influência política. Após a implantação do Parque Estadual da Serra Dourada no ano de 2003, foram feitas tentativas de re-delimitação da área da reserva de 30.000ha em 42%. Este movimento era liderado em grande parte pelo Sindicato dos Produtores Rurais da cidade de Goiás. Em sua participação no Congresso dos Botânicos da região do Centro-Oeste em Campo Grande (MS), Rizzo se posicionou contrário à proposta e afirmou que é preciso um estudo biótico desta região para que se possa afirmar que esta área realmente seria produtiva para fins agropecuários. Como resultado da discussão, o Presidente do congresso encaminhou uma moção ao representante do poder executivo do estado de Goiás. Até os dias atuais, a área do PESP ainda não foi reduzida. (O POPULAR, 2014).

No ano de 1995, é instituída a Política Florestal do Estado de Goiás por meio da Lei N° 12.596, de 14 de março de 1995, regulamentada pelo Decreto n° 4.593/95. Em seu artigo primeiro, a lei reconhece o Cerrado como Patrimônio Natural do Estado de Goiás.

Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra Dourada (Dr. Sullivan Silvestre)

No ano de 1997, em meio a criação de diversas Unidades de Conservação no Brasil, algumas organizações sociais nos municípios do entorno da Serra Dourada, principalmente do município de Goiás, começaram a buscar alternativas para a conservação deste local.

O Garimpo, atividade exercida secularmente na região de Goiás, incluindo a serra dourada, começa a ocorrer com maior frequência neste ano. Porém no Rio Vermelho, causando uma grande degradação ambiental. A população se mobiliza e são criadas Organizações Não Governamentais (ONG), como o Grupo Canoe, Grupo Amigos da Natureza e Acif, ambas da cidade de Goiás. Que tinham dentre seus objetivos, um em comum, o de conservar o Cerrado, principalmente o que compõe o patrimônio natural da região do entorno de Goiás. Entre seus objetivos comuns, também tinham ações sociais de conscientização e qualificação social com objetivo de conservar e proteger as Serras, os Morros e as Águas desta região (Lima, 2004).

Através do decreto Nº 4.866, de 12 de fevereiro de 1998, é criada a Área de Proteção Ambiental da Serra Dourada. Definindo em seu Art. 2º Que “A Área de proteção Ambiental instituída no artigo anterior destina-se a preservar a flora, a fauna, os mananciais, a geologia e o paisagismo da Serra Dourada.”

A serra dourada sempre foi um local desafiador para aqueles que se dispõem a explorá-la, também foi local de lazer por boa parte das populações dos municípios em seu entorno. Local de passagem da Estrada Real, ligando Goiás a Mossâmedes e com diversos potenciais atrativos turísticos naturais em sua área

Sawyer (2002) aponta que uma abordagem considerável para a conservação da biodiversidade do Cerrado, seria a criação de áreas protegidas, nomeadas no Brasil como Unidades de Conservação (UC). A maioria dessas UC é de “uso indireto ou proteção integral, o que significa sem a presença humana. Com a criação do Workshop “*Ações Prioritárias para Conservação do Cerrado e Pantanal*”, realizado em 1988. Como resultado, tem-se a indicação de áreas prioritárias para a repartição, conservação e uso sustentável dos benefícios da biodiversidade.

Em 2002, apenas 1,5% do Cerrado estava em UC. Neste período, com a crise fiscal, com terras públicas e privadas em situação irregular, também foi discutida a proposta de compensação de reservas legais degradadas. Na implantação das UC, o MMA tinha como objetivo a formação de corredores ecológicos, com contínuos

conjuntos de áreas preservadas, buscando uma conectividade entre as UC. E além dessas medidas o MMA considerou a consolidação das reservas legais, correspondendo a 50% das propriedades rurais, além das Áreas de Preservação Permanente como beiras de rios e córregos, encostas e topos de morro, além de terras privadas e públicas, assim como as reservas indígenas, definidas no Código Florestal. (MMA, 2021).

Apesar dessas iniciativas, nota-se uma falha para consolidar políticas públicas de conservação ambiental ou mesmo para a garantia dos territórios das populações tradicionais do Cerrado, destacadamente com relação às unidades de conservação.

O Parque Estadual da Serra Dourada (PESD)

Em 2002 é decretada a lei 9.985, de 18 de julho de 2000, onde é estabelecida a criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Este sistema aponta diretrizes e critérios para a criação e gestão de unidades de conservação (UC) que são classificadas em dois grupos conforme o quadro 2.

Quadro 2 - Unidades de Conservação (UC)

Unidades de Proteção Integral	Unidades de Uso Sustentável
I - Estação Ecológica	I - Área de Proteção Ambiental
II - Reserva Biológica	II - Área de Relevante Interesse Ecológico
III - Parque Nacional	III - Floresta Nacional
IV - Monumento Natural	IV - Reserva Extrativista
V - Refúgio de Vida Silvestre	V - Reserva de Fauna
	VI - Reserva de Desenvolvimento Sustentável
	VII - Reserva Particular do Patrimônio Natural

Fonte: Brasil, 2000.

O Parque Estadual da Serra Dourada é uma unidade de proteção integral com 30.000ha em sua área. O parque abrange os municípios de Goiás/GO, Mossâmedes/GO e Buriti de Goiás (SEMAD, 2018). O PESD tem grande importância para os municípios de Goiás, Mossâmedes e Buriti de Goiás. Área com vasta biodiversidade, com espécies de plantas e animais endêmicos, o parque também se destaca por sua grande capacidade hídrica. A serra é responsável por armazenar e distribuir a água que abastece toda população de Mossâmedes/GO, estimada em 4.120 pessoas (IBGE, 2021).

O parque também conta com dois Projetos de Assentamento (P.A) dentro de sua área de proteção, o P.A Bom Sucesso e o P.A Buriti Queimado. As áreas delimitadas destes P.A são apresentadas através de um estudo feito pelo núcleo de Agroecologia e Educação do Campo GWATÁ da UEG Câmpus Cora Coralina em 2016. A área delimitada do PESD é encontrada no site da SEMAD. A junção destas áreas foi feita na ferramenta Google Earth e é apresentada no Mapa 13.

Mapa 13 - Áreas dos assentamentos Bom Sucesso e o Buriti Queimado no Município de Goiás e Área do Parque Estadual da Serra Dourada.



Fonte: SEMAD, 2018.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) atualizados em novembro de 2017, estes dois assentamentos contam com 55 famílias assentadas e distribuídas em suas áreas, sendo 26 famílias do PA Buriti Queimado e 29 famílias do PA Bom Sucesso (INCRA, 2017). Estas famílias e as

peças que convivem com a Serra Dourada de alguma forma, representam os sujeitos que vivem no território de influência e/ou que influencia a Serra Dourada.

No ano de 2018, foram feitas tentativas de re-delimitação da área do PESD para 23.000ha. Ou seja, esta área protegida perderia cerca de 31% de seu território. A notícia foi publicada pela Secretaria de Meio Ambiente do Estado de Goiás que alegou ter feito um acordo entre ambientalistas e produtores rurais para dar fim a divergências que duravam mais de 15 anos (SEMAD, 2018).

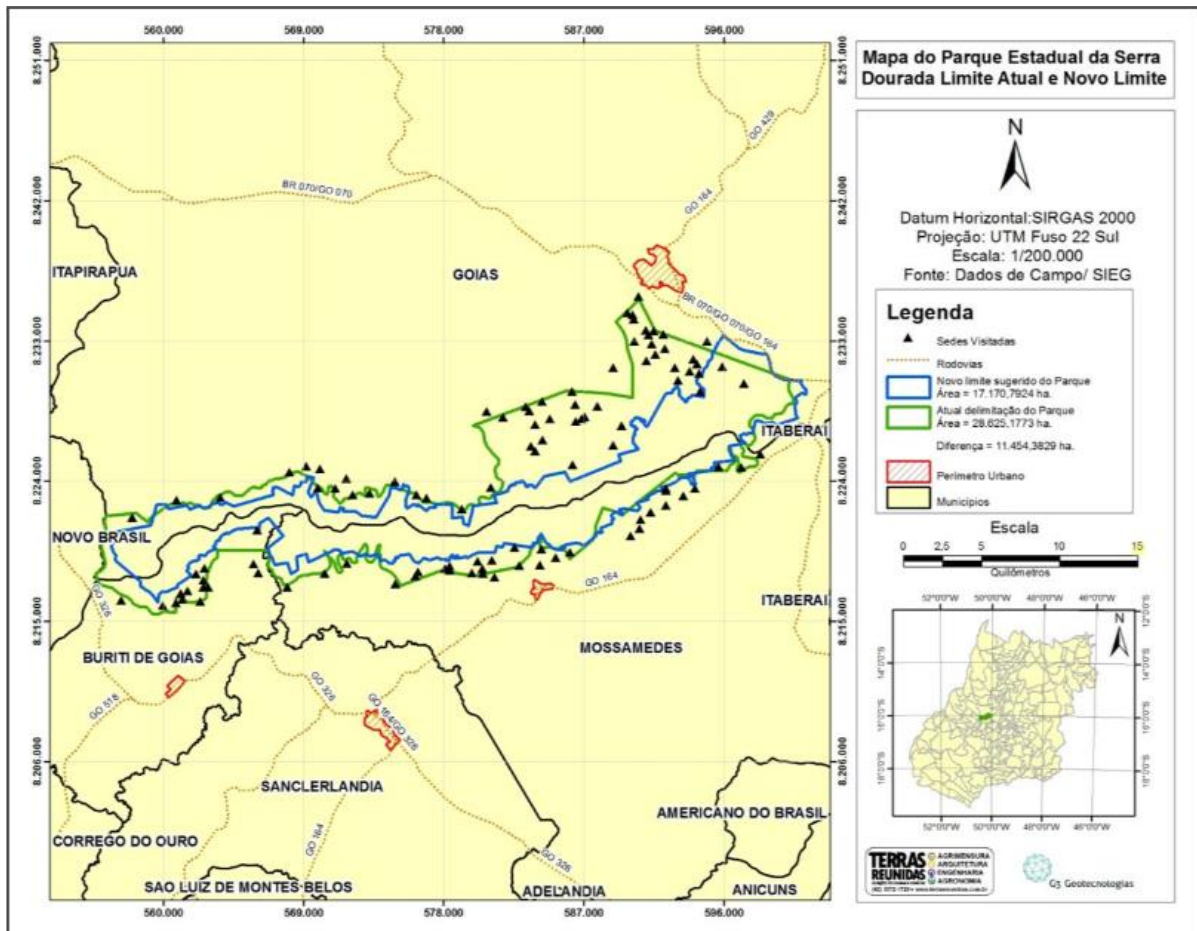
Foi feita uma audiência pública em Goiás do qual este pesquisador participou, podendo evidenciar por parte dos fazendeiros uma grande pressão para a re-delimitação com o discurso de que o PESD teria sido delimitado nas áreas onde estão inseridas suas propriedades, impossibilitando o uso de suas terras para a agropecuária e “produtividade”.

O grupo de trabalho formado pelo estado para efetivar a re-delimitação do parque alegou, através de um estudo técnico, que 75 benfeitorias dentro da área atual do parque (como casas, currais, áreas de pasto, lavouras, confinamento, granja, piscicultura), eram consideradas áreas que não tinham atributos ambientais e nem interesse de conservação. Pelo acordo firmado, essas benfeitorias seriam excluídas da área total do parque, caso contrário, o estado teria que desapropriar estas áreas e restituir seus proprietários (SEMAD, 2018).

Os argumentos utilizados para o estudo da nova delimitação são de que não foi realizado nenhum estudo técnico prévio ou consulta pública junto à população local conforme exigido pela Lei 9.985/2000, para a implantação do Parque Estadual da Serra Dourada (Oliveira; Nunes; Siqueira, 2017).

Os pesquisadores responsáveis pela proposta enfatizam que “[...] a problemática aqui levantada é que para definir o parque, sob o ponto de vista jurídico, haveria necessidade de rever o acervo existente sobre a área do Parque, em razão dos aspectos locacionais, legais e culturais” (Oliveira; Nunes; Siqueira, 2017, p. 05). No mapa 14 abaixo, será apresentada a proposta de nova delimitação da Área Total do Parque Estadual da Serra Dourada trazida pelos autores em 2017.

Mapa 14 - Proposta de nova delimitação do Parque Estadual da Serra Dourada (PESD)



Fonte: Oliveira; Nunes; Siqueira, 2017.

Aqui, evidencia-se que o território da Serra Dourada abrangido pelas áreas protegidas está em constante disputa entre: Os garimpeiros, que já no século XVII encontraram ouro e diamante devastando vastas regiões que são exploradas até os dias atuais; os fazendeiros, que querem desmatar para a formação de pastagens e monoculturas; os assentamentos, compostos por sujeitos que sobrevivem das contribuições ambientais da serra (água, fauna e flora). Os ambientalistas, que compreendem sua importância e buscam estratégias para protegê-la; A UFG, que tem sua APA destinada para pesquisas acadêmicas que objetivam maior compreensão do cerrado e das contribuições de suas espécies endêmicas para a humanidade; Por fim, o turismo, se apresentando como um fenômeno que já ocorre na Serra Dourada desde quando se conhece esta região.

Um dos grandes problemas evidenciados nesta pesquisa se caracteriza pela falta do plano de manejo do parque, previsto no decreto Nº 5.768, de 05 de junho de

2003 e pela falta de planejamento do uso e manejo desta área, que é provedora de recursos para todas as populações dentro do parque e no seu entorno. Com a falta de regulamentação por parte do estado, atividades criminosas como o garimpo continuam sem punição a devastar a serra.

Não é aceitável que continuemos a admitir atividades de garimpo que reproduzem, no fim do século XX, os mesmos métodos rudimentares e destrutivos utilizados nas Minas Gerais do século XVIII. Em suma, é preciso superar a herança predatória presente em nossa formação histórica e trabalhar pela construção de uma nação verdadeiramente digna desse nome, especialmente no que se refere ao cuidado com o seu espaço de vida. (Pádua, 2004, p. 10).

Em um dos trabalhos de campo, na travessia da Serra Dourada, realizada em 2021, na região nordeste do PESD, a aproximadamente 5 km da divisa entre a área do Parque e a APA da UFG, evidenciou-se uma região de aproximadamente 7ha que foi totalmente devastada pelo garimpo, o acampamento dos criminosos e uma parte da devastação são apresentados na foto 13.

Foto 13 - Acampamento dos garimpeiros e garimpo na Serra Dourada,



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Observou-se que os garimpeiros não se preocupam com o Cerrado, derrubam as árvores nativas e criam grandes crateras onde se formam erosões. Além de queimar seus vestígios, causando incêndios criminosos na Serra Dourada.

A APA Serra do Gigante

Em uma outra região da Serra Dourada, próximo aos municípios de Itapuranga/GO e Uruana/GO, sua formação é conhecida como Serra do Gigante. A formação rochosa lembra um gigante deitado, similar ao Morro da Índia em Goiás-GO. Além disso, a imagem do gigante ocorre em outros locais como na Cachoeira do Gigante, conforme será evidenciado na foto 14.

Foto 14 - Serra Dourada - Serra do Gigante/Cachoeira do Gigante



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Conforme o decreto municipal nº 670/2017/GPDS, de Itapuranga-GO, no dia 25 de setembro de 2017, cria-se a Área de Proteção Ambiental Municipal - APA - SERRA DO GIGANTE, e dá outras providências.

Em sua pesquisa, Rosa (2020, p. 22) objetiva fazer uma “análise sobre a potencialidade paisagística da Serra do Gigante no município de Itapuranga/GO, sobretudo no âmbito da geodiversidade, como instrumento de avaliação e valoração da paisagem”. Com a implantação da APA, a prefeitura municipal de Itapuranga traçou algumas diretrizes a serem seguidas, objetivando conforme seu art. 3º:

- I - Promover o gerenciamento participativo e integrado da área, bem como implementar as políticas e diretrizes nacionais, estaduais e municipais de proteção do meio ambiente e do Sistema Nacional de Unidades de Conservação;
- II - Preservação dos remanescentes de mata nativa, bem como a recuperação e proteção de Áreas de Preservação Permanente;
- III - assegurar condições para o uso do solo compatível com a preservação dos recursos hídricos;
- IV - Conciliar as atividades econômicas e a preservação ambiental;
- V - Melhorar a qualidade de Vida da população local por meio de orientação e do disciplinamento das atividades econômicas;
- VI - Fomentar a educação ambiental;
- VII - Garantir a integração da população com a área de forma sustentável, integrando o ecoturismo. (DECRETO nº 670/2017/GPDS).

Aqui, entende-se pelos objetivos, que o ecoturismo se apresenta como uma possibilidade de integrar a população com a APA de forma sustentável, sendo um instrumento ideal para se trabalhar a educação ambiental, além de possibilitar a melhoria na qualidade de vida das pessoas que sobrevivem nesse território.

Utilizando instrumentos metodológicos, a pesquisadora destaca alguns pontos relevantes desta região da serra, conforme Rosa (2022), um dos pontos mais interessantes a ser destacado na serra do Gigante é:

[...] O desenvolvimento social da serra que se caracteriza como serviço ecossistêmico cultural, pois foi criada uma Unidade de Conservação do Grupo Unidade de uso sustentável na categoria de área de proteção ambiental denominada APA – SERRA DO GIGANTE, tendo como objetivo manter o equilíbrio ambiental existente, e a conservação da biodiversidade, essenciais à manutenção da qualidade de vida da população (DECRETO nº 670/2017/GPDS).

Corroborando com a afirmação da pesquisadora, entende-se que a consolidação desta APA foi um passo importante para a garantia da conservação deste território, porém também abre brechas para a prática de atividades que causam diversos impactos.

Apesar da área de estudo estar inserida em uma APA, destaca-se a necessidade de um plano de manejo, para gerir todo o complexo, pois percebe-se um déficit nas práticas de conservação da área. Dentre as estratégias para proteção desses elementos abióticos destaca-se as atividades de geoturismo e a fiscalização por parte do órgão responsável, no caso, a Prefeitura Municipal de Itapuranga e da educação de toda comunidade envolvida com a serra (Rosa, 2022).

No trabalho de campo feito na Serra do Gigante em maio de 2023, que será tratado no capítulo 3, evidenciou-se *in loco* o que a autora caracteriza como déficit nas práticas de conservação da área. O proprietário do terreno onde se encontra a cachoeira principal encontrou diversas dificuldades em dar continuidade nos projetos junto ao poder público municipal de Itapuranga, dentre eles o COVID-19. Neste sentido evidencia-se em mais um dos territórios formados na grade Serra Dourada a criação de uma APA e a falta de avanço para um plano de manejo efetivo.

Neste contexto, observa-se que não apenas no município de Itapuranga, mas também em outros municípios do estado de Goiás, a criação de Áreas de Proteção Ambiental (APA) seria extremamente benéfica para a arrecadação do ICMS Ecológico. No entanto, não se observam resultados efetivos nas APAs que possam ser atribuídos a este recurso. Portanto, é imperativo que os conselhos municipais de meio ambiente e turismo adotem uma postura ativa, acompanhando e exigindo a organização e estruturação das APAs por parte do poder público local.

No capítulo seguinte, aprofundaremos nossa análise, explorando a correlação entre o turismo e as Unidades de Conservação (UC), bem como a relação destas com as comunidades locais vinculadas a esses territórios. Esta análise permitirá uma compreensão mais completa do impacto e do potencial das APAs na região.

A seguir, no capítulo 3, realizamos uma discussão sobre a relação da Serra Dourada com o turismo e as possibilidades de sua valorização através da estruturação e organização do turismo nos territórios formados em diferentes regiões da Serra.

3 O TURISMO E A CONSERVAÇÃO DO CERRADO NA SERRA DOURADA

Em um contexto de conservação do Cerrado, o turismo pode ser incluído tanto como um instrumento positivo, que pode contribuir na conscientização ambiental, quanto negativo com potencialidade de imprimir danos ambientais irreversíveis. Às reflexões sobre o conceito de natureza, a questão ambiental, assim como elementos referentes à construção de uma abordagem territorial da questão ambiental no Cerrado, inserimos o elemento turístico enquanto possibilidade de conscientização ambiental e, portanto, como instrumento de apoio à conservação ambiental. Para isso, buscamos conceituar o que entendemos como prática de turismo e, em seguida, detalhamos experiências de ecoturismo desenvolvidos ou em desenvolvimento no contexto da Serra Dourada.

3.1 Conceituando Turismo

O surgimento do turismo é um fenômeno que remonta ao século XIX, período em que as primeiras viagens internacionais se popularizaram. Inicialmente, era uma atividade reservada às elites da sociedade, mas a partir da segunda metade do século XX com a democratização do acesso ao lazer e ao transporte, o turismo se tornou uma atividade de massa, alcançando muitas pessoas em todo o mundo, podendo ser definido como a atividade humana que se origina do desejo de conhecer outras realidades, lugares, pessoas, culturas e histórias (Barreto, 2011). O turismo moderno começou a se desenvolver na Inglaterra e na França, onde a classe média emergente começou a viajar para áreas rurais e cidades históricas próximas para conhecer a paisagem e a cultura local (Edgell, 2006).

No Brasil, o turismo também começou a se desenvolver no final do século XIX, com a chegada dos primeiros turistas estrangeiros que visitavam as cidades históricas de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Neste período, a elite brasileira começou a viajar para a Europa em busca de novas experiências culturais e de lazer. Com o tempo, o turismo nacional se desenvolveu, impulsionado pelos atrativos naturais do país, como praias, montanhas, rios, entre outros. A partir daí, o turismo no país se consolidou, sendo considerado atualmente uma das principais atividades econômicas do país. No Brasil, o turismo atualmente é uma das atividades mais importantes da economia,

sendo responsável por 8% do Produto Interno Bruto (PIB) e empregando cerca de 7 milhões de pessoas (Machado, 2012; MTur, 2021).

Consolidado como uma atividade econômica importante no Brasil e no mundo, o turismo acontece por diversas razões. Para Fuster (1973), o turismo acontece a partir da relação de um conjunto de pessoas com os fenômenos e as relações produzidas como consequência de suas viagens. De La Torre (1992), por sua vez, considera o Turismo um fenômeno social, que se apresenta no deslocamento voluntário por tempo determinado, de sujeitos ou grupos que buscam lazer, descanso, conhecer culturas diferentes, cuidar da saúde, gerando relações intersociais, econômicas e culturais (De La Torre, 1992).

O fenômeno turístico, como o conhecemos hoje, tem sido objeto de estudo de diversos autores ao longo dos anos, como Cohen (1984), Lickorish e Jenkins (1997) e Williams (2002). Este fenômeno é bastante complexo e multifacetado, envolvendo uma série de aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais. Em relação à questão ambiental, entende-se que o turismo pode contribuir na formação de uma consciência ambiental, uma vez que muitos dos atrativos turísticos estão localizados em áreas naturais, como praias, florestas, parques, cachoeiras, rios, entre outros (Machado, 2012).

Neste sentido, uma tentativa pode ser feita através de processos educativos ambientais, sendo considerada essencial para harmonizar a interação do ser humano com o ambiente natural e vem sendo discutida como ferramenta fundamental para o desenvolvimento do ecoturismo e como conteúdo indispensável para a educação ambiental pensada de forma ampla (González-Gaudiano; Lorenzetti, 2009).

O turismo, em sua relação pedagógica com a educação ambiental, pode partir de “[...] processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente [...]” (Brasil, 1999). Neste sentido, os processos educativos em meio ambiente podem ser utilizados como ferramenta para contribuir na preservação do meio ambiente, em especial do Cerrado, por meio de visitas guiadas, possíveis através de diversas segmentações do turismo em diversas formas na Serra Dourada.

Com base na reflexão De La Torre (1992) e Machado (2012), pensando na relação do turismo com o objeto de estudo desta pesquisa, busca-se a compreensão

enquanto fenômeno que se consolida a partir dos anseios de sujeitos que, por diferentes motivos, buscaram a Serra Dourada para passar parte de seu tempo.

Assim, acredita-se em possibilidades na articulação local para o aproveitamento do fenômeno turístico, buscando sua organização, fazendo-o aliado na educação ambiental dentro dessas áreas protegidas de Cerrado, que como discutimos acima, tem pouca efetividade em seu propósito. Afinal, não seria melhor garantir a conservação destas áreas protegidas com um fluxo controlado de pessoas ocupando seu território, que têm em comum o objetivo de aprender sobre o Cerrado e ao mesmo tempo vivenciá-lo?

Nesta perspectiva, quais as tipologias de turismo seriam ideais para a sua consolidação como atividade econômica geradora de renda local e ao mesmo tempo, fenômeno social de relevante importância para a permanência das APAs da Serra Dourada e dos sujeitos que dependem direta e indiretamente dela para sua sobrevivência?

Serão apresentadas aqui, algumas tipologias e conceitos formados ao longo da história, que se relacionam com a educação ambiental, como o ecoturismo, o turismo de aventura, o turismo rural, o turismo comunitário, entre outros. Essas tipologias de turismo têm em comum o objetivo de promover a conscientização ambiental dos sujeitos que se propõem a visitar estes locais, podendo gerar, além de conhecimento sobre o meio ambiente e a cultura local, benefícios e oportunidades para as comunidades locais.

O ecoturismo é uma das tipologias de turismo mais relacionadas à educação ambiental, uma vez que se propõe a promover a conservação dos recursos naturais e a conscientização dos turistas sobre a importância da preservação ambiental. Esta segmentação de turismo é caracterizada pela visita a áreas naturais protegidas, como parques nacionais, estaduais e municipais, reservas biológicas, áreas de proteção ambiental, com o objetivo de conhecer a fauna e flora, praticar atividades de aventura e ter contato com as culturas locais (Dale; Newton, 2015).

O turismo de aventura, também se apresenta como uma tipologia de turismo que se relaciona com a educação ambiental, com propostas de atividades que proporcionam contato direto com a natureza e promovem a conscientização ambiental dos turistas. Entre as atividades praticadas no turismo de aventura estão: escalada, ciclismo, hiking, trekking, rapel, canoagem, rafting, entre outras (Carr, 2013).

O turismo rural também pode ser uma modalidade de turismo relacionada à educação ambiental, uma vez que permite aos turistas conhecer as atividades agrícolas e pecuárias locais e ter contato direto com a natureza. Além disso, o turismo rural pode gerar benefícios econômicos para as comunidades locais com a valorização de sua produção local e contribuir para a preservação das culturas tradicionais, desde-que pensado e executado por elas (Santos et al., 2018).

O turismo comunitário é uma modalidade de turismo que tem como objetivo a inclusão social e a promoção do desenvolvimento sustentável das comunidades locais. Essa modalidade de turismo propõe a participação das comunidades na gestão dos empreendimentos turísticos, garantido renda, seguramente para a preservação do meio ambiente e para a geração de renda para os locais (Dale; Newton, 2015).

Neste sentido, qual seria a modalidade de turismo que contribuiria para promoção da educação ambiental e conservação do cerrado na Serra Dourada? Diante das tipologias de turismo apontadas, percebe-se que todas podem contribuir para a promoção da educação ambiental e para a conservação do Cerrado. No entanto, é importante ressaltar que cada modalidade de turismo possui características próprias que podem se adequar melhor a determinadas regiões e contextos.

No caso da Serra Dourada, que abriga diferentes áreas protegidas do cerrado, a modalidade de turismo mais indicada para a promoção da educação ambiental e para a conservação do cerrado sugerida pode ser o ecoturismo, que propõe em seu conceito a visitação de áreas naturais protegidas, como parques nacionais e reservas biológicas, com o objetivo de conservar a fauna e flora, além da prática de atividades esportivas de baixo impacto ambiental (Dale; Newton, 2015).

O ecoturismo é uma modalidade de turismo que pode gerar benefícios econômicos e culturais para as comunidades locais, além de contribuir para a conservação da natureza. No entanto, é fundamental que o ecoturismo seja realizado de forma sustentável, com o aproveitamento racional dos benefícios naturais e a diminuição dos impactos ambientais. É importante destacar que o ecoturismo deve ser praticado com a adoção de medidas para minimizar os impactos ambientais, como a utilização de trilhas já existentes, a não coleta de plantas e animais, a não realização de atividades em áreas sensíveis, entre outras.

Em 2003, Bueno e Pires afirmam que, conforme o princípio do ecoturismo, durante sua prática, seria possível trabalhar com processos educativos ambientais, pois:

O caráter educativo do ecoturismo baseia-se no fato de que esta atividade, comprometida com a conservação da natureza, prevê o seu desenvolvimento a partir da participação responsável dos 'ecoturistas' em ambientes de elevada importância tanto para essa atividade quanto para a humanidade (Bueno; Pires, 2003, p. 1)

Para Irving (2002, p. 48) o mundo todo tende a ter um crescimento da consciência ambiental com a prática do ecoturismo em áreas protegidas, pois a sociedade já profundamente afetada pelo fenômeno da globalização e altamente consumista começa a buscar estes ambientes “[...] em razão dois níveis crescentes de degradação da base dos recursos naturais, incluindo a destruição dos ecossistemas de alta relevância para a preservação da biodiversidade global”. Assim, este contato com a natureza é visto como “[...] o processo de reencontro do [ser humano] com sua própria essência”.

Neste sentido, buscando compreender os comportamentos e as modificações causadas no sujeito visitante, através das experiências proporcionadas pelo turismo no território Serra Dourada, tem-se como resultado a educação ambiental. Só sendo possível, caso ocorra a conservação deste território e suas territorialidades, com uma visitação consciente e educativa que possibilite a formação de uma consciência ambiental. Para evidenciar essa tese, o pesquisador realizou diversas visitas de campo em diversos pontos e trilhas da Serra Dourada.

3.2 Desenhando um território turístico da Serra Dourada

O garimpo, a pecuária e a agricultura são grandes problemas advindos do conflito territorial evidenciado pela falta de regularização fundiária na Serra Dourada. Pode-se evidenciar na região sudeste da serra, mais especificamente nos Cânions da Serra Dourada, trechos invadidos pela pastagem e pelo gado, além de garimpo ilegal no topo da Serra Dourada, próximo ao areal.

O turismo também se caracteriza como atividade que ocorre de modo irregular na Serra Dourada. Ao chegar em Goiás é possível perceber a paisagem natural que é constituída pela Serra Dourada e o cerrado que a compõem. Neste sentido, a

visitação acontece de forma irregular, podendo causar impactos negativos sem que haja estudos específicos para a regulamentar. Assim, busca-se compreender a territorialização do turismo na serra, evidenciando os locais mais visitados.

Para causar o mínimo impacto possível, acredita-se que a melhor forma para se praticar o Ecoturismo na Serra Dourada seja caminhando, pois o impacto ambiental é menor comparado a motos e bicicletas, que podem, por exemplo, criar erosões no solo. É possível citar outras medidas que minimizem os impactos ambientais, como a utilização de trilhas já existentes e a não visitação em áreas sensíveis, como veredas e campos úmidos. É importante considerar a demarcação de trilhas únicas, ao contrário de abrir diversos caminhos paralelos, minimizando o impacto negativo na biodiversidade e a compactação do solo, facilitando o manejo da trilha. (Costa, 2006; Eisenlohr et al, 2013).

As trilhas são parte de elementos culturais passados e presentes na humanidade, serviam como canais de comunicação entre lugares distintos. Antes, suprimindo a necessidade de deslocamento, na atualidade acredita-se que possam servir como canais de comunicação entre a humanidade e a natureza, desde que a educação ambiental esteja aliada ao percorrê-las (Eisenlohr et al, 2013). É necessário perceber as trilhas não só como um meio de deslocamento, mas sim como uma ferramenta importante para a compreensão dos ambientes bióticos e abióticos e de suas territorialidades através da educação ambiental (Costa, 2006).

Entretanto, é importante ressaltar que o uso de trilhas gera impactos em seu ambiente e em áreas adjacentes, como o aumento da compactação e erosão do solo, além da perda da cobertura vegetal e as conseqüentes alterações na composição do solo e da diversidade vegetal no entorno da trilha, gerando também a perturbação da fauna que vive nestes locais. (Cole 1978; Kuss 1968; Boucher et al., 1991; Fonseca Filho et al., 2011).

Portanto, as trilhas podem ser consideradas instrumentos a favor da conservação, permitindo contato da humanidade com a natureza, mas por outro lado, constituem fontes de distúrbio aos ambientes naturais. Portanto a utilização desses ambientes depende de sua relação com os sujeitos que as frequentam, pois para ter acesso ao meio natural que possibilite o contato íntimo com o cerrado, o acesso na maioria dos casos se dará por trilhas (Eisenlohr et al. 2009, 2011 *apud* Eisenlohr, et al, 2013; Jordan III, 2003).

O ecoturismo aliado a outras modalidades de turismo e praticado nas diferentes trilhas formadas na Serra Dourada, pode estimular o aumento da compreensão dos valores ambientais, melhorando o modo como o cerrado é visto pela sociedade contemporânea. Para possibilitar uma melhor compreensão, o pesquisador fez diversos trabalhos de campo em várias trilhas da serra apropriadas pelo turismo. Os dados obtidos serão apresentados a seguir. O pesquisador em questão é turismólogo e guia de turismo com o Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur) na região de Goiás. Buscando o melhor entendimento sobre a relação do Turismo com a Serra Dourada, neste tópico serão analisados dados de fontes secundárias, relatos e observações in loco nos trabalhos de campo feitos pelo pesquisador.

Na sequência desta seção, busca-se uma delimitação do território abrangido pelo fenômeno turístico na Serra Dourada. Aqui destacamos trabalhos de campo em diferentes regiões da serra, em locais já apropriados pelo fenômeno Turístico, principalmente no entorno de suas áreas protegidas, definindo o recorte da área de estudo deste trabalho.

Por não contarem com instrumentos que possibilitem o monitoramento constante do fluxo de visitação, as análises sobre o fluxo de visitas dos outros locais aqui discutidos serão feitas a partir do levantamento de fontes secundárias, sendo avaliações públicas através de plataformas da internet de uso comum, como a ferramenta *google maps*, e redes sociais: *Instagram*, *Facebook*, *tripadvisor*, entre outros.

Para obter dados mais precisos, a fim de compreender o fenômeno turístico nos locais apontados, buscou-se estudos mais completos nos municípios abrangidos pela Serra Dourada, que apontaram características e equipamentos turísticos existentes em cada região do recorte espacial definido na pesquisa, além de buscar identificar o perfil dos sujeitos que visitam o local.

As pesquisas de campo exploratórias foram idealizadas e executadas a partir da vivência do pesquisador enquanto guia de turismo local e conhecedor dos locais apropriados pelo turismo em Goiás. A preparação para as visitas exploratórias foi feita através de análises de trilhas percorridas e registradas por outras pessoas ao longo do tempo no aplicativo de GPS Wikiloc. Durante os trabalhos de campo, o pesquisador utilizou o diário de campo para anotações pertinentes a pesquisa, a máquina fotográfica e o smartphone com mapeamento GPS no Wikiloc. Assim, foram explorados diferentes lugares que estão no contexto territorial formado a partir da

formação geológica compreendida por Serra Dourada. Algumas pesquisas de campo foram feitas por trilhas e outras em locais específicos onde o turismo ocorre na serra. Aqui, buscou-se a delimitação de um território turístico na Serra Dourada.

Ressalta-se que o pesquisador é guia de turismo e possui o Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur), do Ministério do Turismo. Que é o cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor turístico da cidade de Goiás, atuante na Serra Dourada desde o ano de 2019, portanto escolheu analisar a serra a partir de sua relação com o turismo, buscando atingir os objetivos da pesquisa.

Inicialmente, através da pesquisa documental em fontes primárias e secundárias, buscou-se compreender o recorte espacial da pesquisa, evidenciando o turismo que ocorre nas diferentes áreas protegidas da Serra Dourada, sendo elas: Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo; Parque Estadual da Serra Dourada, Área de Preservação Ambiental Dr. Sullivan Silvestre. Neste recorte, analisou-se o turismo nas trilhas, já demarcadas a anos na Serra Dourada:

1. Trilha da Reserva Biológica e PESD, visitado várias vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, porém, dá-se destaque ao trabalho de campo realizado no dia 26 de fevereiro de 2022, a pé, por uma trilha de 13 km, totalizando 7 horas de atividade;
2. Trilha dos Cânions da Serra Dourada, visitada algumas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo realizado no dia 13 de março de 2022, a pé, por uma trilha de 6 km, totalizando 7 horas de atividade;
3. Travessia da fazenda Quinta, visitada poucas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo realizado em novembro de 2021, a pé, por uma trilha de 6 km, totalizando 7 horas de atividade;
4. Travessia da Casinha, visitada poucas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo realizado em janeiro de 2023, a pé, por uma trilha de 13 km, totalizando 6 horas de atividade;
5. Trilha da Juventude, visitada poucas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo

realizado em março de 2023, de bicicleta, por uma trilha de 20 km, totalizando 6 horas de atividade;

6. Trilha das Nascentes visitada poucas vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque ao trabalho de campo realizado em 26 de fevereiro de 2022, a pé, por uma trilha de 14 km, totalizando 7 horas de atividade;
7. Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada. Visitada apenas 3 vezes pelo pesquisador a partir de sua vivência como guia na serra, dando destaque aos trabalhos de campo realizados em dois momentos. A primeira visita foi em Maio de 2019, a pé, por uma trilha de 16 km, totalizando quase 11 horas de atividade. O segundo trabalho de campo ocorreu em maio de 2021, a pé, por uma trilha de 17 km, em dois dias com pernoite na Serra com 8 horas de caminhada, no segundo dia, foram mais 4 horas de atividade, totalizando quase 12 horas de caminhada.

3.3 Turismo na Reserva Biológica Prof. José Ângelo Rizzo, Parque Estadual da Serra Dourada e Área de Proteção Ambiental Dr. Sullivan Silvestre

Reserva Biológica e PESD

O primeiro trabalho de campo destacado está localizado na região sul da Serra Dourada, no principal acesso para a Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo. Este acesso fica localizado no município de Mossâmedes, pela rodovia GO-164. Apresenta-se neste trabalho, os dados mais recentes coletados em uma visita feita no dia 26 de fevereiro de 2022, com início às 06:00 e término às 13:00, totalizando 7 horas de atividade.

O primeiro ponto visitado é a unidade de captação de água da SANEAGO, responsável por abastecer a cidade de Mossâmedes desde sua consolidação. A água não precisa passar por nem um tipo de tratamento, sendo um grande benefício à população. Esta unidade está localizada no Córrego Cafundó, envolto a uma mata de galeria. Conforme a altitude aumenta, as fitofisionomias do Cerrado vão se alternando.

A segunda parada é em um ponto conhecido regionalmente por Gruta da Coruja. O local é propício para descanso devido a sua temperatura ambiente mais amena. A gruta recebeu este nome dos guias mateiros locais, por ser a moradia de uma coruja albina, que tudo indica, não reside mais na gruta. Para ter acesso ao local, é necessário entrar em uma trilha à esquerda, com 2,5 km de caminhada. A sua entrada está cercada por uma vegetação de campo sujo e só é conhecida pela população do entorno da região.

Foto 15 - Gruta da Coruja - Serra Dourada



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Uma gruta é descrita por Piló e Hauer (2010, p. 7) como uma abertura natural formada em rocha abaixo da superfície do terreno larga o suficiente para a entrada do homem. Assim os autores definem a gruta da coruja como um geossítio, por se tratar de um local representativo do patrimônio geológico do território denominado Serra Dourada, que é integrante da geodiversidade do estado de Goiás. Conforme Carneiro, Araújo e Santos (2020), a gruta é de litologia quartzítica.

Ao sair da gruta, a caminhada continua por 200m até a área da Reserva Biológica. A esquerda, pega-se uma trilha de 400m para chegar à Cidade de Pedra, área com diversas formações rochosas de diferentes formatos sobrepostas umas sobre as outras. Em um ponto mais elevado da cidade de pedra está a pedra goiana, importante simbologia para o estado de Goiás nos anos 60 que hoje se encontra derrubada. Segundo a versão mais conhecida das histórias contadas por moradores da região, as pessoas que utilizaram explosivos para derrubar a pedra, foram jovens que se divertiram no local em julho de 1965. Segundo eles, a queda da pedra foi acidental. Até os dias de hoje a população aguarda a promessa do governo estadual de restaurar esta importante simbologia para o estado de Goiás.

Foto 16 - Cidade de Pedra - Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo.



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

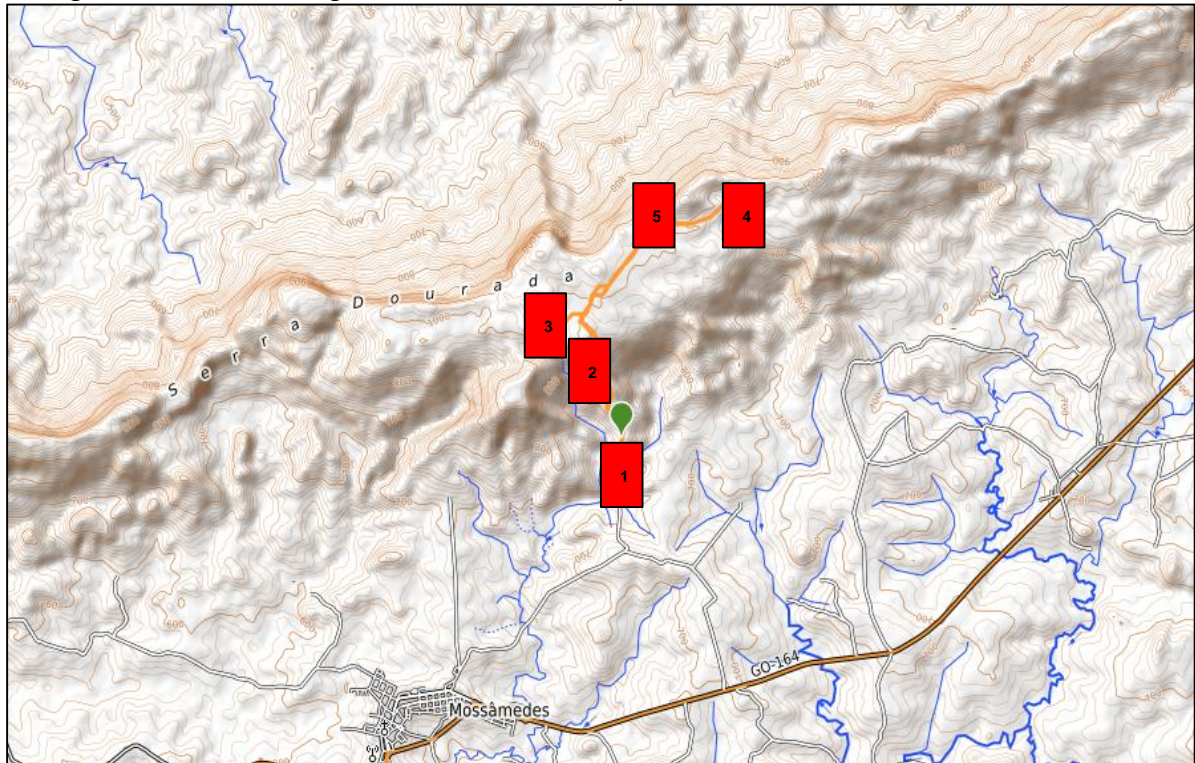
Durante o percurso, percebe-se a presença de um córrego intermitente onde eram realizadas as extrações de diamante conforme os relatos dos guias mateiros da região. Hoje sobraram somente os vestígios da atividade de garimpo praticada, evidenciadas pelos vários montes de cascalho com enormes buracos ao lado.

Nesta área encontramos o Papyrus (*Cyperus papyrus*). Esta planta é encontrada somente nesta região do estado, nos municípios de Mossâmedes e Pirenópolis a mais de 1.000 metros de altitude, no Parque Estadual Serra Dourada e no Parque Estadual dos Pireneus. Ao passar pela área da cidade de pedra, chega-se à entrada reserva biológica da UFG, onde se paga a taxa de visitação à segurança e se assina o livro de registro de visitantes. Atualmente o valor individual é de R\$10,00 por pessoa. Após o pagamento, é possível descansar próximo a guarita e prosseguir para o Areal.

O Areal do parque possui uma grande quantidade de rochas que ao longo do tempo se dissolvem, formando areias de diversas cores e tonalidades diferentes, matéria prima utilizada por artesãos na confecção de quadros e decorações. Uma artista plástica referência nesta arte é Goiandira do Couto, que em suas obras retrata belíssimas paisagens de Goiás. Após o Areal, chega-se ao mirante da asa delta, uma rampa construída para a prática de esportes aéreos em um dos pontos mais altos do parque. Da rampa é possível se contemplar a paisagem composta por toda a região, a aproximadamente 1.010 metros de altitude.

No total, foram percorridos 13 km em aproximadamente 07 horas de visita, conforme destacado no mapa 15, que é o trajeto percorrido durante o trabalho de campo, registrado através do aplicativo *Wikiloc*. O ponto 1 é a unidade de tratamento do córrego cafundó, o ponto 2 Gruta da Coruja, o ponto 3 a Pedra Goiana, o ponto 4 é o Areal e o ponto 5 o Mirante da Rampa. O ponto vermelho abaixo do ponto verde é o ponto de início e final da trilha. Foram quase 13 km em 6 horas. A maior altitude foi de 1.010 metros e a menor de 688 metros.

Mapa 15 - Trilha percorrida no trabalho de campo - Principal acesso a Reserva Biológica Prof. José Ângelo Rizzo e ao Parque Estadual da Serra Dourada.



1 –Córrego Cafundó; 2 - Gruta da Coruja; 3 – Cidade de Pedra; 4 - Areal; 5 Mirante da Rampa.
Autor: Jhonatan Soares Campos. Disponível em:<https://x.gd/zRfzV>

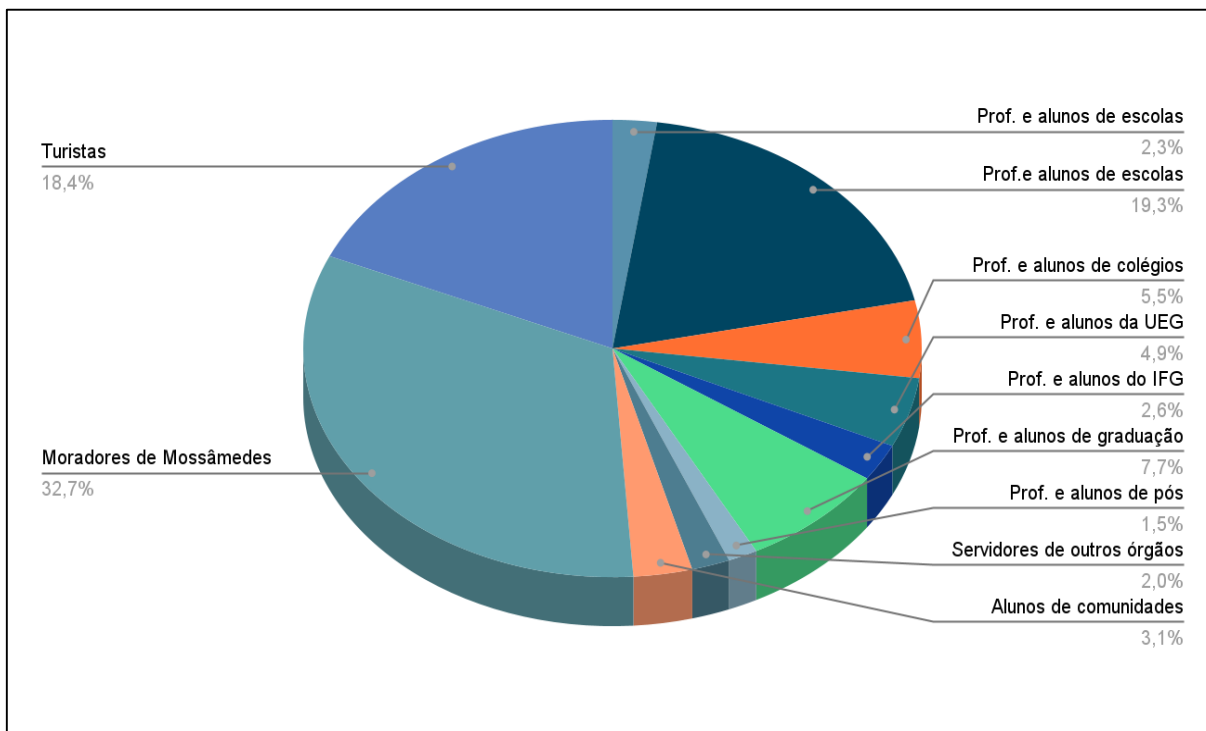
Por estarem ligadas em um processo temporal de consolidação de áreas protegidas através de políticas públicas, e também por lutas locais e coletivas para a preservação da Serra Dourada nesta região que abrange principalmente Goiás e Mossâmedes, os primeiros dados analisados aqui contemplarão essas três regiões.

Como primeira área protegida, sendo visitada em grande parte por pesquisadores e professores, a reserva biológica Professor José Ângelo Rizzo conta com visitas significativas anualmente. Para constatar essa afirmação, utiliza-se os dados disponibilizados através do relatório produzido pela professora Vera Lúcia Gomes Klein. Gestora da UFG responsável pela Reserva Biológica e outros projetos como o Herbário e o Bosque Auguste Saint Hilaire. Estes dados apresentam um controle básico de visitação à reserva biológica e consequentemente ao PESD do ano de 2019 até o ano de 2022.

Em 2019, os registros disponibilizados (Gráfico 02) apontam um total de 940 visitantes, sendo que desse total de visitantes, cerca de 701 se constituem em professores e alunos de escolas municipais, escolas estaduais, colégio militar, servidores, professores e alunos de graduação e pós-graduação da UEG, UFG,

servidores de outros órgãos e alunos Indígenas. Os outros 239 foram caracterizados como turistas. Destes 940 visitantes, 425 pessoas são moradoras de Mossâmedes (UFG, 2023).

Gráfico 02 – Visitação à Reserva Biológica da UFG e ao PESD, 2019.



Fonte: Relatório de Atividades. Unidade de Conservação da UFG/PRPI/UFG. Reserva Biológica, Prof. José Ângelo Rizzo – Serra Dourada.

Os Colégios que visitaram a Reserva biológica neste ano foram: CEPI- Ilidia Maria Perillo Caiado - Mossâmedes; Escola Municipalizada São Dimas – Itaberaí; Colégio Educandário Durval Rosa Pires – Itaberaí; Colégio Estadual de Itapuranga; Escola Estadual Santa Rita – Itaberaí; Colégio Estadual José Rodrigues Naves – Goianira; Colégio Estadual Dr. Albion de Castro Curado – Distrito de Davidópolis (UFG, 2023).

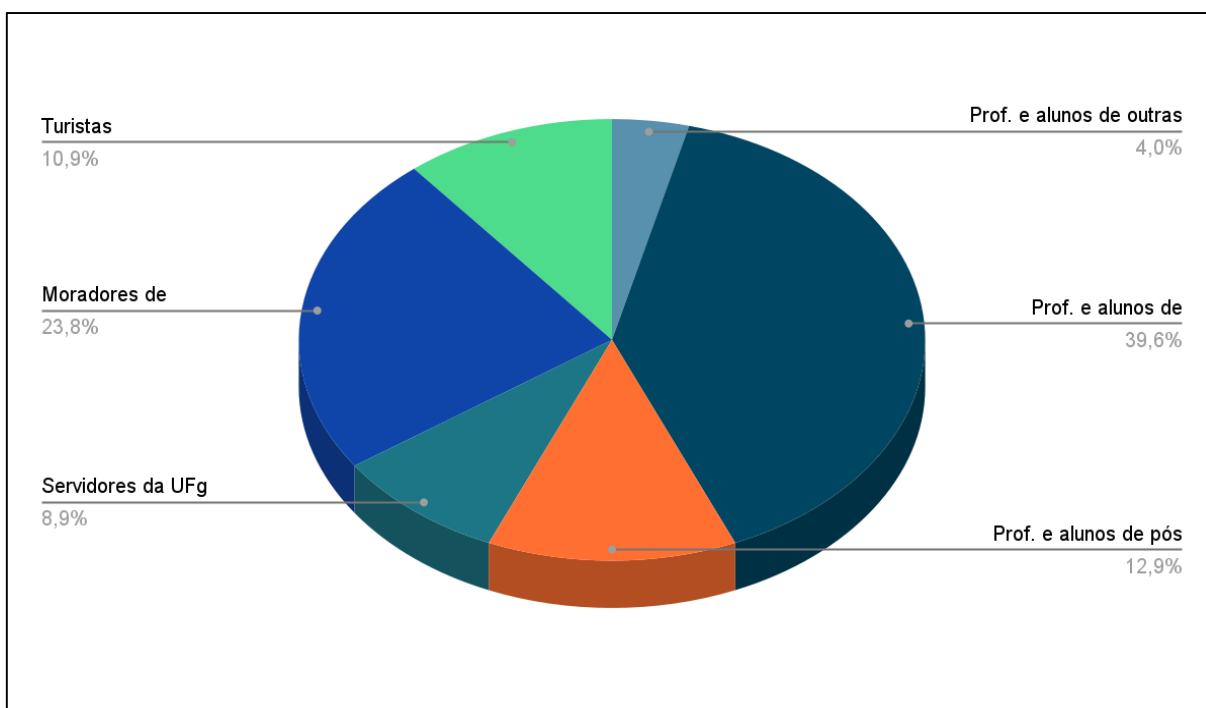
Já as outras instituições foram: Universidade Federal de Goiás; Universidade Federal de Goiás (Goiás); Universidade Federal de Goiás (Jataí); Universidade Estadual de Goiás; Universidade Paulista – Campus Indianópolis – São Paulo; Instituto Federal Goiano (UFG, 2023).

Os dados do relatório apontam ainda a origem desses visitantes, sendo que do estado de Goiás foram evidenciadas pessoas de Anápolis, São Luís de Montes Belos, Sanclerlândia, Pirenópolis, Itaberaí, Goiânia, Aparecida de Goiânia, Inhumas,

Trindade, Jussara, Santa Isabel, Goianésia, além da visita do Governador do Estado de Goiás – Dr. Ronaldo Caiado e sua equipe. De outros estados, a reserva e o parque tiveram visitantes de Baixo Guandu - ES, Campanha - MG, Niterói - RJ, Minas Gerais - MG, São Paulo - SP, Santo André - SP, Campinas - SP, Brasília - DF, Novo Friburgo - RJ, Campo Grande - MS. Neste ano, dois visitantes vieram de outros países, com origem do Canadá e Suíça. (UFG, 2023).

No ano de 2020, os registros disponibilizados apontam um total de 101 visitantes, sendo que deste total apenas 11 foram classificados como turistas. (UFG, 2023), como podemos observar no Gráfico 03.

Gráfico 03 - Visitação à Reserva Biológica da UFG e ao PESD, 2020.



Fonte: Relatório de Atividades. Unidade de Conservação da UFG/PRPI/UFG. Reserva Biológica, Prof. José Ângelo Rizzo – Serra Dourada.

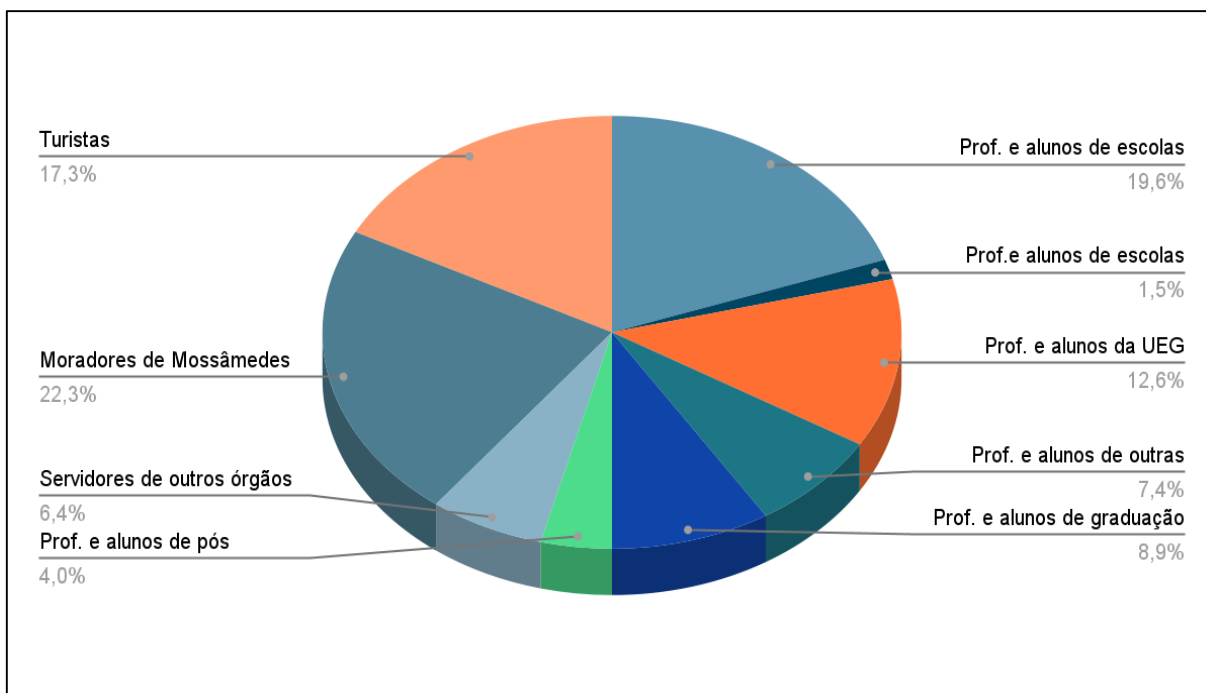
Destes visitantes, do estado de Goiás foram registradas pessoas de Americano do Brasil, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Buriti Alegre, Cidade de Goiás, Goiânia, Itaberaí, Mossâmedes e Sanclerlândia. De outros estados, apenas Brasília - DF, Rio Branco AC, São José do Rio Preto SP e de Curitiba PR (UFG, 2023).

Neste ano, a partir de fevereiro a visitação à Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo foi suspensa por conta da pandemia do COVID-19, portanto os dados

são apenas dos primeiros meses de 2020. A retomada da visitação somente foi autorizada no ano de 2022 (UFG, 2023).

Em 2022, os registros disponibilizados apontam um total de 376 visitantes, sendo que deste total, 70 são turistas e 90 são moradores de Mossâmedes, conforme dados disponibilizados no gráfico 04.

Gráfico 04 - Visitação à Reserva Biológica da UFG e ao PESD, 2022.



Fonte: Relatório de Atividades. Unidade de Conservação da UFG/PRPI/UFG. Reserva Biológica, Prof. José Ângelo Rizzo – Serra Dourada.

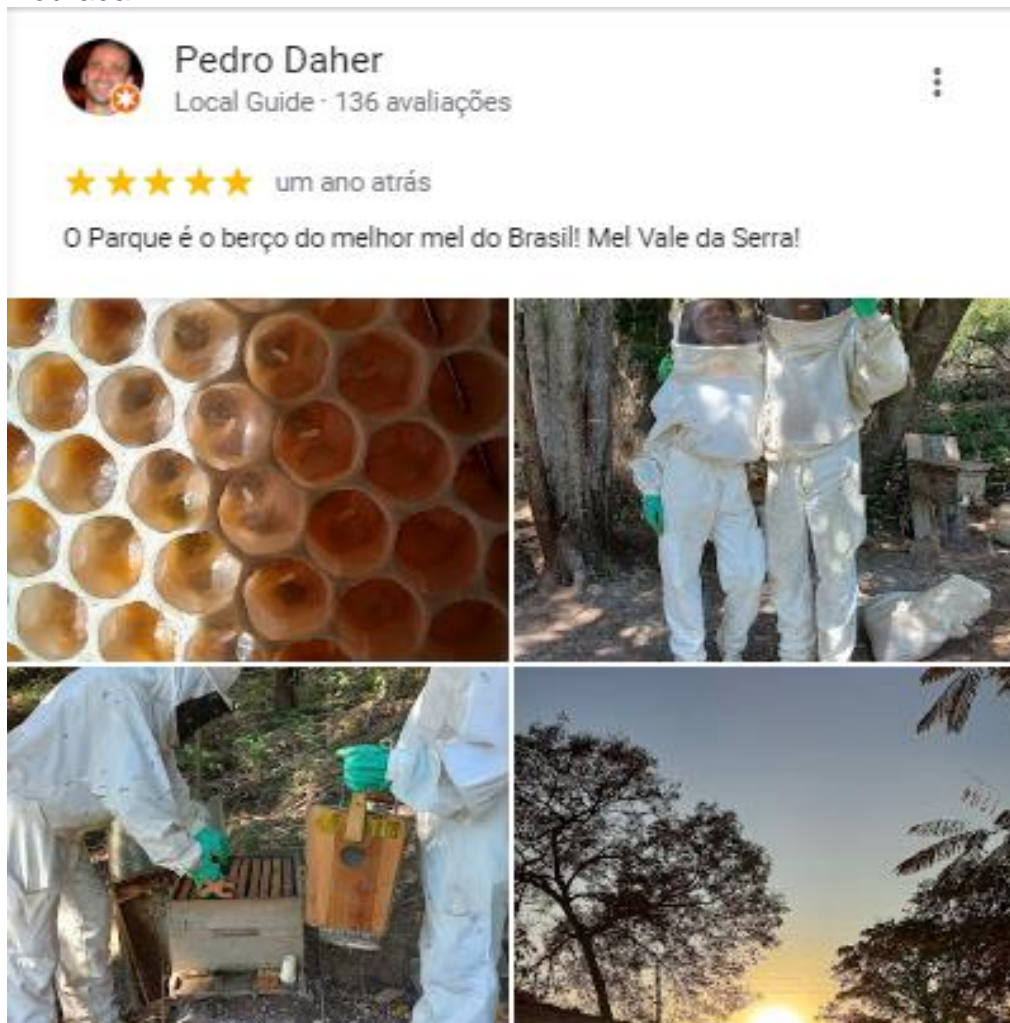
Do estado de Goiás, os visitantes têm origem dos municípios de Aparecida de Goiânia, Goiânia, Mossâmedes, Cidade de Goiás Anicuns, Itaberaí, Aurilândia, Ceres, Buriti de Goiás, Itaguari, São Luís de Montes Belos, Itumbiara, Sanclerlândia, Anápolis, Senador Canedo, Trindade, Paraúna, Acreúna, Luziânia, Caldazinha, Caldas Novas e Bandeirante. De outros estados, visitantes de Brasília - DF, Rio Grande do Sul – RS, Bicas – MG, São Paulo – SP, Belo Horizonte – MG, Rio de Janeiro – RJ, São José dos Campos – SP, Votorantim – SP, Suzano - SP, Termondópolis – SP e Campo Grande - MS. (UFG, 2023).

Acredita-se que os dados do fluxo de visitação no ano de 2023 estarão no relatório que será disponibilizado no fim do ano, pois como evidenciado pelo pesquisador, o livro de registro disponível para assinatura na reserva deste ano, já conta com muitas assinaturas.

No Parque Estadual da Serra Dourada, evidenciam-se 274 registros de visitantes e avaliações no Google Maps na última década por usuários identificados através de sua conta na ferramenta de busca Google, suas avaliações com fotos e informações sobre o local são públicas e estão disponíveis na internet conforme o link: <https://x.gd/vuOrp>. Ressalta-se que os locais visitados neste trabalho de campo também têm avaliações públicas no Google Maps.

Dentre as avaliações e relatos de trilheiros que visitaram a rota percorrida pelo pesquisador, destaca-se a avaliação de um usuário que visitou a um ano atrás uma propriedade rural familiar de apicultores na área do PESD, em uma região diferente da rota tradicional, local onde é produzido o Mel Vale da Serra Dourada. A avaliação pode ser evidenciada na figura 05, e está disponível no link: <https://goo.gl/maps/abXcuPWU8fMXxkWq9>.

Figura 05 - Comentário público no Google Maps sobre o Parque Estadual da Serra Dourada



Fonte: Google Maps: <https://goo.gl/maps/abXcuPWU8fMXxkWq9>.

As abelhas polinizadoras se encontram em grande risco de extinção pelo desmatamento do cerrado e a perda de seu habitat natural. Fatores que agravam sua condição são o manejo incorreto das colmeias e a extinção de diversas outras espécies de abelhas polinizadoras causando uma baixa variabilidade genética, esta condição deixa as abelhas ainda mais suscetíveis a ataques de inimigos naturais. (ROSA et al., 2017).

Conforme publicado pelo perfil Mel Vale da Serra Dourada, disponível publicamente através da rede social instagram, no link: <https://x.gd/aLQR0>. O mel é comercializado em toda região.

Figura 06 - Perfil Público do Mel Vale da Serra na rede social instagram.



Fonte: Instagram: <https://x.gd/aLQR0>

Na figura 06, é possível se evidenciar que além de comercializar o mel, os apicultores criam suas abelhas com os benefícios ambientais proporcionados pela Serra Dourada. Também pode-se evidenciar a conservação da vida de espécies polinizadoras, que dependem do cerrado, que naquela região, Graças às áreas naturais protegidas, ainda se encontra conservada. De forma indireta, o Turismo Rural acontece neste local, a partir do momento que os sujeitos que consomem sua produção decidem visitá-la, gerando relações socioeconômicas, trocas de conhecimento e experiências. Estas relações despertam vínculos de afetividade entre

os visitantes e o local visitado, estimulando a formação de uma consciência ambiental. (Porto-Gonçalves, 2006; Santos, 2018).

Cânions da Serra Dourada

O trabalho de campo em destaque foi realizado na região sul da Serra Dourada, dentro da área do PESD, com acesso pelo km 35 da rodovia GO-164, por estrada de chão com a entrada à direita na curva, tendo como referência a placa de venda de peixes. Apresenta-se neste trabalho, os dados mais recentes coletados, em uma visita feita no dia 13 de março de 2022, com início às 07:00 e término às 14:00, totalizando 7 horas de campo e 6 km de caminhada. O ideal é que se saia de Goiás às 06:00 para começar a caminhada às 07:00.

Após entrar-se na estrada de chão, são percorridos mais 4 km até chegar à fazenda da família do Sr. André. Lá foi dada a autorização para adentrar em sua propriedade e seguimos por mais 1,5 km de carro pela estrada na pastagem até chegar em um estacionamento próximo a área de divisa com o PESD.

Partindo do estacionamento, a caminhada é aproximadamente 2,5 km até chegar aos Cânions da Serra Dourada, lugar com paredões de rocha que podem chegar a 25 metros de altitude em alguns pontos. Além disso, no período chuvoso se formam diversos poços muito bons para banho em sua extensão. Os cânions têm a possibilidade de acesso ao Areal para aqueles aventureiros que se desafiam em uma caminhada de aproximadamente 4 km de subida em meio aos poços escorregadios e aos paredões de Pedra. Não optamos pela aventura neste dia, mas já identificamos essa possibilidade para aqueles que queiram se aventurar na serra. Outro fator interessante é poder ver de perto tudo o que já foi discutido nos capítulos anteriores sobre a formação rochosa do Grupo Serra Dourada.

Após evidenciar os cânions, segue-se a trilha acompanhando as águas que brotam na Serra Dourada, até adentrar nas matas de galeria. Logo no início se vê o Poço do Brinco, poço com aproximadamente 3 metros de profundidade e com água cristalina, tendo 4 m de largura e 8 m de extensão é considerado um dos mais belos da Serra Dourada, admirado pelos visitantes.

Seguindo por trilha e margeando o rio, ao final da trilha em meio a mata ciliar está a cachoeira Braz Mendes, considerada uma das maiores belezas naturais de toda região. A cachoeira é formada por uma queda d'água de aproximadamente 8

metros de altura e 1 metro de largura, formando um poço com mais de 20 metros de extensão e cerca de 10 metros de largura com água cristalina e diversos pontos para mergulho.

Próximo a cachoeira, existe o ponto de encontro entre o rio Braz Mendes e o rio Fartura conforme ilustrado na foto 17, as imagens também evidenciam resquícios de garimpo em uma outra época naquela região

Foto 17 - Mosaico de imagens - Cânions da Serra Dourada - PESD.

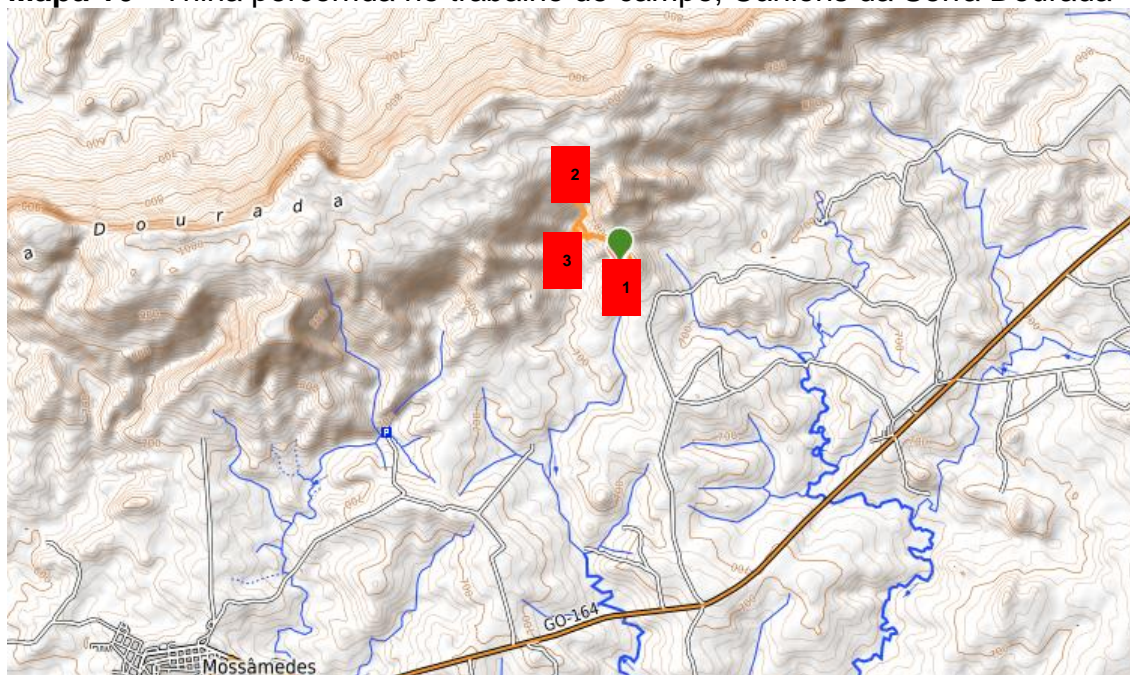


01 - Poço do Brinco. 02 - Cachoeira Braz Mendes. 03 e 05 - Cânions da Serra Dourada. 04 - Encontro do Rio Braz Mendes à direita, com o Rio Fartura à esquerda.

Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Após sair da Cachoeira Braz Mendes, retorna-se ao encontro da trilha utilizada para chegar aos cânions. Na subida pela pastagem, evidencia-se o Gavião de Penacho. Dali, são mais 2,5 km de volta até o estacionamento pela mata de cerrado e cerradão. Assim, a trilha totaliza uma distância de 5,7 km, chegando a 847 m de altitude por dentro dos cânions da Serra (Mapa 16).

Mapa 16 - Trilha percorrida no trabalho de campo, Cânions da Serra Dourada



1 – Estacionamento de onde se inicia a caminhada. 2 - Cânions da Serra Dourada. 3 - Cachoeira Braz Mendes. **Fonte:** Autor. Disponível em:<https://x.gd/iZNII>

O mapa 16 é o trajeto percorrido durante o trabalho de campo, registrado através do aplicativo *Wikiloc*. O ponto 1 é o estacionamento, onde se inicia a caminhada. O ponto 2 são os cânions da Serra Dourada. O ponto 3 é a cachoeira Braz Mendes. Foram quase 7 km em 06:30 horas. A maior altitude foi de 874 metros e a menor de 711 metros.

Travessia da fazenda Quinta

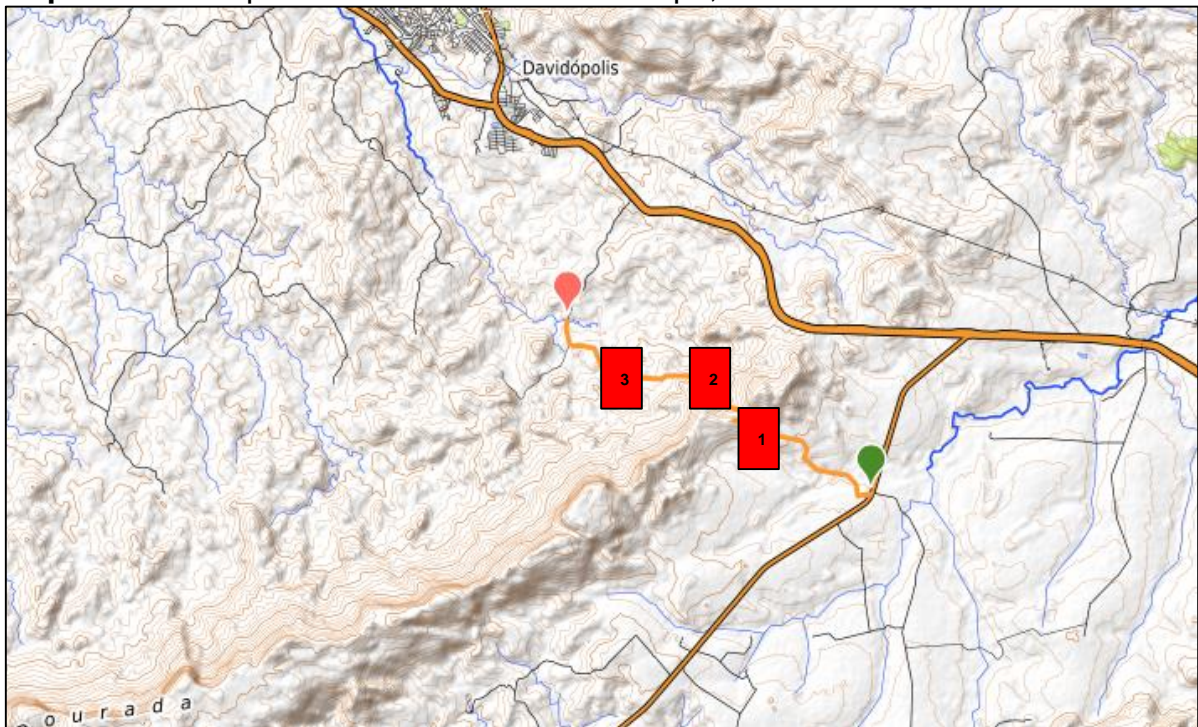
Este trabalho de campo ocorreu em novembro de 2021, na região da Serra Dourada, próximo ao trevo entre a GO-164 e a GO-070. Essa trilha foi apresentada pelo senhor Orlei de Souza, guia de turismo mateiro há mais de 30 anos na cidade de Goiás e na Serra Dourada. A caminhada teve início às 06:00 da manhã e foi concluída às 13:00, no total foram 7 horas de atividade.

A caminhada por trilha começa na Fazenda Quinta, que faz divisa com a área protegida do PESD. Após cruzar um trecho do rio, adentra-se a mata ciliar que dá acesso a uma grande vereda, que infelizmente se encontra extremamente ameaçada pelas pastagens e criação de gado naquela região.

Pouco adiante na trilha, vários trechos de pastagem até uma grande e densa mata de cerrado ainda conservada nos limites do parque com uma propriedade privada. A partir dali, após muita subida, finalmente chega-se ao PESD e as formações de rochas quartzíticas em meio ao Cerrado rupestre. O cume da serra é um ponto que permite ter uma visão clara da GO-070 no seu extremo a sudeste, e também da cidade de Goiás. Durante a caminhada percebe-se formações de rochas sobrepostas que lembram partes de muros de pedra, como os utilizados pelos portugueses na Estrada Real e pelos fazendeiros para delimitar os limites de suas terras.

Mais à frente, durante a descida da Serra, essa rota se encontra com outra, chamada de “Travessia da Casinha”.

Mapa 17 - Trilha percorrida no trabalho de campo, Travessia da fazenda Quinta



1 – Mirante da Serra; 2 – Cachoeira da Serra; 3 – Encontro com outras trilhas da serra

Fonte: Autor. Disponível em: <https://x.gd/l7iad>

O mapa 17 é o trajeto percorrido durante o trabalho de campo, registrado através do aplicativo Wikiloc. O ponto 1 é o primeiro potencial atrativo, pois é um belo mirante que proporciona uma ampla vista dessa região da serra, bem próximo ao ponto de encontro com a Trilha da Casinha. O ponto 2 é a Cachoeira da Serra, escondida em meio a uma densa mata ciliar. O ponto 3 é onde a trilha se encontra com a Trilha da Juventude e com o Poço da Juventude. O ponto verde é o ponto de início e ponto

vermelho o final da trilha. A trilha totalizou uma distância de 11,5 km, chegando a 869 m de altitude nas partes mais altas e a 535 nas mais baixas como a cachoeira.

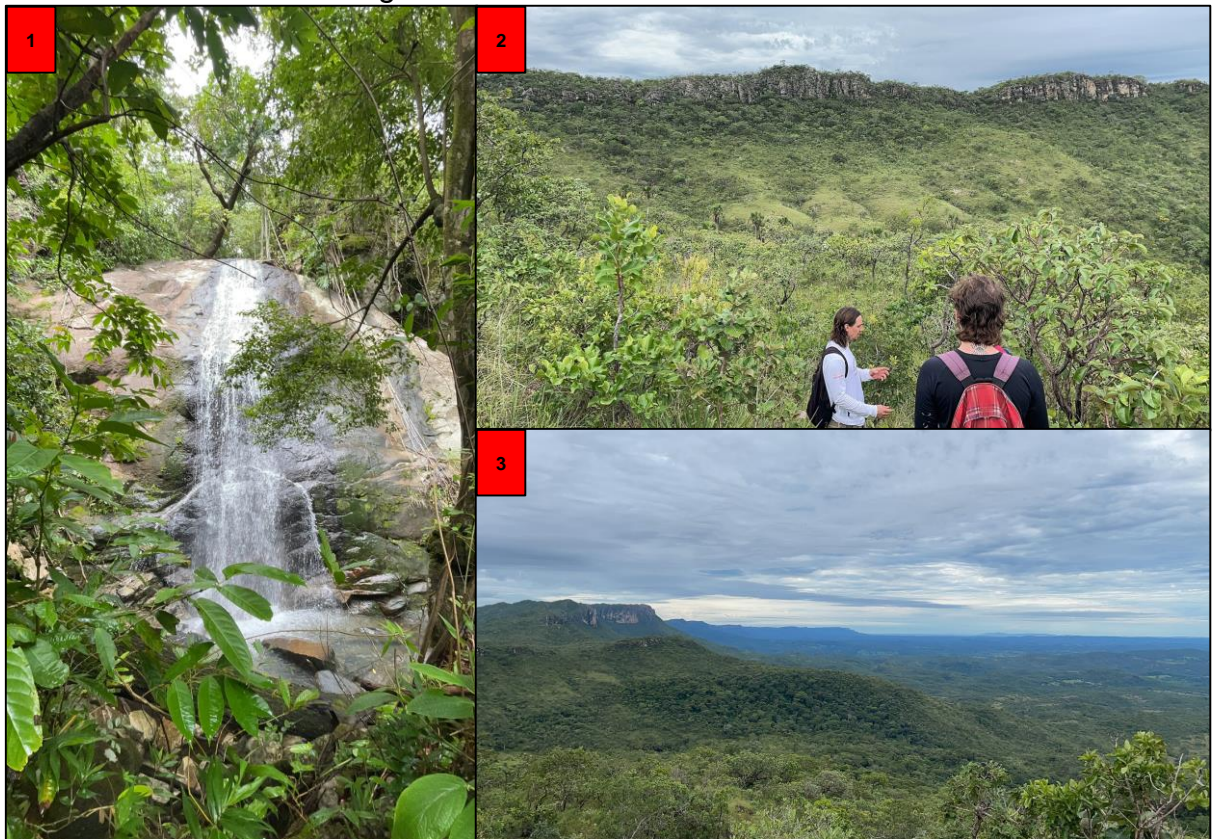
Travessia da Casinha

Este trabalho de campo ocorreu em janeiro de 2023, na região da Serra Dourada, próximo ao povoado de Areias, a caminhada teve início às 06 da manhã e foi concluída às 12:00, no total foram 6 horas de atividade. A travessia da Casinha se inicia a 13 Km da cidade de Goiás pela GO-070, após a última subida depois do povoado de Areias, à direita na porteira de Madeira. Neste ponto a caminhada se inicia em uma área privada passando por pastagem e seguindo traços antigos de uma empresa de comunicação que tinha suas antenas e instalações no Alto da Pedra nomeada pela população de Pedra do Sapo.

Após a pastagem, segue-se o antigo traçado até uma área de cerrado típico com uma íngreme subida que se encontra até hoje asfaltada em um pequeno trecho de 100 metros. Logo adiante, após duas subidas íngremes com bastante erosão, chega-se ao alto da Pedra do Sapo, onde fica localizada a antiga instalação abandonada, a “casinha”. Dali, pelo cume da Serra por trilha, são evidenciados muros de pedra e intervenções antigas no cerrado.

No ponto de encontro entre a Travessia da Quinta e a Travessia da Casinha, existe uma vasta área de campo seco, que contrasta a paisagem com belas veredas. Como plano de fundo, o imponente free-face da Serra Dourada. Dali, adentra-se em uma mata de cerrado fechada, preservada pelo tempo, adiante atravessa-se um córrego até uma íngreme ladeira se orientando pelo forte som de água caindo até chegar a cachoeira escondida em meio ao cerrado, conforme a foto 18.

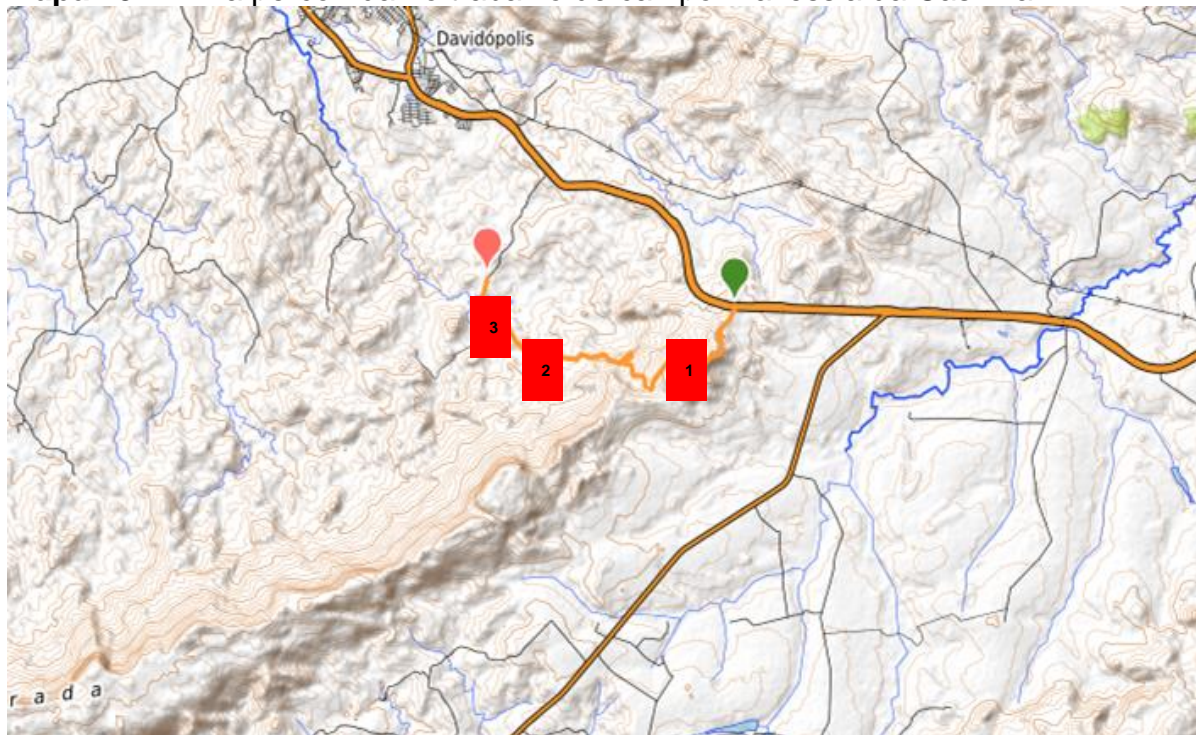
Foto 18 – Mosaico de Imagens - Travessia da Casinha Serra Dourada PESD



1 – Cachoeira da Serra Dourada; 2 – Front da Serra Dourada; 3 – Serra Dourada.
Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Após banho na cachoeira, que acredita-se ser do córrego Bagagem, segue-se a caminhada até esta rota se encontrar com uma das trilhas mais conhecidas por ciclistas e esportistas da região, a trilha da Juventude. No total, foram percorridos 12,2 km em aproximadamente 6 horas de visita, conforme destacado no mapa 18, a seguir.

Mapa 18 - Trilha percorrida no trabalho de campo Travessia da Casinha



1 – Mirante da Casinha; 2 – Encontro com Juventude; 3 – Encontro com trilha das nascentes;
Fonte: Autor. Disponível em: <https://x.gd/OYm16>

O mapa 18 é o trajeto percorrido durante o trabalho de campo, registrado através do aplicativo *Wikiloc*. O ponto 1 representa o mirante da casinha e está antes do ponto mais alto de toda trilha, ali evidenciam-se muros de pedra e intervenções feitas na serra anos atrás. Adiante, ocorre o encontro da trilha com a Travessia da Quinta, em seguida com a cachoeira da serra. O ponto 2 é o encontro com a trilha da Juventude e o Poço da Juventude. O ponto 3 é onde a trilha se encontra com a trilha das nascentes. O ponto vermelho é o ponto de início e final da trilha. Foram 12,2 km em 6 horas. A maior altitude foi de 1979 metros e a menor de 530 metros.

Trilha da Juventude

Este trabalho de campo ocorreu em março de 2023, na região da Serra Dourada, próximo ao povoado de Areias. Iniciando às 06 da manhã de bicicleta e concluindo às 12:00, totalizando 6 horas de atividade. A trilha da Juventude se inicia após o povoado de areias, com 12,6 km percorridos pela GO-070 saindo da cidade de Goiás, o acesso está à direita na porteira de ferro, descendo por uma estrada com bastante cascalho solto até a fazenda das represas.

Da fazenda adentra-se à direita no cerrado, seguindo por uma trilha que parece ter sido aberta a décadas, acredita-se que por motoqueiros que praticavam o motocross nessa região do PESD. As motos degradam o meio ambiente, pois geram erosões pelo peso e modo de condução por onde passam, que se estendem pela trilha e pelo parque ao longo dos anos. As bicicletas também geram impactos nas trilhas, porém em menor proporção se comparado as motocicletas.

Segue-se na trilha por uma distância de 5,3 Km, ao encontro com as trilhas da travessia da Fazenda Quinta e também da travessia da Casinha. Um pouco adiante à esquerda, escondido em meio ao Cerrado após uma grande Vereda e rodeado de nascentes, existe um poço que passa a impressão de ter sido construído a mão pela sua grande beleza e delicadeza. este poço é formado pela água que Brota na Serra Dourada, pelas análises anteriores acredita-se que abastecido por afluentes do Córrego Aguapeí. Este poço é chamado de Poço da Juventude, um dos lugares mais belos e sensíveis da região do Parque Estadual da Serra Dourada, conforme a foto 19.

Foto 19 - Mosaico de Imagens. Poço da Juventude - PESD

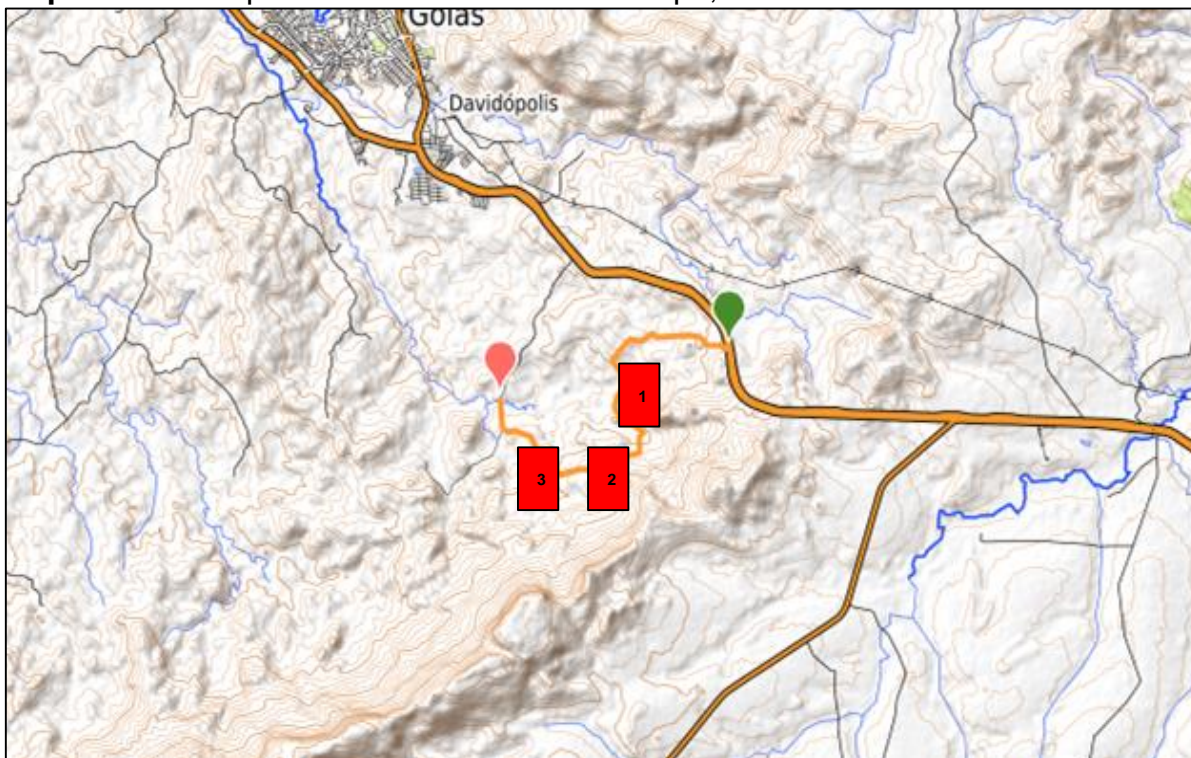


Autor: Jhonatan Soares Campos, 2022.

Caminhando em meio ao Cerrado típico, chega-se aos limites do PESD com algumas fazendas que aguardam uma re-delimitação. Estas três rotas se encontram

nesse ponto com uma outra trilha aberta por motos há décadas pelas erosões, que passa por veredas, nascentes e poços até chegar ao alto da Serra Dourada, em um ponto carinhosamente apelidado como "sorriso" da serra. Esta trilha, é chamada de Trilha das Nascentes.

Mapa 19 - Trilha percorrida no trabalho de campo, Trilha da Juventude



1 – Fazenda das Represas; 2 – Encontro das trilhas; 3 – Poço da Juventude.

Fonte: Autor. Disponível em: <https://x.gd/UAtUt>

O mapa 19 é o trajeto percorrido durante o trabalho de campo, registrado através do aplicativo *Wikiloc*. O ponto 1 representa a fazenda das represas. O Ponto 2 é onde a trilha se encontra com as demais. O ponto 3 é o Poço da Juventude. O ponto verde demarca o início e o vermelho o final da trilha. Assim, a trilha totaliza uma distância de 11,5 km, chegando a 869 m de altitude nas partes mais altas e a 535 nas mais baixas como a cachoeira.

Trilha das Nascentes

Com acesso pela fazenda do curral, que fica localizada próximo ao Clube e Balneário Santo Antônio, a Trilha das Nascentes é outra trilha aberta a anos no PESD com aproximadamente 7 km de extensão, totalizando 14 km de ida e volta até o cume

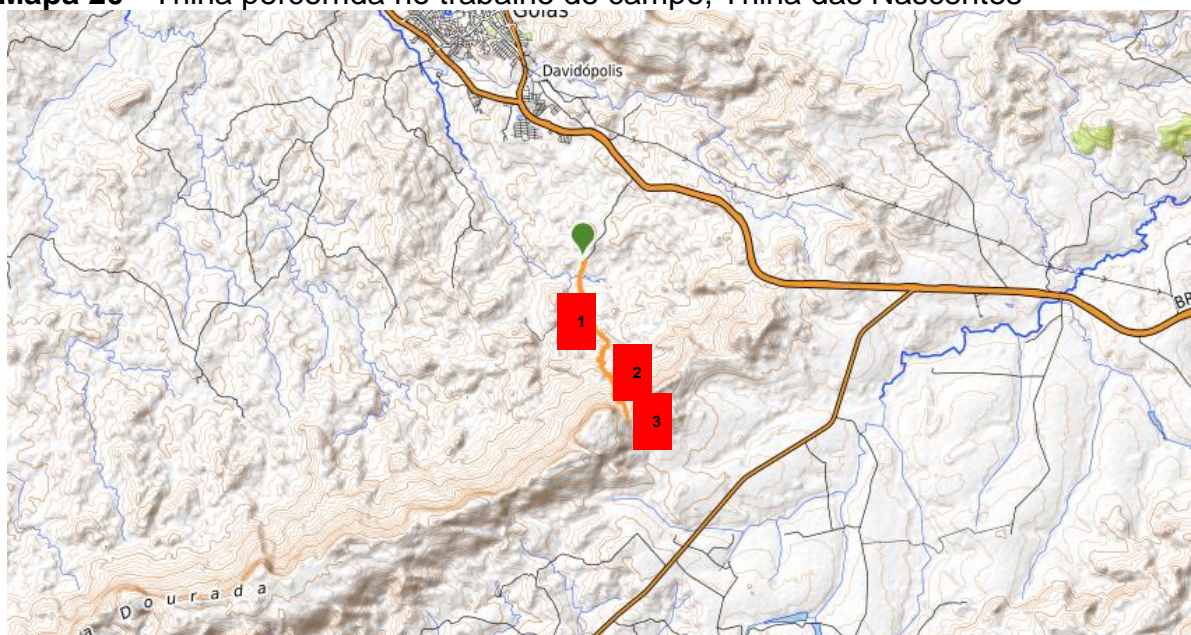
da Serra Dourada. O trabalho de campo ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2022, com início às 06:00 e término às 13:00, totalizando 7 horas de campo.

Após passagens pela fazenda do curral, a trilha adentra pelo cerrado da Serra Dourada passando por alguns Rios até chegar a uma mata de galeria que abriga algumas corredeiras e um belo poço de água cristalina.

Neste ponto, já são 3 km de caminhada. Dali se caminha serra acima até evidenciar diversas nascentes delicadas e quase que intocadas. Evidencia-se na caminhada o cerrado se apresentando em mata de galeria, mata de cerrado, cerrado stricto sensu até chegarmos a altitude do desafiador cerrado rupestre. Nesse ponto, a caminhada se torna mais difícil e desgastante, pois além do sol forte e do cascalho muito solto, a subida fica cada vez mais íngreme, chegando a quase 35° de inclinação.

Vencida a escalaminhada, chegamos ao belo “sorriso da serra dourada”. Uma região em que conseguimos ver Goiás perfeitamente. Que também nos proporciona uma vista privilegiada do front da Serra Dourada.

Mapa 20 - Trilha percorrida no trabalho de campo, Trilha das Nascentes



1 – Poço Principal; 2 – Ocorrência de nascentes; 3 – Sorriso da Serra

Fonte: Autor. Disponível em: <https://x.gd/HQD2R>

O mapa 20 é o trajeto percorrido durante o trabalho de campo, registrado através do aplicativo Wikiloc. O ponto 1 é o maior e mais profundo poço, onde chegam as águas que brotam de todas as nascentes que veremos na trilha. O ponto 2 é onde se evidenciou várias nascentes. O ponto 3 é o sorriso da Serra Dourada. O ponto

verde é o ponto de início e final da trilha. Foram 9,8 km em 6 horas. A maior altitude foi de 937 metros e a menor de 530 metros.

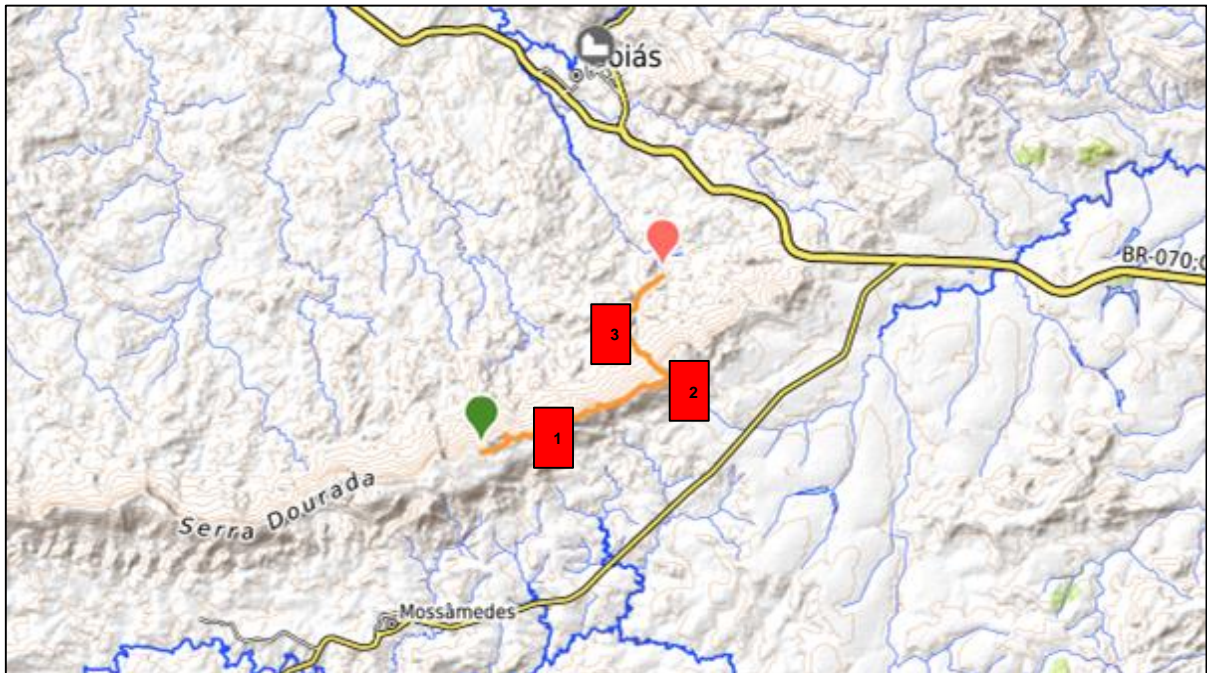
Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada

1ª Rota - 2019

Considerada a trilha mais difícil conhecida nesta região, a travessia do Parque Estadual da Serra Dourada tem duas possibilidades de ser percorrida. O primeiro trabalho de campo do pesquisador nesta trilha foi em maio de 2019, quando se formou como guia de turismo. Nesta época, acompanhado por um outro guia, Diego Mendonça, percorreram a primeira rota.

A trilha parte do Areal, pelo cume da Serra Dourada, passando por áreas inóspitas e trechos de cerrado onde se evidencia rastros do Garimpo ilegal em apenas 2,5 km de caminhada. A primeira rota, com aproximadamente 16 km de extensão, pode ser feita em um dia, chegando a 12 horas de atividade. Ao caminhar cerca de 4 km, começa-se a perceber diversos mirantes, avistados entre os paredões de pedra, formados pelo tálus frontal da Serra Dourada. Adiante, com 7 km de caminhada, surgem regiões de diferentes tipos de cerrado quase intocadas, em que a presença de espécies ameaçadas de extinção como a Anta e o Lobo Guará já se tornam evidentes (Lino, 2021). No km 7.5, com 7 horas de atividade, inicia-se uma árdua descida que passa por dentro de propriedades rurais que fazem divisa com o PESD, até se encontrar com o início da trilha das nascentes. Dali, o resgate está próximo ao rio bagagem, no km 16.

Mapa 21 - Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada em 2019, -1ª rota.



1 – Garimpo ilegal; 2 – descida da serra; 3 – Encontro com outras Trilhas do PESD.
Fonte: Autor. Disponível em: <https://x.gd/2jStZ>

O mapa 21 é o trajeto percorrido pela 1ª rota da Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada, feita em 2019, registrado através do aplicativo *Wikiloc*. O ponto 1 é onde se evidencia o garimpo ilegal que infelizmente avança ao longo dos anos no PESD, adiante se evidenciam os mirantes da serra mencionados anteriormente, um pouco à frente é possível ter uma visão clara de Mossâmedes ao sul da serra e Goiás ao norte. O ponto 2 é o local onde as duas rotas se separam, e também o início da descida, no km 7,5. O ponto 3 é onde essa rota se encontra com as outras trilhas da região, como as travessias e a trilha do poço da Juventude. O ponto verde é o de início da trilha, no areal. Já o ponto vermelho é o término da trilha, no rio Bagagem. Foram 16 km em 11 horas. A maior altitude foi de 937 metros e a menor de 530 metros.

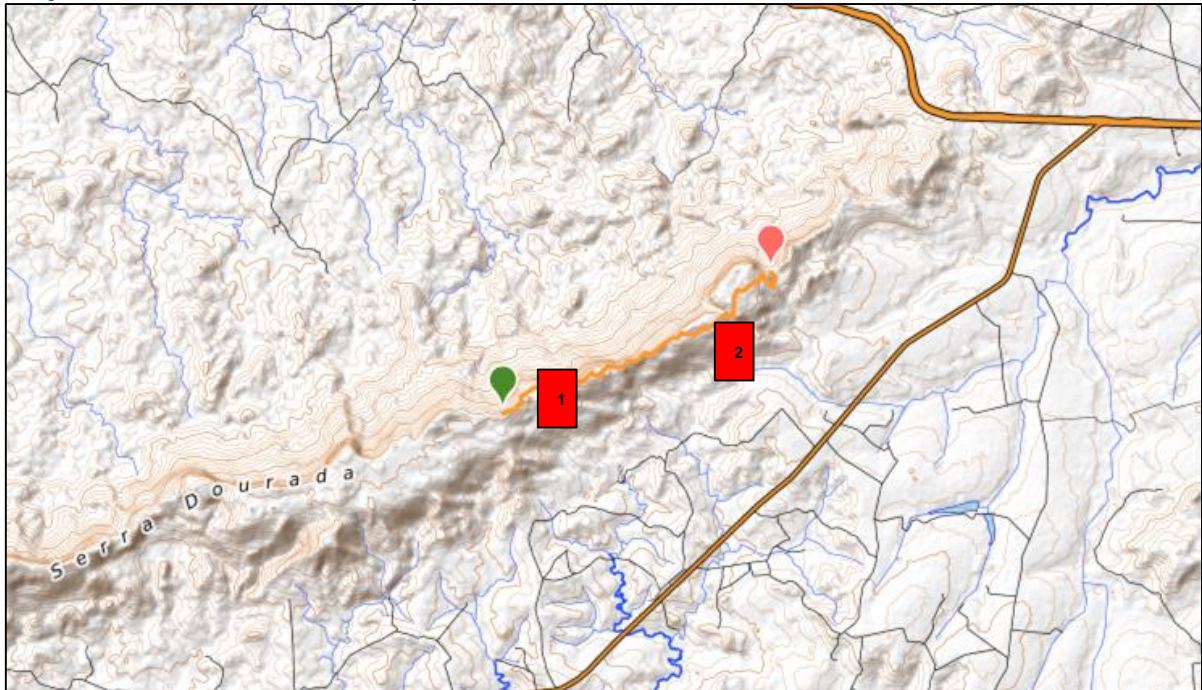
2ª Rota.

1º Dia - 29/05/2021

O trabalho de campo, considerado a segunda rota, ocorreu em maio de 2021. Por ser a trilha mais difícil que conhecemos nestes últimos anos na Serra Dourada, para fazer esta trilha foram necessários dois dias de caminhada.

Esta trilha tem 17 km de extensão, sendo aconselhada a pernoite em seu km 9.8 com 8 horas de atividade. Ela se encontra com o final da trilha das nascentes, seguindo reto a noroeste no km 7.5, cruzando uma grande e íngreme grota até chegar atrás de uma extensa formação de tallus frontal, passando pelo cume da serra até chegar no km 9.8, ao “Sorriso da Serra Dourada”, ponto ideal para acampar.

Mapa 22 - Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada 2021, 2ª rota. 1º dia



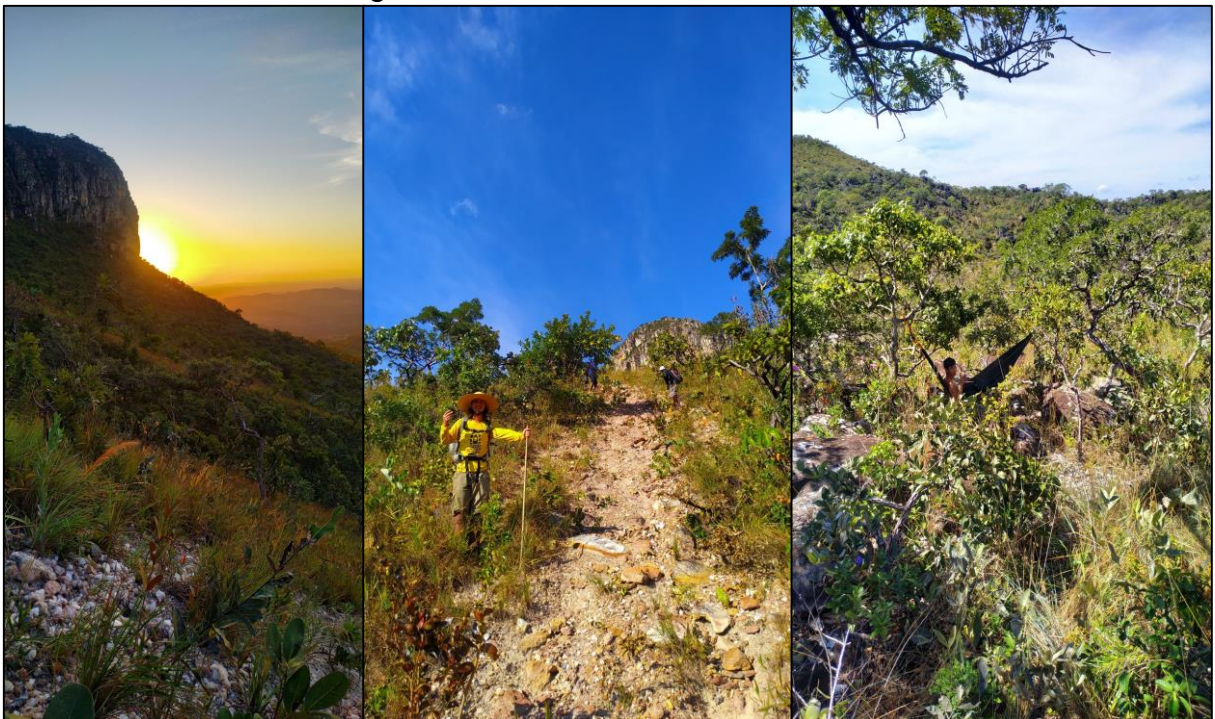
1 – Garimpo ilegal; 2 – Separação das rotas
Fonte: Autor. Disponível em: <https://x.gd/k66mX>

O mapa 22 é o trajeto percorrido no 1º dia, pela 2ª rota da Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada, feita em 2021, registrado através do aplicativo *Wikiloc*. O ponto 1 é onde se evidencia o garimpo ilegal que infelizmente avança ao longo dos anos no PESD, a diante os mirantes da serra mencionados anteriormente, um pouco à frente é possível ter uma visão clara de Mossâmedes ao sul da serra e Goiás ao norte. O ponto 2 é o local onde as duas rotas se separam, e também o início da descida, no km 7,5. O ponto verde é o ponto de início da trilha, no areal. Já o ponto vermelho é o término da trilha, onde a segunda rota se encontra com a trilha das nascentes, no “Sorriso da Serra Dourada”. A caminhada no dia 29/05/2021 teve início às 06:00 da manhã e a chegada no "Sorriso da Serra Dourada" por volta de 15:30 da tarde. Neste dia foram quase 8 horas de atividade chegando a elevação máxima de 1036 m e mínima de 902 m.

2º Dia - 30/05/2021

O “Sorriso da Serra Dourada” é um local propício para acampar, pois a vegetação que o compõe é predominante em gramíneas, sendo uma região de campo limpo de cerrado. A água pode ser buscada nas nascentes a cerca de 800 metros. Ao amanhecer, o nascer do sol, uma sinfonia formada por aves que dormem nos paredões da serra dá início ao dia em um mosaico de cores e cantos.

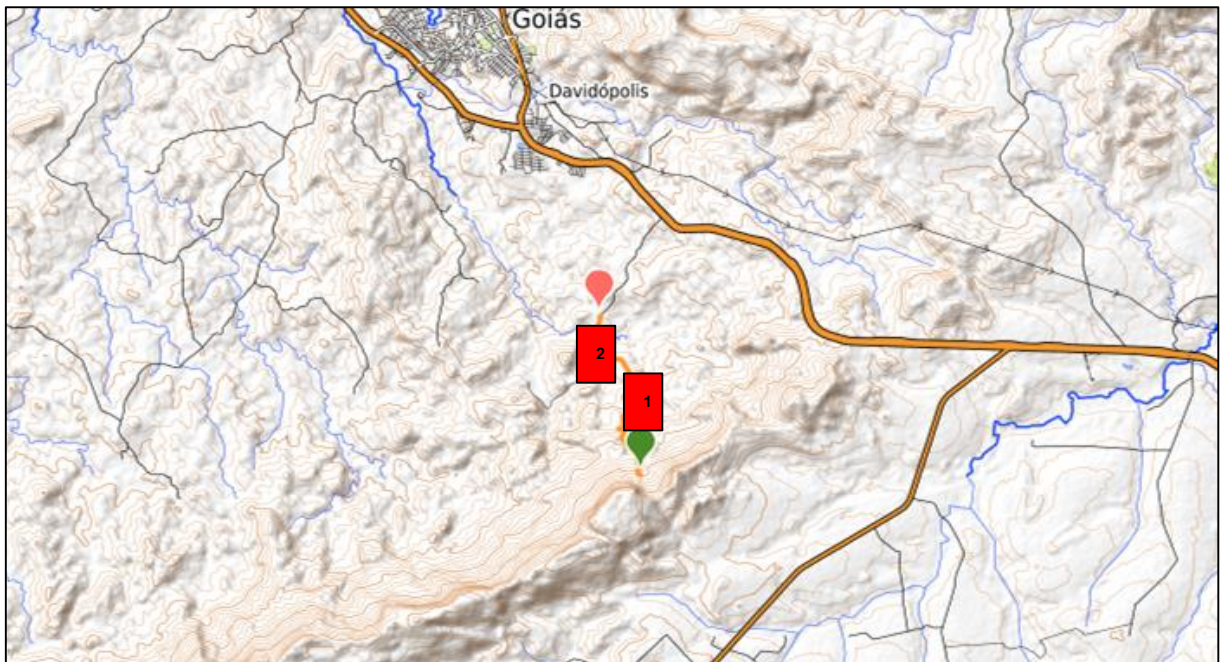
Foto 20 - Mosaico de Imagens. Sorriso da Serra Dourada - PESD



Autor: Jhonatan Soares Campos, 2021.

Após o café da manhã, a caminhada até o ponto de resgate é de 7 km, feitos em 4 horas aproximadamente, pela trilha das nascentes.

Mapa 23 - Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada 2021, 2ª rota. 2º dia



1- Nascentes; 2 – Poço das nascentes

Fonte: Autor. Disponível em: <https://x.gd/JgAqY>

O mapa 23 é o trajeto percorrido no 2º dia, pela 2ª rota da Travessia do Parque Estadual da Serra Dourada, feita em 2021, registrado através do aplicativo Wikiloc. O ponto 1 é onde se evidenciam as primeiras nascentes da Serra Dourada, logo abaixo no ponto 2 forma-se o maior poço mencionado anteriormente. O ponto verde é o ponto de início da trilha e local do acampamento. Já o ponto vermelho é o término da trilha, no rio Bagagem.

A trilha tem o grau de dificuldade elevado por não contar com uma delimitação clara. Para percorrê-la acredita-se que o ideal seja fazer em grupos com acompanhamento de um guia de turismo com o Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur) e preparar-se para um dia de caminhada árdua com pontos de grande risco, com possível necessidade de cordas para atravessar certos trechos. Recomenda-se que avisem a gestão local da SEMAD e o 12º Batalhão do Corpo de Bombeiros de Goiás sobre a visita, além de se preparar com todos os equipamentos necessários para uma expedição com ou sem pernoite, conforme a rota que escolha seguir, a partir do km 7.5.

Santuário Ecológico Poço do Sucuri, Clube e Balneário Santo Antônio

Outros dois locais que têm forte vínculo com o Turismo e estão na área do PESD são o Clube e Balneário Santo Antônio e o Santuário Poço do Sucuri, com acesso pela Rodovia GO-070, no km 05, ao acessar uma estrada de chão à direita, adentra-se a área do PESD. Continuando nesta estrada por 3 km, vira-se à direita seguindo a sinalização até chegar ao Santuário Poço do Sucuri.

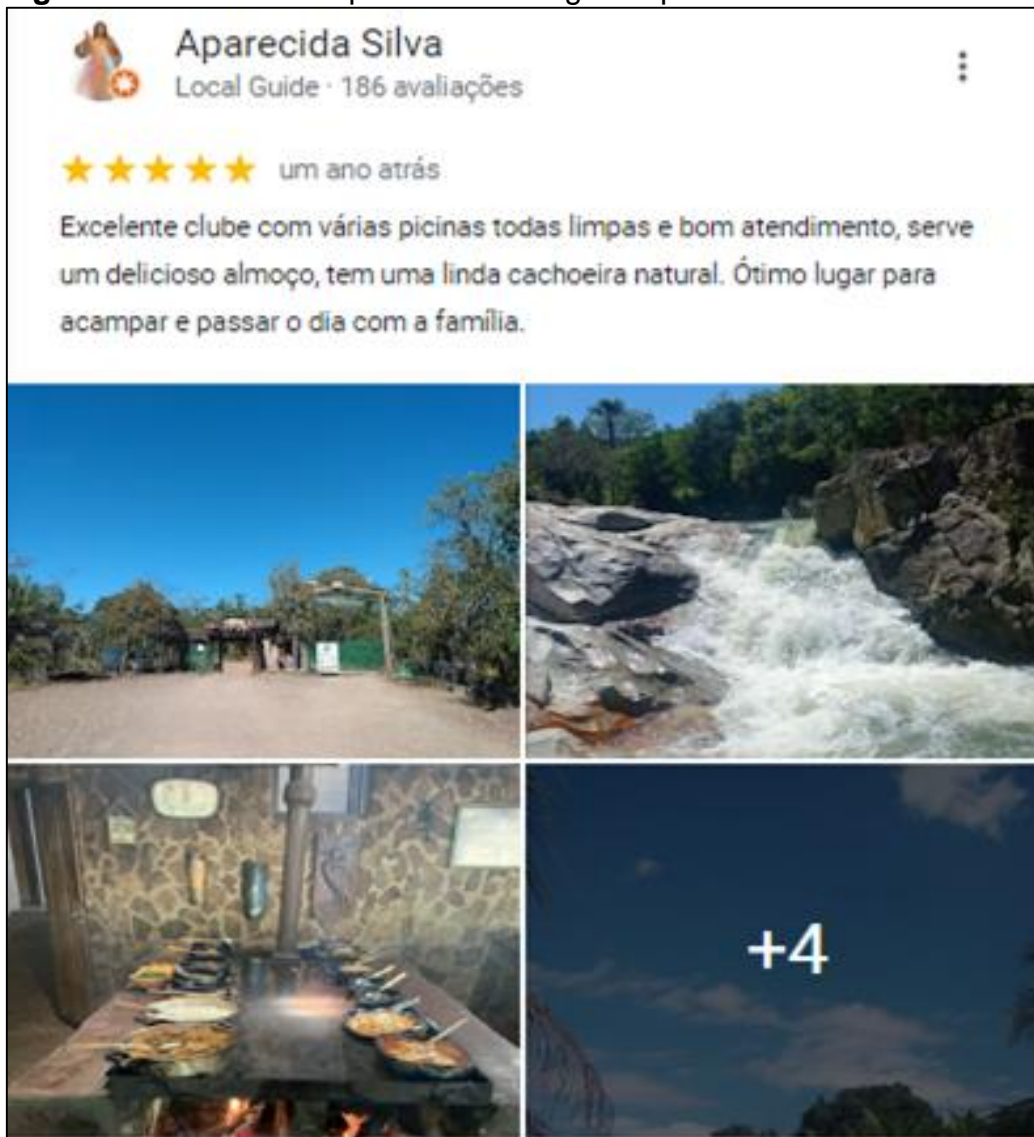
As informações disponibilizadas no site público do santuário, apresenta que o local tem o propósito de integração entre pessoas, natureza e lazer. “Prezamos por um ambiente familiar, de paz, harmonia e alegria para todas as idades.” O local conta com 128 avaliações no Google Maps, disponíveis pelo link: <https://x.gd/6Wc1F>. O poço está localizado no leito do Rio Bagagem, próximo aos limites da área demarcada do PESD. As trilhas do santuário são demarcadas e as árvores tem identificação de espécies.

O Clube e Balneário Santo Antônio se apresenta como um atrativo turístico com mais infraestrutura e maior fluxo de visitação em toda a região da Serra Dourada e do PESD, e também do município de Goiás. Seu restaurante contém a maior capacidade de carga, podendo receber até 200 pessoas conforme dados disponibilizados no Relatório do Mapa do Turismo do Município de Goiás, elaborado pela Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico da cidade de Goiás, no ano de 2022. (PREFEITURA DE GOIÁS, 2023).

Conforme informações disponibilizadas pela gestão do local, em feriados chega a lotar sua capacidade de visitantes. O atrativo conta com 1.108 avaliações no Google Maps, disponíveis pelo link: <https://x.gd/lIdNRS>.

Dentre as avaliações de pessoas que visitaram o balneário, destaca-se a avaliação de uma usuária que o visitou a um ano atrás. Em seus registros apresenta-se a culinária típica Goiana e o registro de uma pequena cachoeira formada pelos poços do Rio Bagagem que formam as piscinas naturais do Balneário. A avaliação pode ser evidenciada na figura 07 e está disponível no link: <https://goo.gl/maps/GVjzx4n2cjiAvJ2E6>.

Figura 07 - Comentário público no Google Maps. Balneário e Clube Santo Antônio



Fonte: Google Maps: <https://goo.gl/maps/GVjzx4n2cjiAvJ2E6>

Este atrativo tem como proposta o lazer em meio ao cerrado, com infraestrutura turística, restaurante com culinária típica, piscinas naturais no rio Bagagem e artificiais na área do clube, trilhas pedagógicas em meio ao cerrado com identificação de plantas e representações em cerâmica de espécies que compõem a fauna do cerrado, como onça, arara, quati, lobo guará, dentre outros.

Parque Natural Municipal da Estrada Imperial

O Parque Natural Municipal da Estrada Imperial fica localizado a 800 metros do centro histórico da cidade de Goiás. Este parque está dentro da área natural protegida pela APA Serra Dourada. A trilha percorre o traçado original da estrada

explorada por bandeirantes, onde estão resquícios de construções do século XVIII, como as galerias de água.

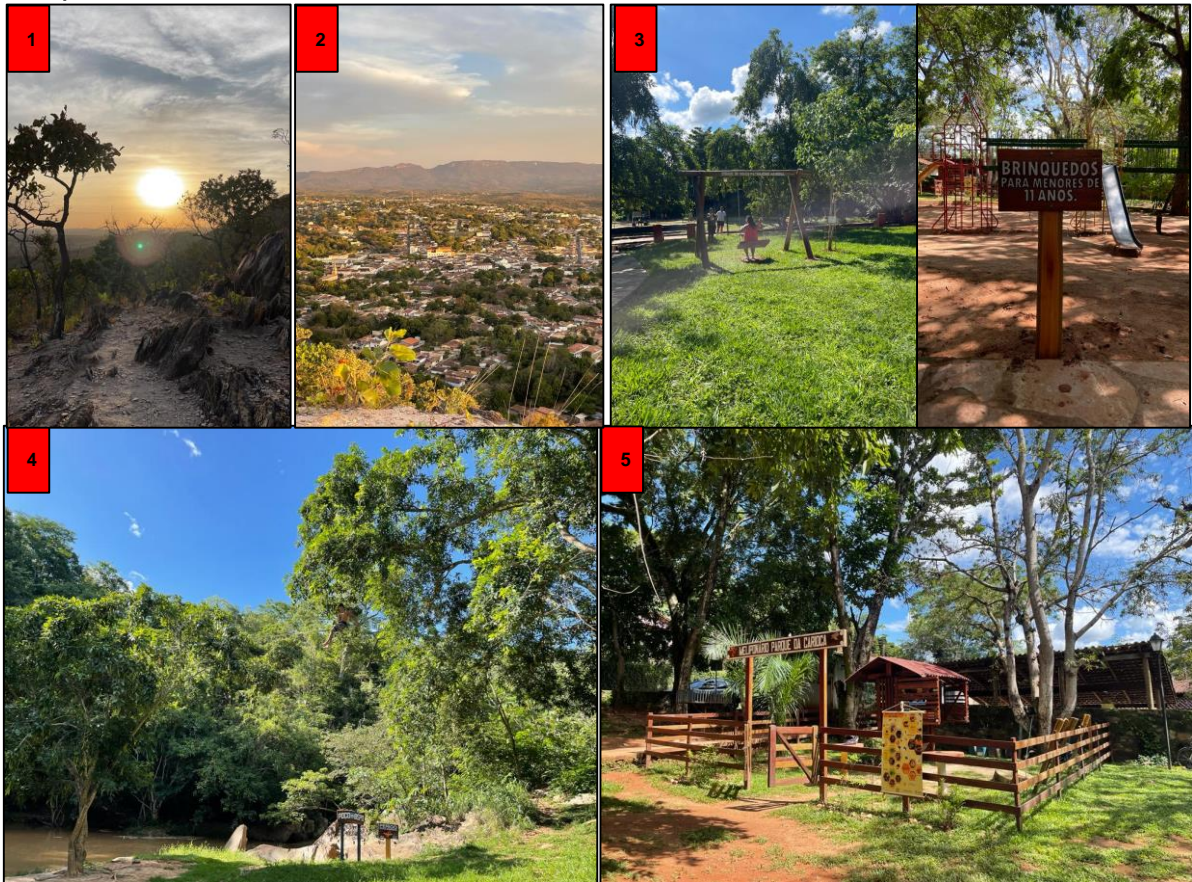
O Parque Municipal foi criado a partir do art. 1º do Decreto n. 63, de 15 de dezembro de 2016, visando possibilitar “a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico” (Goiás, 2016, p. 1).

Durante a caminhada é possível ver a diversidade da flora do cerrado, com muitas espécies de plantas por toda a trilha. A primeira parada é nos Cânions do Rio Vermelho, em seguida evidencia-se o Mirante do Morro das Lajes, onde é possível se contemplar a vista da cidade. A trilha finaliza no Parque da Carioca, com estrutura de restaurante, banheiro e locais para banho no Rio Vermelho.

O parque conta com diversas avaliações em diferentes pontos das trilhas, que são visitadas constantemente pelos turistas e pela população local, chegando a 994 avaliações no Google Maps, no Parque da Carioca disponíveis pelo link: <https://x.gd/fdi8W>.

Ressalta-se que o Parque da Carioca atualmente é o único ponto do Parque Municipal que conta com estrutura como restaurante e banheiros públicos, porém carece de melhores investimentos, principalmente quanto a informações turísticas, como destacam (Mendonça; Pizzolitto; Santos, 2019).

Foto 21 - Mosaico de Imagens. Parque Natural Municipal da Estrada Imperial - Parque da Carioca - APA. Dr. Sullivan Silvestre.



01 - Pôr do Sol no Morro das Lages. 02 - Vista da Cidade de Goiás do Mirante das Lajes. 03 - Balanço Instagramável. 04 - Placa e Parquinho infantil. 05 - Meliponário.
Fonte: Autor.

Com apoio do Conselho Municipal de Turismo, a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico investe em mais infraestrutura no Parque da Carioca. Um exemplo é a implementação do Meliponário visando o resgate da biodiversidade local, resgatando as polinizadoras nativas do cerrado (GOIÁS, CRISTINA, 2023).

Conforme dados disponibilizados no relatório da equipe técnica responsável pelo projeto, nos dois primeiros meses de sua implantação o Meliponário recebeu em torno de 400 estudantes de escolas municipais, universidades e outras instituições. Aqui evidencia-se o Parque da Carioca como ambiente natural que recebe investimento do poder público municipal visando a conservação do cerrado naquela região através da criação de polinizadoras nativas e sem ferrão. Atividade que traz a possibilidade de se aliar o turismo à educação ambiental, possibilitando utilizar este importante instrumento pedagógico com as instituições que se dispuser a levar seus alunos para a prática desta extensão (GOIÁS; CRISTINA, 2023).

Daremos prosseguimento a partir daqui para outras regiões da Serra Dourada, evidenciando seus dois extremos e a forma que o turismo ocorre nestes lugares.

Mirante de Goiás

Nos limites da APA Dr. Sullivan Silvestre existe outro local que vem se consolidando como ponto turístico relevante no contexto da Serra Dourada, este local é o Mirante de Goiás.

A estrutura do mirante foi feita pelo Governo do Estado de Goiás na entrega da duplicação da GO-070 no ano de 2018, através de um programa nomeado Goiás na Frente que entregou algumas obras no trecho que compreende a ligação da cidade de Goiânia a cidade de Goiás.

O Mirante “recebeu o nome de João José de Barros, e que custou aos cofres públicos R\$ 888,5 mil. A bela visão panorâmica que se tem da Serra Dourada, a partir de lá e das imediações, incrementará o turismo da cidade de Goiás. A construção do Mirante está integrada à duplicação da GO-070.” (GOIÁS, 2018).

O mirante conta com diversas avaliações, sendo visitado constantemente pelos turistas e pela população local, chegando a 677 avaliações no Google Maps, disponíveis pelo link: <https://x.gd/fdi8W>.

Dentre os comentários destaca-se a percepção de um dos visitantes, que evidencia as estruturas básicas do local enfatizando a percepção que se têm da Serra Dourada, do cerrado e da cidade de Goiás, conforme evidenciado na figura 08.

Figura 08 - Comentário público no Google Maps sobre o Mirante de Goiás.



Fonte: <https://goo.gl/maps/nCZdPwwh3BGV6hq66>.

3.4 Trilha do Paredão em Buriti de Goiás e a Relação com o Turismo

No dia 28/03/2023 partem da Universidade Estadual de Goiás o pesquisador e seu orientador Murilo Mendonça por volta de 07:00 da manhã. Como destinos, dois lugares na Serra Dourada pouco conhecidos regionalmente, mas muito apreciados pelas pessoas que vivem em seu entorno.

Em seu Extremo Oeste, evidenciaram o famoso paredão. Uma região da Serra Dourada que conta com grandes cânions que podem chegar a mais de 20 m de altura, entre eles, um belo rio com águas cristalinas correndo, formando poços e cascatas. O

paredão fica próximo à cidade de Buriti de Goiás. A aproximadamente 8km de estrada de chão.

Durante o percurso percorrido de carro, nota-se a serra Dourada imponente decorando a paisagem. Ao chegarem, se deparam com obras recentes inacabadas da Prefeitura de Buriti de Goiás conforme registradas na figura 56. Dali seguem para uma caminhada de aproximadamente 1 km rio acima, passando entre os Cânions e desfrutando dos poços que se formam pelas águas do rio.

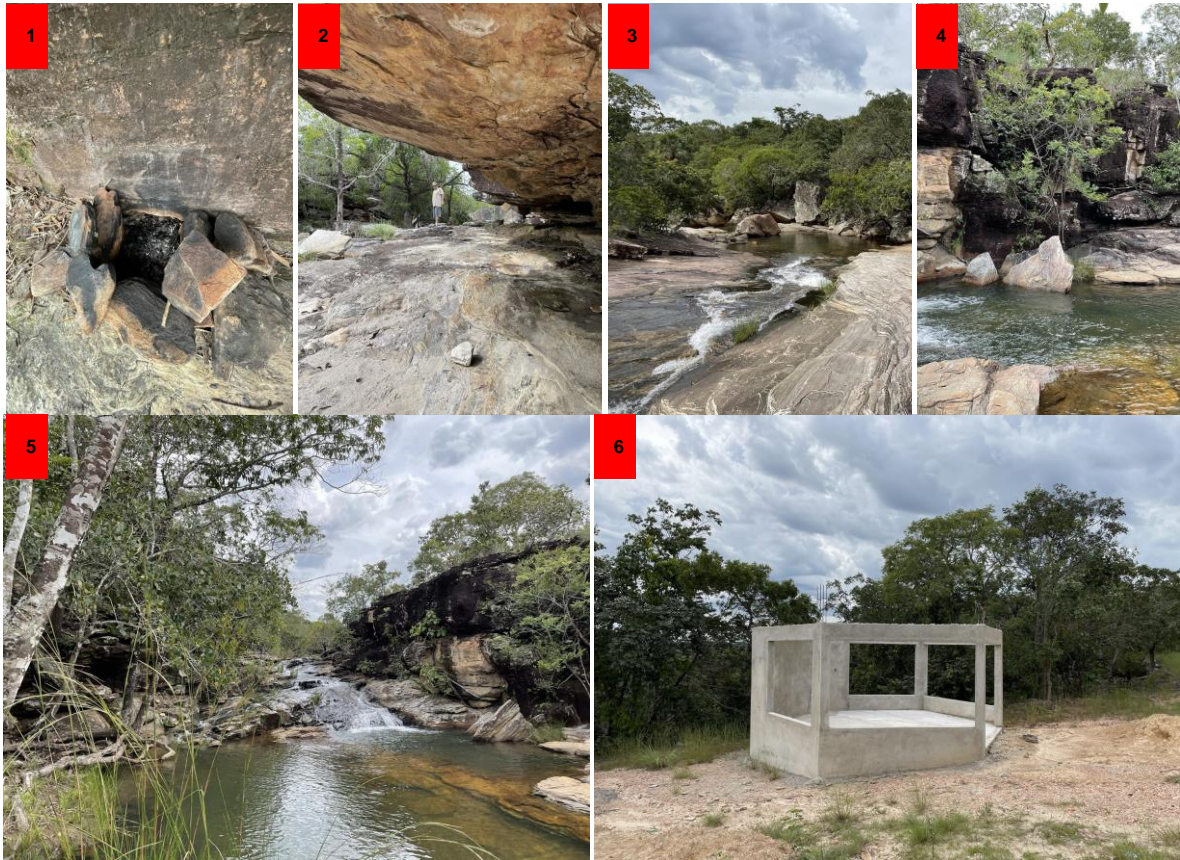
A formação rochosa e o cerrado dessa região lembram os cânions evidenciados na Serra Dourada na região de Mossâmedes. Bem próximo as obras inacabadas, um grande poço com mais de 10 m de largura.

Nessa região também se evidenciam pontos de extração e exploração de quartzito na Serra Dourada que representaram uma parte significativa de todo quartzito que é explorado nesta região. O quartzito explorado nessa região é extraído pelo método de lavras de modo manual, sendo utilizado na construção civil e como ornamento para decoração (Moreira, 2023).

A extração na região oeste da Serra chegou no ano de 2002 a uma produção de 6 a 10.000 m² de quartzito por mês, vendido principalmente nas capitais Goiânia, Brasília e São Paulo. Malefícios dessa produção são as toneladas de resíduos, descartados de forma inadequada, causando impactos ambientais de diversas formas. (AGIM, 2002 *apud* MOREIRA, 2023).

Durante a caminhada pela trilha batida, com um grau de dificuldade médio, evidencia-se o lixo deixado pela população que aparentemente faz muito churrasco por ali. O que indica que esse lugar é utilizado para o lazer da população de Buriti de Goiás.

Foto 22 - Mosaico de Imagens. Balneário Rio Santo Antônio Paredão - Buriti de Goiás



01 - Churrasqueira feita com rochas de quartzito. 02 - Lageado de quartzito próximo ao Rio Santo Antônio. 03 e 04 - Rio Santo Antônio. 06 - Quiosques inacabados feitos pela prefeitura de Buriti de Goiás.

Fonte: Autor.

Não foram encontrados dados que possam auxiliar a compreensão sobre o fluxo de visitação no Paredão em Buriti de Goiás. O fato interessante é que o local é visitado por toda a comunidade local, conforme observa-se na foto 22, evidenciada no trabalho de campo, ali as pessoas fazem churrasco, passam o dia e se integram com o cerrado, vivenciando-o como ambiente comum.

Evidencia-se que o local é conhecido na internet por Balneário Santo Antônio - Paredão, com 25 avaliações positivas no Google Maps por usuários identificados através de sua conta na ferramenta de busca Google, suas avaliações com fotos e informações sobre o local são públicas e estão disponíveis na internet conforme o link: <https://x.gd/CQYpD>.

Avaliando os comentários da internet, os visitantes do paredão têm origem de Goiás, Goiânia, São Luís de Montes Belos, Trindade, Caldas Novas, Anicuns, Sanclerlândia e Buriti de Goiás. Os dados disponíveis na internet são do grau de satisfação dos visitantes dos últimos 4 anos.

A prefeitura municipal já fez investimentos de infraestrutura turística no local em parceria com o estado de Goiás, através do contrato... Porém como evidenciado no trabalho de campo, não deram continuidade. Apresentando mais uma vez a fragilidade estrutural do poder público para a efetivação e permanência de projetos implantados. Um outro ponto importante, é que não se tem registro da consolidação deste território enquanto Área de Proteção Ambiental através de políticas públicas municipais, o que torna o local ainda mais propício à degradação.

3.5 Trilha da Serra do Gigante em Itapuranga-GO e sua relação com o Turismo

Conhecida pela população local como Serra do Gigante, essa formação rochosa ainda faz parte da Serra Dourada, mas ganhou este nome por apresentar de longe a característica de um gigante deitado.

Seguindo pela GO-156, com destino a Itapuranga, nota-se na região de Heitorai que esta formação compõe a paisagem, a Serra está presente a cada km percorrido, em um certo momento chegamos a cruzá-la pelo asfalto a aproximadamente 5 km após esta cidade. Durante esta passagem, pela elevada altitude, nota-se a constante transição do cerrado entre matas de galeria, matas de cerrado, cerrado típico, chegando ao cerrado rupestre. Neste ponto de travessia consegue-se evidenciar da rodovia à direita uma grande formação rochosa na vertical com aproximadamente 25m de altitude, que acredita-se ser parte do talus frontal formado quando a Serra Dourada surgiu.

Passando desse ponto, ainda na GO-156, começa-se a perceber na serra, já distante da rodovia, uma forma que lembra uma pessoa deitada.

Um pouco adiante nessa mesma rodovia, chega-se a um trevo e dali segue pela rodovia GO-230 até uma entrada para a estrada de chão um pouco antes do povoado Pendura Saia. São 4 km pela estrada de chão passando por diversas propriedades privadas e por áreas inóspitas da serra, passando por uma estrada estreita com um grande despenhadeiro do lado esquerdo até chegar a entrada da Cachoeira do Gigante.

A Cachoeira do Gigante é um atrativo natural existente na Serra do Gigante muito conhecido pela população de Itapuranga e de toda a região. Um fato interessante é que poucas pessoas com as quais tiveram contato, não conhecem este local como parte da Serra Dourada.

O atrativo Cachoeira do Gigante fica dentro de uma propriedade privada, do Sr. Ivan, um morador desta região há mais de 20 anos, relata que no início, antes de estruturarem o local para trabalharem o turismo, utilizavam as regiões do entorno da Cachoeira do Gigante para plantio de arroz e feijão e, em um certo período, pastagem. Portanto, trata-se de uma região com fortes impactos ambientais no cerrado, que hoje se encontra em estado de conservação aos cuidados de seu Ivan, sendo possível sua manutenção e permanência através da prática do turismo.

Para acessar a cachoeira, cobra-se uma taxa de R\$ 10,00 por pessoa. Adentrando a área do atrativo, percebem-se obras inacabadas. Conforme o Senhor Ivan nos relatou, uma dessas obras será um restaurante e a outra o banheiro. Estruturas idealizadas para trazer mais comodidade aos visitantes.

Antes de chegar na cachoeira notam-se diversas churrasqueiras em uma área aberta de cerrado, formado de mata ciliar com um rio de água cristalina de tom azulado à esquerda. Ali é uma área de lazer e uso comum, muito utilizada por grupos que vão acampar ou passar o dia fazendo churrasco no local.

Um pouco adiante evidencia-se a famosa Cachoeira do gigante, com mais de 15m de queda d'água, composta por uma formação natural ímpar, em uma área extremamente sensível de Mata de Galeria. Nota-se que a água da cachoeira tem uma coloração na tonalidade azul, acredita-se que pela presença de rochas de calcário pelo rio que há forma, porém é importante uma pesquisa geológica desta região da serra para que se evidencie esta hipótese.

Ao lado da Cachoeira existe uma trilha difícil com pontos de escalada que dá acesso a sua parte superior. Ali existem diversos poços de água cristalina que podem ser utilizados para banho. A beleza natural desses lugares é emocionante.

Ao ficar de frente novamente com a cachoeira, o Sr. Ivan apresenta um elemento natural que reafirma seu nome. Em meio a queda d'água, um desenho que lembra a face de um gigante é evidenciado nas rochas. As imagens registradas neste trabalho de campo serão apresentadas na foto 23 a seguir.

Foto 23 - Mosaico de Imagens. APA Serra do Gigante - Cachoeira do Gigante. Itapuranga



01 - Entrada do atrativo e pagamento da taxa de entrada. 02 - Imagem do gigante na cachoeira. 03 Mini Cachoeira do Gigante, acima da cachoeira maior. 04 - Área de lazer. 05 - Estruturas de banheiro e restaurante iniciadas pelo senhor Ivan. 06 - Cachoeira do Gigante.
Fonte: Autor.

Evidencia-se que a Serra do Gigante, em Itapuranga, teve um avanço mínimo por parte do poder público, que a reconheceu em 2017 através do decreto municipal nº 670/2017/GPDS, de Itapuranga-GO, no dia 25 de setembro de 2017, como Área de Proteção Ambiental Municipal - APA - SERRA DO GIGANTE.

Não foram encontrados dados de fluxo de visitação turística na Serra do Gigante, porém a Cachoeira do Gigante que faz parte da APA conta com 40 avaliações no Google Maps por usuários identificados através de sua conta na ferramenta de busca Google, suas avaliações com fotos e informações sobre o local são públicas e estão disponibilizadas através do link: <https://x.gd/wR363>.

Analisando os comentários da internet, percebeu-se que os visitantes da Cachoeira do Gigante têm origem de Anápolis, Brasília, Goiânia, Uruana, São Luís de Montes Belos, Ceres, Caldas Novas, Itaberaí, Pendura Saia, Itapuranga e Goiás. Os dados disponíveis na internet são do grau de satisfação dos visitantes dos últimos 4

anos. Muitos comentários comparam a cachoeira em termos paisagísticos com algumas das mais bem avaliadas (e conseqüentemente caras) do estado de Goiás.

O Senhor Ivan relatou durante o trabalho de campo que as pessoas que mais frequentam a Cachoeira do Gigante são a população de Itapuranga, Pendura Saia e das cidades da região no entorno. Reforçando o que também foi evidenciado nas outras áreas que têm relação com o turismo em outras partes da Serra Dourada.

O Sr. Ivan ainda relata que quando o local era explorado para plantações, conseqüentemente se degradava muito o cerrado e a água secava anualmente. O Sr. Ivan ainda afirma que com o fim das plantações e a prática do turismo, o cerrado rebrotou e o rio não voltou a secar. Ele reforça que a presença de pessoas neste local também é primordial para sua conservação, pois com a renda gerada pelo turismo, ele consegue permanecer cuidando deste local.

Aqui, percebe-se que a cachoeira tem um grande potencial turístico e já é um local consolidado, visitado por pessoas de diversos locais. Entretanto, carece de investimento por parte do poder público local e pelos responsáveis pela pasta do turismo de Itapuranga.

3.6 Caminho de Cora Coralina e Sua relação com a Serra Dourada

O caminho de Cora Coralina é uma trilha de longo curso idealizada a partir das trilhas utilizadas pelos bandeirantes portugueses para a extração do ouro que conseguiram no interior do sertão de Goiás. Para a implantação desse projeto, foi feito o recorte espacial que parte do município de Corumbá de Goiás percorrendo cerca de 300 km até chegar na cidade de Goiás (GOIÁS TURISMO, 2018).

O caminho de Cora Coralina também passa por 8 municípios e 8 povoados, assim esta rota conta com 16 pontos de apoio no total. Subdividido em trechos, o caminho pode ser feito a pé ou de bicicleta, possui uma sinalização rústica no formato de uma pegada, feita com sprays e moldes, no padrão estipulado pela Rede Brasileira de trilhas. Essa sinalização permite que a trilha seja percorrida nos dois sentidos, conforme indicado na figura 09. (GOIÁS TURISMO, 2018).

Figura 09 - Sinalização do Caminho de Cora Coralina

Trilha poética

De Corumbá de Goiás à cidade de Goiás, o percurso de 300 km de extensão oferece ao longo de cidades e vilarejos, belezas naturais, aventura e trechos de poesias da escritora.

DICAS IMPORTANTES

O trajeto em meio à natureza exige alguns cuidados. Veja 5 principais pontos na hora de fazer o percurso

Nunca caminhe sozinho
O ideal é fazer pequenos grupos, e ter um carro de apoio

Siga sempre a sinalização
Não pegue atalhos e não esqueça que é possível fazer o caminho nos dois sentidos

Caminhe durante o dia
O melhor é começar pela manhã e terminar duas horas antes do pôr do sol

Roupas e sapatos
Use tênis e roupas confortáveis de preferência com manga longa

Leve na mochila
GPS, água, lanches, boné ou chapéu, repelente, protetor solar e itens para emergências

CIDADES E VILAREJOS NO PERCURSO

TRECHO 1 (Corumbá de Goiás / Salto do Corumbá) 14,5 km	TRECHO 5 (Caxambu / Radiolândia) 12,8 km	TRECHO 9 (Vila Aparecida / Itaguari) 29,9 km
TRECHO 2 (Salto do Corumbá / Picos dos Pirineus) 12,7 km	TRECHO 6 (Radiolândia / São Francisco de Goiás) 27,4 km	TRECHO 10 (Itaguari / São Benedito) 27,7 km
TRECHO 3 (Picos dos Pirineus / Pirenópolis) 24,4 km	TRECHO 7 (São Francisco de Goiás / Jaraguá) 38,5 km	TRECHO 11 (São Benedito / Calcilândia) 22,8 km
TRECHO 4 (Pirenópolis / Caxambu) 30 km	TRECHO 8 (Jaraguá / Vila Aparecida) 17,3 km	TRECHO 12 (Calcilândia / Cidade de Goiás) 36,2 km

SINALIZAÇÃO

				Siga em frente			Reforço da sinalização
Sentido Corumbá de Goiás / Cidade de Goiás (Marca preta sobre fundo amarelo)	Sentido Cidade de Goiás / Corumbá de Goiás (Marca amarela sobre fundo preto)			Vire à esquerda			Atenção à sinalização
				Vire à direita			Caminho incorreto

Fonte: Goiás Turismo, 2018.

Outro fato interessante são as poesias de Cora Coralina, localizadas estrategicamente em diversos pontos da trilha que cobram do Peregrino ou ciclista que a percorre certo esforço e superação ponto ao ler as poesias sente-se uma Acalanto com as palavras de uma das maiores poetisas do Cerrado Goiano.

Esse pesquisador foi um dos integrantes do grupo de voluntários que em 2017 abraçou esse projeto trazido pela Secretaria de turismo do Estado de Goiás, Goiás Turismo (GT). O grupo de voluntários foi crucial para a implantação de alguns trechos do caminho de Cora Coralina por passar em propriedades privadas e em trilhas que apenas poucas pessoas conhecem na região.

Participou da implantação da trilha no município de Goiás e fez parte do coletivo que inaugurou o caminho de Cora Coralina trazendo a campeã Goiana de mountain bike Raiza Goulão. Também fez parte da associação do caminho de Cora Coralina

durar em média 6 dias. A logística mais utilizada por grupos de ciclistas é partir de Corumbá de Goiás e pernoitar em Pirenópolis. No dia seguinte parte-se de Pirenópolis e pernoita na fazenda Caiçara. No terceiro dia a pedalada segue até a cidade de São Francisco. No quarto dia a pedalada é de São Francisco até Palestina de Goiás. No quinto dia chega-se ao povoado de Vila Aparecida. No sexto dia parte de Palestina, passando por Calcilândia e chega a cidade de Goiás.

Efetivada como a maior trilha de poesias do mundo, o Caminho de Cora Coralina ganhou visibilidade internacional, neste sentido a quantidade de comunicadores e pesquisadores que se dispõem a percorrê-lo em busca das experiências relatadas na internet só aumenta.

Percebendo este fluxo, no ano de 2022 a Associação do Caminho de Cora Coralina fez uma parceria com a equipe do Observatório de Turismo do estado de Goiás, integrante da Secretaria de Turismo do Estado de Goiás, Goiás Turismo. Nesta parceria, o observatório disponibilizou integrantes de sua equipe para coletar dados em todos os municípios que o CCC abrange, objetivando a criação de um inventário turístico do Caminho de Cora Coralina. Em contrapartida, os integrantes da associação acolheram os pesquisadores, fornecendo hospedagem e alimentação em sua passagem.

O inventário Turístico consiste no levantamento, identificação, registro e divulgação dos atrativos, serviços e equipamentos turísticos, estruturas de apoio ao turismo, instâncias de gestão, além de “condições gerais que viabilizam a atividade turística, como base de informações para que se planeje e gerencie adequadamente o processo de desenvolvimento.” (Brasil, Ministério do Turismo, 2011, p. 20).

O Objetivo de um inventário turístico é desenvolver as potencialidades turísticas de cada região através de planejamento com consistência e confiabilidade de dados como base para análises e decisões. (Brasil, Ministério do Turismo, 2011).

É sobre esse tipo de informações geradas pelo inventário que se deve debruçar – estudá-las e extrair-lhes os elementos que devem subsidiar diagnósticos e prognósticos mais precisos. Esses procedimentos permitem conhecer as características e a dimensão da oferta, o que necessita ser melhorado ou aperfeiçoado, enfim, quais as iniciativas que devem ser tomadas e que podem permitir aos municípios, regiões, estados e ao país desenvolver o turismo mais competitivo e sustentável. De posse desses resultados, poder-se-á planejar e investir com mais segurança, balizando os negócios e as políticas de turismo. (BRASIL, MINISTÉRIO DO TURISMO, 2011, p. 20).

Portanto, aplicando essas diretrizes, foi elaborado o Inventário do Caminho de Cora Coralina, um documento com 174 páginas que apresenta informações diversas a respeito de Infraestrutura de apoio turístico, serviços e equipamentos turísticos e também atrativos turísticos nos municípios, povoados e propriedades rurais no decorrer da trilha. O Inventário está disponível no link: <https://x.gd/9wHF5>

O Caminho tem 31 avaliações no google maps pelas pessoas que o percorreram. As avaliações podem ser verificadas no link: <https://x.gd/rOlp2>. Dentre todos os comentários disponíveis nas avaliações públicas da internet, destaca-se a avaliação feita por um ciclista a duas semanas, apresentada na figura 10.

Figura 10 - Comentário público no Google Maps sobre o Caminho de Cora Coralina.



Fonte: Google Maps: <https://x.gd/rOlp2>.

Este relato apresenta uma experiência satisfatória de um ciclista que percorreu o Caminho de Cora Coralina em 5 dias. Observa-se em seu comentário sua satisfação ao passar pelas serras e áreas de cerrado protegidas como Serra dos Pireneus, Caxambu e Jaraguá, vivenciando toda a biodiversidade existente em alguns trechos da trilha.

3.7 Caminho do Pai como uma possibilidade de conexão

O Caminho do Pai é um projeto idealizado pela Secretaria de Turismo do Estado de Goiás, Goiás Turismo (GT) em 2020, junto a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes no Ciclismo (CIPAC), prefeituras, empresários e voluntários locais. A trilha foi idealizada a partir de uma rota percorrida há anos entre Trindade-GO e a antiga capital do estado Cidade de Goiás-GO em peregrinação pelos romeiros e cristãos que participam da festa do Divino Pai Eterno, que ocorre em Junho. (GOIÁS TURISMO, 2021).

A partir da elevação do Santuário Novo à Basílica dedicada ao Divino Pai Eterno em 4 de abril de 2006, o cenário turístico-religioso mudou significativamente em Trindade que tem hoje, segundo dados mais recentes do IBGE (2020), 125 mil habitantes, chegando a receber só no período da romaria cerca de 3,5 milhões de fiéis. O evento religioso que ocorre ali, é o maior do Centro-Oeste brasileiro e o único que possui uma basílica dedicada ao Divino Pai Eterno. (Caminho do Pai 2021).

Sua distância é de aproximadamente 177 km com mais de 3.000m de elevação. Partindo do centro histórico de Goiás, cruzando a Serra Dourada e passando por diversas cidades, distribuídas em trechos: TRECHO 01 – Cidade de Goiás > Mossâmedes – 31 km; TRECHO 02 – Mossâmedes > Americano do Brasil – 44 km; TRECHO 03 – Americano do Brasil > Capelinha – 25 km; TRECHO 04 – Capelinha > Avelinópolis – 19 km; TRECHO 05 – Avelinópolis > Santa Bárbara – 18 km; TRECHO 06 – Santa Bárbara > Santa Maria – 42 km; TRECHO 07 – Santa Maria > Trindade – 24 km;

Acredita-se que a passagem dessa nova trilha de longo curso pela Serra Dourada no PESD e na reserva biológica da UFG, tenha sido planejada pelo Estado de forma estratégica, buscando o uso e a valorização dessa região da Serra Dourada para a prática do turismo e também para interligar-se com o caminho de Cora Coralina e consequentemente com o caminho dos Goyazes.

Este pesquisador foi um dos voluntários, tendo mapeado e participado da implantação da sinalização rústica informativa do primeiro trecho do Caminho do Pai, entre a cidade de Goiás e Mossâmedes. A trilha completa será apresentada no mapa 25. Para percorrer a trilha a pé recomenda-se que pernoites sejam feitas nos pontos de apoio existentes em cada trecho, assim a caminhada dura cerca de 7 dias. Alguns grupos de ciclistas conseguem percorrer a trilha em um período entre 2 a 4 dias.

Mapa 25 - Caminho do Pai

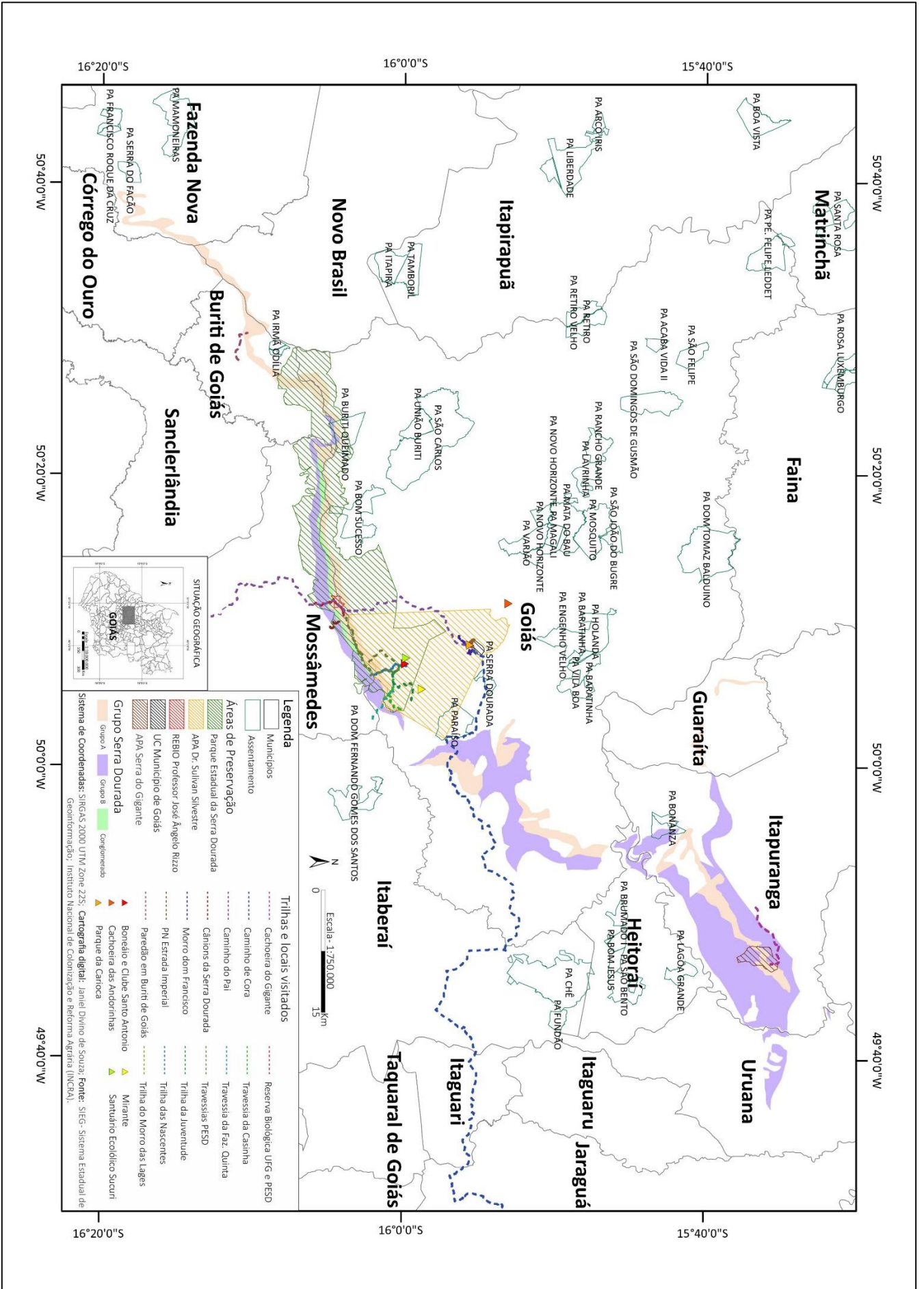


Fonte: Caminho do Pai

3.8 O Turismo e sua relação com a Serra Dourada

No mapa 26, será apresentado um mapa com a representação de todas as trilhas percorridas e locais visitados no trabalho de campo, na busca de uma compreensão de onde o turismo ocorre na serra dourada. A partir desta percepção, buscou-se contribuir com elementos que visem uma análise territorial do turismo na Serra Dourada.

Mapa 26 - Turismo na Serra Dourada



Fonte: SIEG

O Mapa 26 é uma representação de todos os locais mencionados neste capítulo. Este mapa evidencia trilhas abertas há muito tempo por atividades que tinham apenas a finalidade de explorar os recursos naturais da Serra Dourada. Evidencia também atrativos turísticos que estão dentro das Áreas Protegidas da serra. A proposta aqui é apresentar estes locais e iniciar uma reflexão e o debate sobre sua relação com o turismo, na busca de proteger e conservar o cerrado na Serra Dourada e seu entorno.

Ao analisar as trilhas existentes na reserva biológica Professor José Ângelo Rizzo, no Parque Estadual da Serra Dourada e na área de Proteção Ambiental Dr. Sullivan Silvestre, percebe-se a falta de estruturas básicas para a prática do turismo, como banheiros, placas informativas (existentes apenas na área da reserva biológica e no PESD) e pontos de controle de visitantes. As estruturas existentes estão apenas na área da reserva biológica e não tem finalidade para o uso de turistas, como afirma a gestão do local. Entretanto, às trilhas que abrangem essas três áreas de preservação podem ser consideradas potencialidades para a prática do turismo, que se planejado de forma estratégica, aliado à educação ambiental, pode ser uma importante ferramenta para a prática de processos educativos na Serra Dourada.

O PESD e APA Dr. Sullivan Silvestre ainda abrangem locais onde existem estruturas básicas para a prática do Turismo, como O Clube e Balneário Santo Antônio, o Santuário Ecológico Poço do Sucuri, o Parque Municipal natural da Estrada Imperial com o Parque da Carioca e o Mirante de Goiás.

Tanto no Balneário quanto no santuário ecológico, as estruturas são diversas, como placas informativas com os nomes de trilhas atrativas e espécies de plantas do cerrado, banheiros, restaurante, e áreas específicas para banho e lazer no Rio Bagagem, recarregado pelas nascentes da Serra. Nestes dois locais que são privados e cobram uma significativa taxa para entrada das pessoas, o Clube e Balneário Santo

Antônio se destaca pela dimensão e variedade de estruturas turísticas, Por ter estrutura de trilhas a pé e trilhas interpretativas com espécies de fauna e flora do Cerrado, uma área exclusiva com piscinas artificiais, um mirante com vista para a Serra Dourada, restaurante e lanchonete que juntos comportam 200 pessoas, além de uma grande equipe que faz a gestão do local diariamente.

No Mirante de Goiás, também existem estruturas básicas, como banheiros e uma lanchonete que possibilita ao visitante comprar água e refeições, a taxa de visitação não é cobrada no local. Já o Parque Municipal Natural da Estrada Imperial, tem diferentes trilhas com grande potencial para a prática do turismo, entretanto as únicas estruturas existentes como banheiros e restaurante dentro da área do Parque Municipal estão localizadas no Parque da Carioca, que conta também com parquinho infantil e áreas de lazer como campo de futebol e quadras de vôlei de areia.

Estes locais contam com estruturas que possibilitam a prática de diferentes atividades turísticas que podem ser aliadas ao processo educacional e conscientização ambiental, entretanto como ponto negativo, por ter uma capacidade de carga elevada, em época de alta temporada o impacto gerado, como compactação do solo nas trilhas, degradação de espécies de plantas, poluição do rio bagagem, acúmulo de resíduos sólidos no cerrado e poluição sonora, resultam no afastando das espécies de animais existentes no entorno.

Referente ao paredão, é necessário que o poder Público local Perceba sua grande relevância ambiental e cultural e tome iniciativas para fazer o básico no primeiro momento, que é a criação de políticas públicas para consolidar seu entorno como Área de Proteção Ambiental, principalmente por conta de todos os conflitos existentes que envolvem a extração de Quartzito da serra.

Já a Serra do Gigante conta com Área de Proteção Ambiental, entretanto não foram evidenciadas ações do Poder Público local, que possibilitem práticas de valorização e conservação do cerrado local. O gestor responsável pela Cachoeira do

Gigante relata que apesar das tentativas, não consegue apoio do Poder Público local para melhorias no atrativo e efetivação de suas estruturas.

A análise do Caminho de Cora Coralina no contexto da Serra Dourada, possibilitou a compreensão de uma trilha de longo curso que também é atrativo turístico consolidado, contando com estruturas básicas, pontos de apoio e informações diversas. Para além disso, no contexto da Serra Dourada, a trilha se apresenta como local que além de possibilitar o turismo aliado às práticas educacionais, pode proporcionar experiências únicas com uma imersão cultural, possibilitando aos visitantes que percorrem a trilha pernoites, refeições e consumo dos serviços dos fazendeiros e moradores do Assentamento Serra Dourada, que vivem no entorno do caminho. Nesta perspectiva, o caminho do pai surge como uma possibilidade de se pensar o turismo através da comunidade local, envolvendo também os assentamentos rurais que estão próximos, como o Buriti Queimado e o Paraíso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se com o presente estudo que o turismo ocorre em diversos pontos da Serra Dourada. Através da pesquisa bibliográfica em fontes primárias e secundárias pode-se identificar a presença do turismo em diversas regiões onde também ocorrem outras atividades de exploração na serra. Dados evidenciados in loco através da pesquisa de campo exploratória. O mais importante aqui é destacar que o turismo é compreendido como uma ferramenta no olhar do pesquisador, que vivencia essa atividade em seu cotidiano e buscou através do presente estudo fazer uma abordagem territorial do Turismo na Serra Dourada.

Partindo de uma análise territorial do turismo, a pesquisa teve como objetivo principal compreender se o turismo contribui para a conservação do Cerrado e da

Serra Dourada. Percebeu-se que o turismo, como qualquer atividade econômica, caso continue ocorrendo sem regulamentação em Áreas de Proteção Ambiental, como evidenciado na pesquisa, pode impactar o cerrado de modo negativo, assim como qualquer uma das atividades que ocorrem na Serra Dourada sem regulamentação, como o garimpo, por exemplo. Entretanto, o turismo pode contribuir de algum modo para a conservação do cerrado e da Serra Dourada nos territórios de onde já se apropria, caso esteja aliado a práticas que tenham em sua proposta trabalhar elementos que estimulem a educação ambiental.

Especificamente, buscou-se caracterizar a Serra Dourada enquanto território turístico no Cerrado; analisar elementos conceituais sobre a natureza e a questão ambiental em sua perspectiva educacional; analisar o fenômeno turístico na Serra Dourada; levantar e sistematizar elementos que indiquem caminhos e desafios da Serra Dourada enquanto potencial para a conservação do Cerrado.

Nesta perspectiva, os dados levantados, possibilitaram compreender quais elementos existentes na Serra Dourada, como seus bens naturais, sua fauna e flora, sua biodiversidade assim como seus diversos usos, influenciam no processo de consolidação da prática turística, além de indicar como podem servir tais elementos para uma discussão pedagógica a partir da relação Turismo e Cerrado.

Portanto, considera-se a revisão da literatura e do uso de materiais e métodos que proporcionaram a realização desta pesquisa, acredita-se que o objetivo geral e os objetivos específicos foram alcançados como uma contribuição para a reflexão sobre o tema pesquisado.

A pesquisa bibliográfica possibilitou a compreensão dos conceitos de território e do turismo em suas diferentes modalidades. Também foi possível o levantamento e sistematização de documentos importantes que possibilitaram o entendimento da relação da serra com o turismo. É importante destacar que o pesquisador em questão é guia de turismo CADASTUR e vivencia a Serra cotidianamente. Portanto, a partir do entendimento dessa relação, foram feitas pesquisas de campo exploratórias em

diferentes locais na Serra Dourada possibilitando ao pesquisador, perceber locais em que o turismo ocorre de forma organizada, sendo possível se trabalhar o turismo de modo que possibilite a educação ambiental. Também foram evidenciados outros locais onde o turismo ocorre sem nenhuma regulamentação, o que possibilita a compreensão de que a atividade impacta tanto quanto qualquer outra, por não ser organizada.

Visa-se a possibilidade da construção de uma rede de turismo que integre as pessoas que vivem e sobrevivem da Serra Dourada, que como evidenciamos na pesquisa, influência e ao mesmo tempo é influenciada por diversos municípios que tem diversos interesses que a envolvem. Fato interessante é que a grande maioria das pessoas que usufruem destes espaços consolidados como atrativos na Serra Dourada em suas diferentes regiões são os sujeitos que moram em seu entorno, ocupando este território para seu lazer, sua integração com a natureza, proximidade com os familiares e também para sua sobrevivência. Como é o caso do Sr. Ivan, que em 20 anos de vivência na serra percebeu que ao invés de agredir o cerrado com as plantações buscando apenas sua sobrevivência, poderia utilizar o turismo como seu aliado garantindo a sobrevivência e permanência de ambos.

Este estudo evidenciou que o território da Serra Dourada, abrangido pelas áreas protegidas, está em constante disputa. Os garimpeiros, que desde o século XVII encontraram ouro e diamante, devastaram vastas regiões que continuam sendo exploradas até os dias atuais. Alguns fazendeiros buscam desmatar para a formação de pastagens e monoculturas. Há também os assentamentos, compostos por indivíduos que dependem das contribuições ambientais da serra, como água, fauna e flora.

Os ambientalistas, que compreendem a importância da Serra Dourada, buscam estratégias para protegê-la. A Universidade Federal de Goiás (UFG) tem sua Área de Proteção Ambiental (APA) destinada para pesquisas acadêmicas que visam uma maior compreensão do cerrado e das contribuições de suas espécies endêmicas

para a humanidade. Por fim, o turismo se apresenta como um fenômeno que ocorre na Serra Dourada desde que a região é conhecida.

No Parque da Carioca em Goiás, anseia-se por práticas turísticas pedagógicas que valorizem o meliponário, sendo possível de se trabalhar com as escolas de base, locais e externas, sobre a importância das abelhas polinizadoras para o cerrado, tendo o privilégio de se poder conviver com elas em harmonia em um parque municipal que está localizado na região considerada de maior biodiversidade no Vale do Rio Vermelho (Goiás, 2016).

Assim, se entende como necessário que haja uma gestão adequada destes locais, com o envolvimento dos assentamentos rurais e comunidades locais, buscando a adoção de medidas, como a criação de políticas públicas e organizações sociais, que visem garantir sua permanência e a preservação do Cerrado. Assim, se torna fundamental que o turismo seja transformado em atividade que promova o desenvolvimento sustentável, trazendo benefícios econômicos e sociais, sem comprometer o cerrado

Os resultados nos indicam, de forma geral, uma diversidade de pontos turísticos ou potencialmente turísticos situados na Serra Dourada e em seu território de entorno imediato, que são estratégicos no sentido da promoção de processos educativos em meio ambiente. Por outro lado, indicam também que o movimento turístico não tem ser revertido, de forma direta, na conservação do Cerrado na Serra Dourada, o que é devido em especial ao não envolvimento efetivo das pessoas que vivem nesse território.

O turismo em assentamentos pode ser uma ferramenta valiosa para a valorização do patrimônio cultural, a diversificação econômica e a preservação do meio ambiente na Serra Dourada. O turismo no espaço rural pode ser um agente mitigador do êxodo rural, diversificador econômico, mantenedor das paisagens e desmistificador de preconceitos. A prática de turismo em assentamentos rurais permite o despertar da comunidade quanto à valorização, salvaguarda e

empoderamento a respeito de seu patrimônio cultural (MOREIRA-GONÇALVES, 2020). O Instituto Brasil Rural destaca que os desafios econômicos, sociais e ambientais do Turismo Rural de Base Comunitária são interligados, dentro de uma dimensão de tempo, espaço, história, memória e territorialidade. Um dos primeiros desafios é o entendimento do espaço que habitam.

Em conclusão, a Serra Dourada é um território de rica biodiversidade e de grande importância histórica e cultural. No entanto, está sob constante pressão de diferentes setores. Torna-se crucial encontrar um equilíbrio entre a exploração de recursos e a conservação do meio ambiente para garantir a sustentabilidade da região.

O estudo realizado, muito mais do que apresentar resultados fechados, abre uma diversidade de linhas por onde deve-se avançar no estudo do turismo enquanto ferramenta para a conservação ambiental do Cerrado.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A.N. **Os domínios morfo-climáticos na América do Sul: primeira aproximação**. Geomorfologia, Instituto de Geografia/USP, São Paulo, 1977.

APPADURAI, A. **Sovereignty without territoriality: notes for a Postnational Geography**. In: **Yaeger, P. (ed.) The Geography of Identity**. Chicago: University of Michigan Press. 1996

AGÊNCIA GOIANA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E MINERAL - AGIM. **Diagnóstico do setor mineral goiano**. Goiânia: SIC, MME, AGIM, 2002.

BARBOSA, Altair. Sales. **Peregrinos do cerrado**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 5: 159-193, 1995.

Brasil. Ministério do Turismo. **Inventário da Oferta Turística**. Ana Clévia Guerreiro Lima (Coordenadora). Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

BESKOW, E.; MATTEI, L. **NOTAS SOBRE A TRAJETÓRIA DA QUESTÃO AMBIENTAL E PRINCIPAIS TEMAS EM DEBATE NA CONFERÊNCIA RIO + 20**. Revista NECAT - Ano 1, nº 2, p. 4-12, Jul-Dez de 2012.

CARLOS, C. J; GIRÃO, W. **A história do gavião-de-penacho, *Spizaetus ornatus*, na floresta Atlântica do nordeste do Brasil**. Revista Brasileira de Ornitologia 14 (4) 405-409. Dezembro de 2006.

CARNEIRO, V. A; ARAÚJO, G. R. R; SANTOS, J. C. V. **PARQUE ESTADUAL DA SERRA DOURADA (ESTADO DE GOIÁS): UM LABORATÓRIO A CÉU ABERTO PARA ESTUDOS DE GEODIVERSIDADE**. Revista Terceiro Incluído - v.11 / 2021.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la Modernidad**. México: Grijalbo.1990

CAMARGO, A; CAPOBIANCO, J. P. R.; OLIVEIRA, J. A. P. (Orgs.) **Meio ambiente Brasil: avanços e obstáculos pós-Rio 92**. São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Socioambiental; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

CASSETI, W. **Elementos de Geomorfologia**. Cegraf UFG. Goiânia 1990.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede (A Era da Informação, Vol. 1)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1999 (1996).

CASTRO, T. G. **Diversidade e estrutura genética de *Tibouchina papyrus* (melastomataceae) baseado em regiões não codificantes do DNA cloroplastidial**. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

CHAVEIRO, Eguimar, F. **Por uma leitura territorial do Cerrado: o elo perverso entre produção de riqueza e desigualdade social.** *Élisée, Rev. Geo. UEG – Goiás*, v.9, n.2, e922008, jul./dez. 2020

COHEN, E. (1984). **The sociology of tourism: approaches, issues, and findings.** *Annual Review of Sociology*, 10, 373-392. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2946023>

COSTA, V.C. 2006. **Proposta de manejo e planejamento ambiental de trilhas ecoturísticas: um estudo no Maciço da Pedra Branca - município do Rio de Janeiro (RJ).** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1991.
CNUMAD – Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1992: Rio de Janeiro). Agenda 21. Curitiba: IPARDES, 2001.

CRISTINA, G. GOIAS, S. T. D. E. **ABELHAS NATIVAS NO PARQUE DA CARIOCA.** Cidade de Goiás, Prefeitura de Goiás. 2023.

DANNI, J. C; DARDENNE, M. A; FUCK, R. A; RIBEIRO, M. J. **GEOLOGIA DA EXTREMIDADE SUDOESTE DA SERRA DOURADA (GOIÁS, BRASIL).** *Revista Brasileira de Geociências* Volume 3, 1973.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1972) **O Anti-Édipo.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

Dias, E. dos S. (2018). **OS (DES) ENCONTROS INTERNACIONAIS SOBRE MEIO AMBIENTE: DA CONFERÊNCIA DE ESTOCOLMO À RIO+20 - EXPECTATIVAS E CONTRADIÇÕES.** *Caderno Prudentino De Geografia*, 1(39), 06–33. Recuperado de <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/3538>

Eiten, G. 1977. **Delimitação do conceito de Cerrado.** *Arquivos do Jardim Botânico, Rio de Janeiro* 21: 125-134.

EISENLOHR, P. V. et al. Trilhas e seu papel ecológico: o que temos aprendido e quais as perspectivas para a restauração de ecossistemas? *Hoehnea*, v. 40 (3), p. 407-418, 2013.

FREIRE, P.M.O.; ALMEIDA, F.A.B. **Ecoturismo, educação ambiental crítica e formação de sujeitos ecológicos: convergências e desafios.** *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.11, n.4, ago 2018 /jan 2019, pp.561-587.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico.** São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

FUSTER, L.F. **Teoría y Técnica Del Turismo.** Madri: Nacional, 1973.

GALLI, Ubirajara. **Professor José Ângelo Rizzo, mistura de Árvore e Gente.** Fundação Cesar Biocchi. Acqua Vitae. Kelps. Goiânia, 2017.

GOIÁS, Cidade. **Decreto n. 63, de 15 de dezembro de 2016.** Cria o Parque Natural Municipal da Estrada Imperial e dá outras providências, 2016.

GOIÁS, Cidade. **Estudo Técnico para Criação do Parque Natural da Estrada Imperial,** Conselho Municipal de Meio Ambiente, 2016.

GOIÁS, Estado. **DECRETO Nº 4.866, DE 12 DE FEVEREIRO DE 1998.** D.O. de 17-02-1998.

GOIÁS TURISMO, Secretaria de Turismo do Estado de Goiás. **Inventário do Caminho de Cora Coralina.** Observatório do Turismo. Goiânia-GO, 2022.

GONZÁLES-GAUDIANO, E. B.; LORENZETTI, F. **Educação ambiental e desenvolvimento sustentável: uma análise das políticas públicas no Brasil.** Ambiente & Sociedade, v. 12 (2), p. 347-362, 2009.

GOOGLE. 2023. **Parque Estadual da Serra Dourada.** Google Maps. Disponível em: <<https://x.gd/bvWLx>>. Acesso em 05 set. 2023.

GOOGLE. 2023. **Santuário Ecológico Poço do Sucuri.** Google Maps. Disponível em: <<https://x.gd/6Wc1F>>. Acesso em 05 set. 2023.

GOOGLE. 2023. **Balneário e Clube Santo Antônio.** Google Maps. Disponível em: <<https://x.gd/ldNRS>>. Acesso em 05 set. 2023.

GOOGLE. 2023. **Parque natural Municipal da Estrada Imperial - Parque da Carioca.** Google Maps. Disponível em: <<https://x.gd/fdi8W>>. Acesso em 05 set. 2023.

GOOGLE. 2023. **Paredão em Buriti de Goiás - Balneário Rio Santo Antônio.** Google Maps. Disponível em: <<https://x.gd/CQYpD>>. Acesso em 05 set. 2023.

GOOGLE. 2023. **Cachoeira do Gigante - Itapuranga.** Google Maps. Disponível em: <<https://x.gd/wR363>>. Acesso em 05 set. 2023.

GOOGLE. 2023. **Caminho de Cora Coralina.** Google Maps. Disponível em: <<https://x.gd/9wHF5>>. Acesso em 05 set. 2023.

GOOGLE. 2023. -----. Google Maps. Disponível em: <_____>. Acesso em 05 set. 2023.

GOTTMAN, J. **La politique des États et sa Géographie.** Paris: Armand Colin.1952.

GUIMARÃES, Roberto P. **La sostenibilidad del desarrollo entre Rio 92 y Johannesburgo 2002: eramos felices y no sabemos.** Ambiente e Sociedade. Campinas: UNICAMP/Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, Ano IV, n. 9, p. 5-24, 2º sem. 2001.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2020.

HARVEY, D. **The Condition of Postmodernity**. Oxford: Basil Blackwell. 1989.

HEBNER GONÇALVES, G.; MENEGUZZO, I. S.; MORO, R. S. Políticas públicas para a conservação do Bioma Cerrado no estado do Paraná, Brasil. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v.13, n.1, p. 138-152, jan./abr. 2019.

INMET, Instituto Nacional de Meteorologia.

INGOLD, Tim. **“Humanity and Animality”**, in Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Londres, Routledge, 1994, pp. 14-32.

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. **Programa de monitoramento da Amazônia e demais biomas**. Avisos – Bioma Cerrado – 2021. Disponível em: <http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/downloads/>. Acesso em: 10/11/2022.

IBR – Instituto Brasil Rural. **OS DESAFIOS DO TURISMO RURAL COMUNITÁRIO NO BRASIL**. Disponível em: https://www.institutobrasilrural.org.br/navegacao.asp?id_menu=2&id_conteudo_exibir=116>. Acesso em 10 de jan. 2024.

IRVING, Marta de Azevedo e AZEVEDO, Julia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

KAWASAKI, A. D.; CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental crítica: reflexões conceituais e metodológicas**. *Educação e Pesquisa*, v. 35 (1), p. 153-167, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. Atualização da edição João Bosco Medeiros - 9. ed. - [Reimpr.]. - São Paulo: Atlas, 2022.

LATOUCHE, S. **A Ocidentalização do Mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária**. Petrópolis: Vozes.1994 (1989).

LATOUR, B. 1991. **Nous n'avons jamais été modernes**. Paris: La Découverte.

LÉVY, P. **O que é Virtual**. São Paulo: Editora 34.1996.

_____. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola.1998 (1994).

LIMA, Elder Rocha. **Guia Afetivo da Cidade de Goiás**. IPHAN / 14ª Superintendência Regional. Brasília, DF, 2008.

LIMA, Fernanda Rodrigues. **Parque Estadual da Serra Dourada: Uma opção para o ecoturismo, seu cenário atual e perspectivas Futuras**. Brasília 2004.

LINO, J. M. **O Parque Estadual Serra Dourada e o Valor de Existência**. CESH. Universidade Estadual de Goiás. Anápolis-GO, 2021.

LICKORISH, L. J., & Jenkins, C. L. (1997). **An introduction to tourism**. Butterworth-Heinemann. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Larry-Lickorish/publication/287601625_An_Introduction_to_Tourism/links/57e00cde08ae8a7b2edc2f94/An-Introduction-to-Tourism.pdf

MACHADO, A. I. M. R. **Melastomataceae do Parque Estadual da Serra Dourada, Goiás**. Instituto de Biologia Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal Universidade Federal de Uberlândia, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12445/1/MelastomataceaeParqueEstadual.pdf>>. Acesso em 10 de fev. 2023.

MACHADO, C. P. **Ecoturismo: uma atividade em expansão**. In: OLIVEIRA, A. L. de (Org.). **Ecoturismo: oportunidade de desenvolvimento sustentável**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 11-30.

MAGALHÃES, L. H. **Discussão crítica acerca do turismo numa perspectiva materialista histórica**. Revista Caderno Virtual de Turismo, v. 8, n. 2, p. 95-104, Rio de Janeiro, 2008.

MARTINS, A. B. **MELASTOMATACEAE**. Parte integrante da Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo, vol. 6. ISBN 978-85-7523-057-2 (online). Martins, A.B. (coord.) 2009. **Melastomataceae** In: Martins, S.E., Wanderley, M.G.L., Shepherd, G.J., Giulietti, A.M., Melhem, T.S. (eds.) **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. Instituto de Botânica, São Paulo, vol. 6, pp: 1-168.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Livro Primeiro, vol. I, 1989.

M&E, Mercado e Eventos, **Turismo mundial sobe e registra 1,5 bi de chegadas de turistas internacionais em 2019, diz OMT**. Disponível em:<<https://x.gd/beiAU>>. Acesso em 10 de ago. 2023.

MENDONÇA, Diego, Pinto de. **Caminho de Cora Coralina em Goiás : significados, usos e relações sociais**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás,Cidade de Goiás, 2021.

MENDONÇA, D. P.; SANTOS, J. C. V.; CARNEIRO, V. A. **Relato de experiência sobre a geodiversidade no Parque Estadual da Serra Dourada**. Revista Mirante, Anápolis, v. 13, n. 2, p. 22-36, dez. 2020.

MENDONÇA, D, P.; PIZZOLITTO, N.; SANTOS, J. C. V. **PARQUE NATURAL MUNICIPAL DA ESTRADA IMPERIAL: POTENCIALIDADES PARA O ECOTURISMO**. Revista Territorial, Cidade de Goiás, v. 8, n. 1, p. 14-28, 2019. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/territorial/article/view/10473/7487>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MÉSZÁROS, István. **Produção destrutiva e Estado capitalista**. São Paulo: Ensaio, 1996.

_____. **A necessidade do controle social**. São Paulo: Ensaio, 1987.

MOREIRA GONÇALVES, G. Leonardo. **Turismo no espaço rural como instrumento de valorização patrimonial em assentamentos de reforma agrária: o caso de Rosana, São Paulo**. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/download/76863/43668>>. Acesso em 1 de fev. 2024.

MTUR, Ministério do Turismo, 2010. **ECOTURISMO: Orientações Básicas**. Disponível em: <Livreto Ecoturismo.indd (www.gov.br)>. Acesso em 10 de ago. 2023.

MTUR, Ministério do Turismo, 2023. **Turismo será responsável por quase 8 milhões de empregos e 7,8% do PIB do Brasil em 2023, indica WTTC**. Disponível em: <<https://x.gd/iOQdN>>. Acesso em 10 de ago. 2023.

MITCHELL, D. 2000. **Cultural Geography**. Oxford e Malden: Blackwell Publishers.
MOREIRA, Fernando Feliciano. **QUARTZITOS DAS PEDREIRAS DE BURITI DE GOIÁS (GO): PAISAGENS DE INTERESSE GEOMINEIRO À LUZ DA GEOCONSERVAÇÃO**. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGEU UEG Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás, 2023.

NEGRI, A. e HARDT, M. **Império**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record. 2001 (2000).

OLIVEIRA, W,N. **Estudo de Redelimitação do Parque Estadual Serra Dourada-GO Utilizando dados espaciais**. Novas Edições Acadêmicas, Goiânia-GO, 2017.

ONU, Organização das Nações Unidas. **História das Nações Unidas**. Disponível em: <<https://www.un.org/es/about-us/history-of-the-un>>. Acesso em 10 de set. 2022.

_____. **História dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. Disponível em: <<https://sdgs.un.org/goals#history>>. Acesso em 10 de set. 2022.

_____. **Acordo de Paris**. Disponível em: <<https://sdgs.un.org/frameworks/parisagreement>>. Acesso em 10 de set. 2022.

_____. **Fórum Político de Alto Nível sobre Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://hlpf.un.org/>>. Acesso em 10 de set. 2022.

O POPULAR. **Unidade ambiental existe há 46 anos**. O Popular, 2014. Disponível em: <<https://opopular.com.br/noticias/cidades/unidade-ambiental-existe-h%C3%A1-46-anos-1.576585>>. Acesso em: 10 de fev. 2023.

OHMAE, R. **O Fim do Estado Nação: a ascensão das economias regionais**. Rio de Janeiro: Campus.1996 (1995).

PÁDUA, J. A. **A Ocupação do Território Brasileiro e a Conservação dos Recursos Naturais**. In. Unidades de Conservação: Atualidades e Tendências, organizado por

M. Milano, L. Takahashi e M. Nunes, Fundação O Boticário, Curitiba, 2004. Disponível em: <<https://arquivos.ambiente.sp.gov.br/cea/2011/12/JoseAPadua.pdf>>. Acesso em: 10 de fev. 2023

PASSOS, Elder Camargo de. **Goyaz: de arraial a patrimônio Mundial**. Goiânia: Kelps, 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Formação sócio-espacial e questão ambiental no Brasil**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio et al. (Org.) Geografia e meio ambiente no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1995. p. 309-333.

_____. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Sustentando a insustentabilidade: Comentários à Minuta Zero do documento base de negociação da Rio+20**. *EcoDebate*, 2012b. Disponível em: <<http://racismoambiental.net.br/2012/01/sustentando-a-insustentabilidade-comentarios-a-minuta-zero-do-documento-base-de-negociacao-da-rio20-por-carlos-walter-porto-goncalves/>> Acesso em: 02 set. 2012.

PINHEIRO, Antônio César Caldas. **Os Tempos Míticos das Cidades Goianas: Mitos de Origem E Invenção De Tradições**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/PINHEIRO_Ant_nio_C_sar_Caldas_2003.pdf>. Acesso em 28 de jul. 2021.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. 266 p.

RAMIDOF, T. A. **PRINCIPAIS PRODUTOS FLORESTAIS NÃO MADEIREIROS CONHECIDOS, COLETADOS E COMERCIALIZADOS POR FAMÍLIAS DO SÍTIO HISTÓRICO E PATRIMÔNIO CULTURAL KALUNGA**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. 2022.

RATZEL, F. **O solo, a sociedade e o estado**. Revista Do Departamento De Geografia, 2, 93-101, 2011.

RATZEL, F. **Géographie Politique**. Paris: Economica.1988.

_____. **Geografia do homem (Antropogeografia)**. In: Moraes, A. (org.) Ratzel. São Paulo: Ática. 1990.

GOIÁS, Cidade de. **Relatório do Mapa do Turismo da Cidade de Goiás, patrimônio Mundial 2023**. Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Cidade de Goiás, 2023.

RIBEIRO, J.F. e WALTER, B.M.T. **Fitofisionomias do Bioma Cerrado**. In: Sano, S. M.; Almeida, S.P. (Eds). Cerrado: Ambiente e Flora. Planaltina: Embrapa/CPAC, p 87-166, 1998.

RIBEIRO, J.F.; S.M. Sano; J. A. da Silva. 1981. **Chave preliminar de identificação dos tipos fisionômicos da vegetação do Cerrado**. p. 124-133 In: Anais do XXXII Congresso Nacional de Botânica. Sociedade Botânica do Brasil, Teresina, Brasil.

RIBEIRO, Wagner C. **A ordem ambiental internacional**. São Paulo: Contexto, 2001.

RICUPERO, Rubens. **O triunfo de Drácula**. Folha de S. Paulo. Caderno Dinheiro. 30 jan. 2005.

RODRIGUES, Arlete M. **Desenvolvimento sustentável: dos conflitos de classes para o conflito de gerações**. In: SILVA, José B. da; LIMA, Luiz C.; DANTAS, Eustogio W. (Org.) Panorama da Geografia Brasileira. São Paulo: ANPEGE - Ed. Annablume, vol. 2, 2006, p. 77-100.

RODRIGUES, M. Marcelo; PELÁ, Márcia. **O Cerrado Goiano Numa Encruzilhada de Tempos: Os Territórios em Disputa e as Novas Territorialidades do Conflito**. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL. 2011.

ROSA, Daniela Almeida. **Potencialidade paisagística da Serra do Gigante em Itapuranga/GO**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia. 2020.

ROSA. M. J, ARIOLI. J. C, ABATTI. R, AGOSTINETTO. L, BOTTON. M. **POLINIZADORES EM PERIGO: POR QUE NOSSAS ABELHAS ESTÃO DESAPARECENDO?**. IV Simpósio Internacional de Ciência, Saúde e Território. 2017. Disponível em:<<https://x.gd/8H0vy>>. Acesso em 05 set. 2023.

SANTOS, M. **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec e ANPUR. 1994.

SANTOS, Cleide. N. **As políticas de desenvolvimento rural e o turismo no espaço rural: os casos dos municípios de Rosana, Presidente Epitácio (São Paulo, Brasil), Santiago de Compostela e Padrón (Galícia, Espanha)**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2018.

SANTOS, J. C. V. **Vidas Oleiras: uma viagem pela tradição e arte**. São Paulo: All Print Editora, 2021

SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press.1986.

SAWYER, Donald. **População, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável no Cerrado**. Brasília, 2002. Disponível em:<<https://www.researchgate.net/profile/Donald-Sawyer->

3/publication/267773958_Populacao_Meio_Ambiente_e_Desenvolvimento_Sustentavel_no_Cerrado/links/566ea27f08ae1a797e406d74/Populacao-Meio-Ambiente-e-Desenvolvimento-Sustentavel-no-Cerrado.pdf>. Acesso em 5 de ago de 2022.

SEMAD, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Estado de Goiás. **Os Grupos de Unidades de Conservação**. Disponível em: <<https://www.meioambiente.go.gov.br/aceso-a-informacao/118-meio-ambiente/unidades-de-conserva%C3%A7%C3%A3o/1304-os-grupos-de-unidades-de-conserva%C3%A7%C3%A3o.html>>. Acesso em 12 de ago de 2021.

SERRA, Vale, Mel. **Sejam bem-vindos!**. Goiás, 02 abr. 2022. Instagram: @melvaledaserra. Disponível em: <<https://x.gd/aLQR0>>. Acesso em 08/09/2023.

SIGEP. Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos - ABC ABEQUA CPRM DNPM IBAMA IBGE ICMBio IPHAN PETROBRAS SBE SBG SBP UGB. **Escala do Tempo Geológico**. Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/fig/EscalaTempoGeologico.htm>>. Acesso em 10/02/2023.

SOARES, Maria C. C. **A conferência da ONU e o financiamento para a Agenda 21**. In: ACSELRAD, Henri. (Org.) Meio Ambiente e Democracia. Rio de Janeiro: IBASE, 1992, p. 108-114.

SOUZA, José Gilberto de. **Limites do território**. Agrária (São Paulo. Online), n. ° 10-11, 99-130. 2009

STEDILE, J.P. **A questão Agrária no Brasil**. História e natureza das Ligas Camponesas -1954-1964. São Paulo. Editora Expressão Popular, 2006.

WILLIAMS, P. W. (2002). **Tourism geography: a new synthesis**. Routledge. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780203467189/tourism-geography-peter-williams>